

**Referenciais para o ensino
de Língua Brasileira de Sinais
como primeira língua na
Educação Bilíngue de Surdos:**
da Educação Infantil ao Ensino Superior

Marianne Rossi Stumpf
Ramon Santos de Almeida Linhares
Organização

Volume 2

Ensino de Libras como L1 na

Educação Infantil



MARIANNE ROSSI STUMPF
RAMON SANTOS DE ALMEIDA LINHARES
(ORGANIZAÇÃO)



Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos:

da Educação Infantil ao Ensino Superior



Volume 2

Ensino de Libras como L1 na Educação Infantil

REALIZAÇÃO

APOIO

PRODUÇÃO



Copyright © Marianne Rossi Stumpf; Ramon Santos de Almeida Linhares, 2021

ISBN 978-85-8412-036-9

Coleção: *Ensinar e aprender em Libras* | Obra: *Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior*

Vol. 1 – Fundamentos históricos e conceituais para curricularização da Libras como primeira língua

Vol. 2 – Ensino de Libras como L1 na Educação Infantil

Vol. 3 – Ensino de Libras como L1 no Ensino Fundamental

Vol. 4 – Ensino de Libras como L1 no Ensino Médio

Vol. 5 – Ensino de Libras como L1 no Ensino Superior

1ª edição 2021

Os direitos desta obra são reservados à editora Arara Azul.

Os textos destas coleções são de responsabilidade exclusiva dos autores. É permitida sua reprodução, total ou parcial, desde que seja citada a fonte. A reprodução não declarada dos conteúdos desta publicação constitui violação do copyright (Lei nº 9.610/1998).

Esta obra foi contemplada pelo Edital 09/PPGL/2021 sob o sistema da PROEX/UFSC, Nº do Processo: 23038.008664/2021-28.

Material distribuído gratuitamente e não deve ser comercializado.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

STUMPF, Marianne Rossi; LINHARES, Ramon Santos de Almeida (org.).

Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior, Vol. 1 [livro eletrônico] / texto final coletivo: vários autores et. al.]. 1ª edição. Petrópolis, RJ : Editora Arara Azul, 2021.

302 p.: il. ; 23 x 30 cm – (Vol. 2 / Coleção: *Ensinar e aprender em Libras*)

ISBN: 978-85-8412-029-1

1. Educação Bilíngue de Surdos. 2. Currículo. 3. Libras. I. Título.

CDD 370 (117)

EDITORA ARARA AZUL

Rua A, Condomínio Vale da União, casa 20, Araras, Petrópolis – RJ – Brasil. CEP: 25725-055.

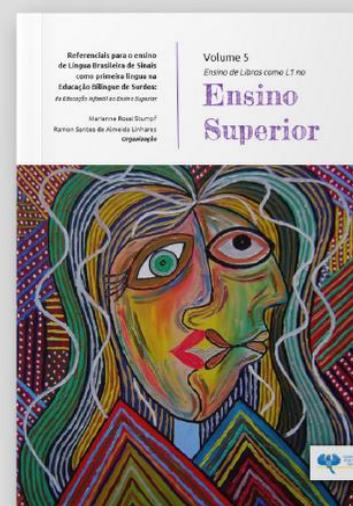
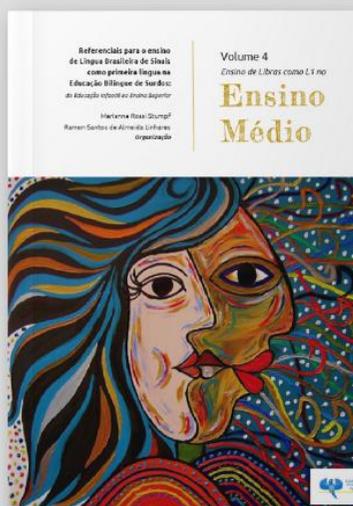
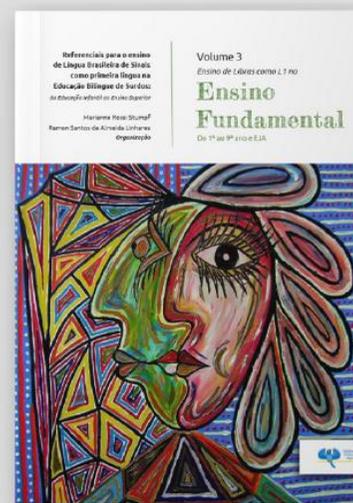
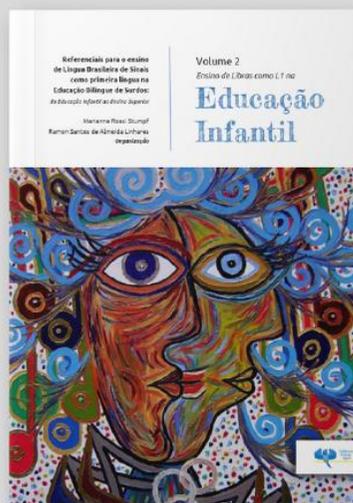
Celular/WhatsApp:(24) 98828-2148 | E-mail: eaa@editora-arara-azul.com.br

www.editora-arara-azul.com.br



Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior

Obra coletiva, composta por cinco volumes, produzida por pesquisadores surdos e ouvintes bilíngues como resposta às novas demandas da **Educação Bilíngue de Surdos** como modalidade especializada de educação no Brasil.



**Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais
como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos:
*da Educação Infantil ao Ensino Superior***

PESQUISADORES-AUTORES DESTA OBRA

Aline Lemos Pizzio			Marcos Luchi
Bruno Gonçalves Carneiro			Maria Mertzani
Carilissa Dall'Alba			Marianne Rossi Stumpf
Carina Rebello Cruz			Marilyn Mafra Klamt
Charley Pereira Soares			Marisa Dias Lima
Cristiane Lima Terra Fernandes			Rachel Sutton-Spence
Débora Campos Wanderley			Ramon Santos de Almeida Linhares
Elias Paulino da Cunha Junior			Rodrigo Nogueira Machado
Felipe Venâncio Barbosa			Ronice Müller de Quadros
Francielle Cantarelli Martins			Shirley Vilhalva
Guilherme Nichols			Simone Gonçalves de Lima da Silva
Jair Barbosa da Silva			Sônia Marta de Oliveira
Juliana Lohn			
Kátia Lucy Pinheiro			Vanessa Regina de Oliveira Martins

PRODUÇÃO EXECUTIVA DESTA PESQUISA E SUA PUBLICAÇÃO

COORDENAÇÃO GERAL DA PESQUISA

Prof.^a Dra. Marianne Rossi Stumpf

ORGANIZAÇÃO GERAL DA OBRA

Prof.^a Dra. Marianne Rossi Stumpf

Prof. Me. Ramon Santos de Almeida Linhares

COORDENAÇÃO DE GRUPOS DE TRABALHO

Prof.^a. Dra. Débora Campos Wanderley

Prof.^a. Dra. Francielle Cantarelli Martins

Prof. Dr. Marcos Luchi

Prof.^a. Dra. Ronice Müller de Quadros

Prof.^a. Dra. Sônia Marta de Oliveira

CONSULTORAS TÉCNICO-PEDAGÓGICAS

Prof.^a. Dra. Adriane Melo de
Castro Menezes (UFRR)

Prof.^a. Dra. Ana Regina e
Sousa Campello (INES)

Prof.^a. Dra. Gabriela Rizo (UFRRJ)

Prof.^a. Dra. Patrícia Luiza

Ferreira Rezende-Curione (INES)

PARECERISTAS DA FEDERAÇÃO

NACIONAL DE EDUCAÇÃO

E INTEGRAÇÃO DE SURDOS (FENEIS)

Prof.^a. Me. Cintia Caldeira da Silva (UnB)

Prof.^a. Dra. Daniela Prometi (UnB)

Prof.^a. Dra. Karin Lilian Strobel (UFSC)

Prof. Esp. Jusélio Mattos do Amaral (UnB)

Prof. Me. Magno Prado

Gama Prates (FENEIS; UNIR)

Prof.^a. Me. Maria Fátima Félix Nascimento (IFB)

Prof.^a. Dra. Patrícia Luiza Ferreira

Rezende-Curione (INES)

Prof.^a. Me. Renata Cristina Fonseca de Rezende (IFB)

REVISÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Bruna Crescêncio Neves

Bruno Gonçalves Carneiro

Carina Rebello Cruz

Cristiane Lima Terra Fernandes

Jair Barbosa da Silva

Sandra Patrícia Nascimento

Sônia Marta Oliveira

PREPARAÇÃO E REVISÃO FINAL

DE LÍNGUA PORTUGUESA

Fernanda Silveira

ILUSTRAÇÕES

Helenne Schroeder Sanderson

Maurício Barreto Silva

ARTISTAS SURDOS HOMENAGEADOS

Bruno Vittal

Candy Uranga

Coletivo Corpossinalizante

Fábio Gonçalves

Fábio Sellani

Gabriel Isaac

Klima Coutinho

Lucas Ramon “Tikinho”

Marcos Anthony

Ralph Odrus

ESTRUTURAÇÃO GERAL DO TEXTO,

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Ramon Santos de Almeida Linhares

ARTES DAS CAPAS

Obras do artista surdo

Marcos Anthony – Belo Horizonte, MG



Um espaço dedicado à cultura e à diversidade



Ler em Libras

GERENTE EDITORIAL E DE PROJETOS

Clélia Regina Ramos

ASSISTENTE EDITORIAL

Karine de Fátima Ribeiro da Cruz

Missão:

A Arara Azul, com suas três empresas, Editora Arara Azul, Arara Azul Educacional e Centro Virtual de Cultura Surda e Diversidade, tem por MISSÃO o desenvolvimento de ações destinadas à valorização das línguas gestuais, orais e/ou escritas, à promoção das culturas surda e ouvinte e à aceitação das diversidades humanas.

Objetivos:

- Produzir materiais e ofertar serviços tendo como público-alvo pessoas surdas e profissionais que atuam na área da surdez.
- Registrar fatos e acontecimentos relativos às comunidades surdas brasileira e internacional.
- Incentivar estudos e pesquisas produzidos por surdos e para os surdos.
- Divulgar ideias e abrigar diferentes correntes de opinião sobre assuntos do interesse das pessoas com surdez.
- Fortalecer discussões entre aqueles que, como nós, lutam por uma sociedade mais humana e mais justa para todos, independentemente de se tratar de pessoas surdas ou pessoas ouvintes.

A **Editora Arara Azul Ltda** pretende ser o local onde todos aqueles que desejam ampliar conhecimentos sobre variados temas relativos ao universo das pessoas surdas e/ou pertinentes aos profissionais que atuam na área da surdez tenham a oportunidade de buscar, analisar e socializar informações e conhecimentos.



Palavras da Federação Nacional De Educação e Integração dos Surdos



Ler em Libras

A Federação Nacional De Educação e Integração dos Surdos (Feneis), inscrita no CNPJ 29.262.052/0001-18, tendo suas atividades reconhecidas como de Utilidade Pública na esfera Federal, Estadual e Municipal, sendo filiada à Federação Mundial dos Surdos (WFD), atua enquanto entidade filantrópica, sem fins lucrativos, com escopo sociocultural, assistencial e educacional, tendo por objetivo a defesa e a luta pelos direitos da Comunidade Surda Brasileira. Após leitura e análise de comitê técnico, e em conjunto com a Diretoria da Feneis, vem se manifestar nos termos abaixo declinados:

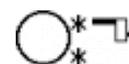
Ao cumprimentá-los cordialmente, a Feneis vem por meio desta declaração reconhecer o grupo de trabalho composto por surdos e ouvintes bilíngues para o desenvolvimento desta pesquisa que culmina nesta obra singular. Uma base teórica, histórica e curricular que fundamenta a criação da disciplina de Libras como primeira língua para estudantes surdos brasileiros. Valiosa proposta que será disposta tanto para criação da disciplina de Libras, assim como para que os professores de Libras criem suas ementas, planos de curso, planos de aulas e projetos, seja nas Escolas Bilíngues de Surdos, ou para os diversos outros espaços educacionais.

Apoiamos o intenso trabalho desenvolvido por toda equipe desta obra, com destaque aos 26 pesquisadores professores surdos e ouvintes bilíngues, reforçando o modelo de articulação entre agentes da comunidade surda e a Feneis. Esta parceria, que há muitos anos se repete como um processo fundamental, visa garantir o diálogo entre a riqueza da experiência acumulada em pesquisa e docência para com o trabalho a luta pelos direitos humanos, com foco nos direitos linguísticos e educacionais; bases fundamentais das pautas de nossa instituição. Como parte desses projetos, vemos a construção e publicação desta pesquisa como uma forte ferramenta de aprimoramento da qualidade de ensino escolar ofertado aos estudantes Surdos, Surdocegos, com deficiência auditiva sinalizantes, com altas habilidades/superdotação, com múltiplas deficiências, entre outros perfis.

Diante do exposto, ratificamos que a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, cortesmente, vem *atribuir grande reconhecimento* ao trabalho intitulado: dos “*Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior*” conforme consta de acordo com os demais na diretoria da FENEIS.

Prof.^a Dra. Flaviane Reis

Diretora de Política Educacional e Linguística da Feneis
Uberlândia, 03 de maio de 2021. Base no ofício PRE nº: 23/2021





A Comunidade Surda brasileira se levantou e disse:

“Esta é a educação que nós, surdos, queremos!”.

Alguns anos depois, este documento que você tem em mãos é, enfim, uma das respostas mais diretas a esse pedido.

Desejamos que esta obra transforme as práticas de ensino no chão da escola onde caminham os surdos. E que, pela ética e pelo respeito a esses estudantes, surdos e ouvintes assumam uma postura de valorização da língua, da cultura e dos saberes surdos.

Equipe desta obra



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO GERAL:	
aos professores de Libras.....	18
PARTE 5	
Ensinar Libras na Educação Infantil Bilíngue de Surdos.....	29
PRIMEIROS PASSOS:	
olhar atento ao ensino de Libras na Educação Infantil Bilíngue de Surdos.....	31
O DEBATE.....	33
1. A Libras na Educação Infantil Bilíngue de Surdos.....	35
A Libras e a cultura surda na base da Educação Infantil.....	36
O professor bilíngue da Educação Infantil.....	37
2. Relevância da Libras nessa idade-série.....	38
Aquisição da Libras nas fases iniciais da vida.....	38
Efeitos da aquisição tardia da Libras.....	39
Aquisição precoce ou tardia da Libras associada às alterações na área da linguagem.....	41
3. Campos do ensino da Libras na Educação Infantil Bilíngue de Surdos.....	43
Língua: aquisição da Libras.....	44
Comunidade: pertencimento e interação.....	45
Identidade: percepção e cuidado de si.....	46
Desenvolvimento: saberes físicos e intelectuais.....	46
4. Competências e habilidades em Libras na Educação Infantil Bilíngue de Surdos.....	48
Bebês (0 a 1 ano e 6 meses).....	48
Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses).....	51
Crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses).....	54
5. Sugestões de temas, atividades e abordagens.....	58
Bebês (0 a 1 ano e 6 meses).....	58
<i>Literatura surda: estratégias com bebês surdos.....</i>	<i>59</i>

<i>Espelho: a percepção da expressividade</i>	61
<i>Comunicação entre o professor bilíngue e os bebês surdos</i>	64
Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	67
<i>Formação dos sinais</i>	68
<i>Literatura surda: histórias infantis narradas em Libras</i>	70
Crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses)	72
<i>Parâmetros da Libras: jogos e ludicidade</i>	72
<i>Literatura surda: estratégias com crianças pequenas</i>	76
<i>Literatura surda: histórias sinalizadas em vídeos</i>	78
<i>Artes surdas</i>	79
<i>Atividades físicas</i>	81
<i>Diálogos entre a Libras e a aprendizagem da escrita de sinais</i>	81
6. Elementos e formas de avaliação de Libras	83
SUGESTÃO 1.....	84
SUGESTÃO 2	84
SUGESTÃO 3	85
SUGESTÃO 4.....	85
7. A formação do professor bilíngue da Educação de Surdos orientada aos direitos de aprendizagem	86
Direito de aprender em convivência.....	89
Direito de aprender brincando	90
Direito de aprender participando.....	91
Direito de aprender por exploração	93
Direito de aprender pela autoexpressão.....	94
Direito de aprender se conhecendo.....	95
Considerações Finais da Parte V	97
Bibliografia sugerida para aprofundamento	99
REFERÊNCIAS	105
PALAVRAS FINAIS:	
referenciais para um ensino de Libras em que os Surdos sejam referência	110
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES	118
Pequeno glossário alusivo desta obra	119
Equipe Desta Obra.....	128
Artistas Surdos/as homenageados/as nesta coleção	141

**Referenciais para o ensino
de Língua Brasileira de Sinais
como primeira língua na
Educação Bilíngue de Surdos:**
da Educação Infantil ao Ensino Superior

APRESENTAÇÃO

GERAL:

aos professores de Libras



**ARTISTA SURDO HOMENAGEADO
NA CAPA DESTA SEÇÃO**

Marcos Anthony – Belo Horizonte, BH

Aos professores de Libras

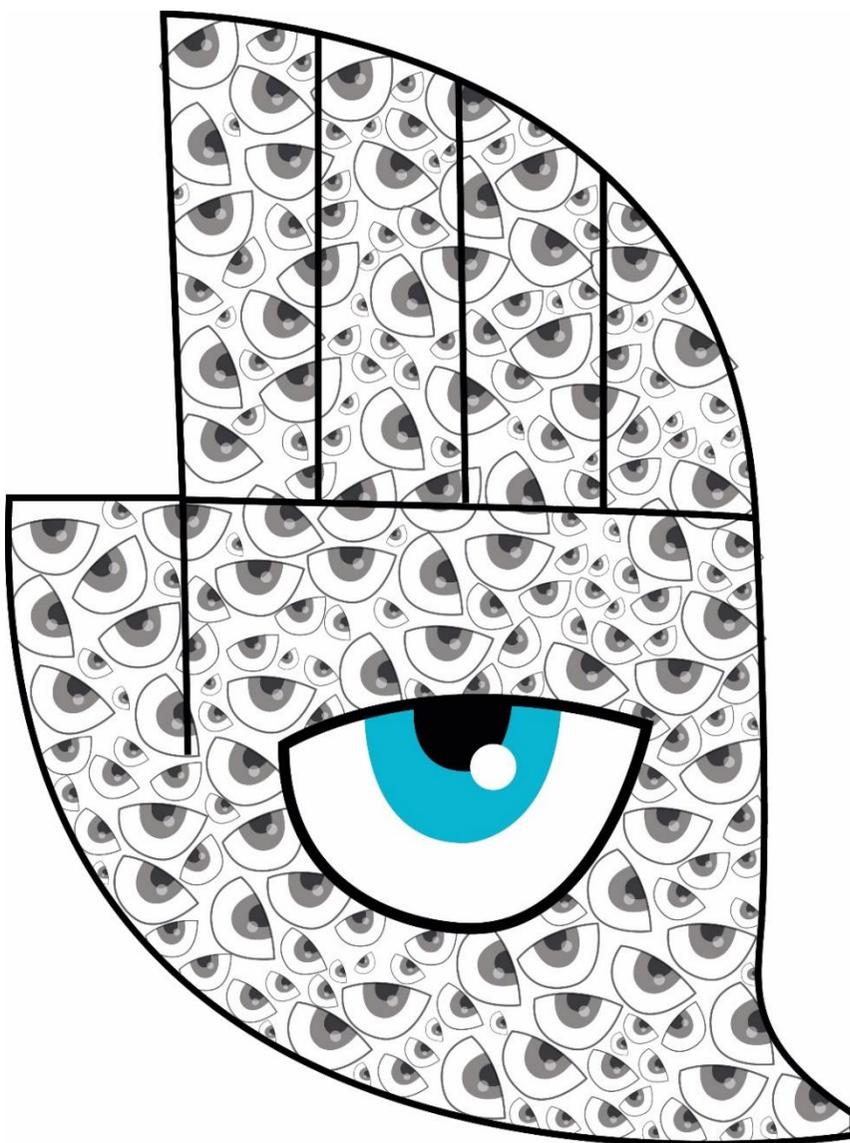


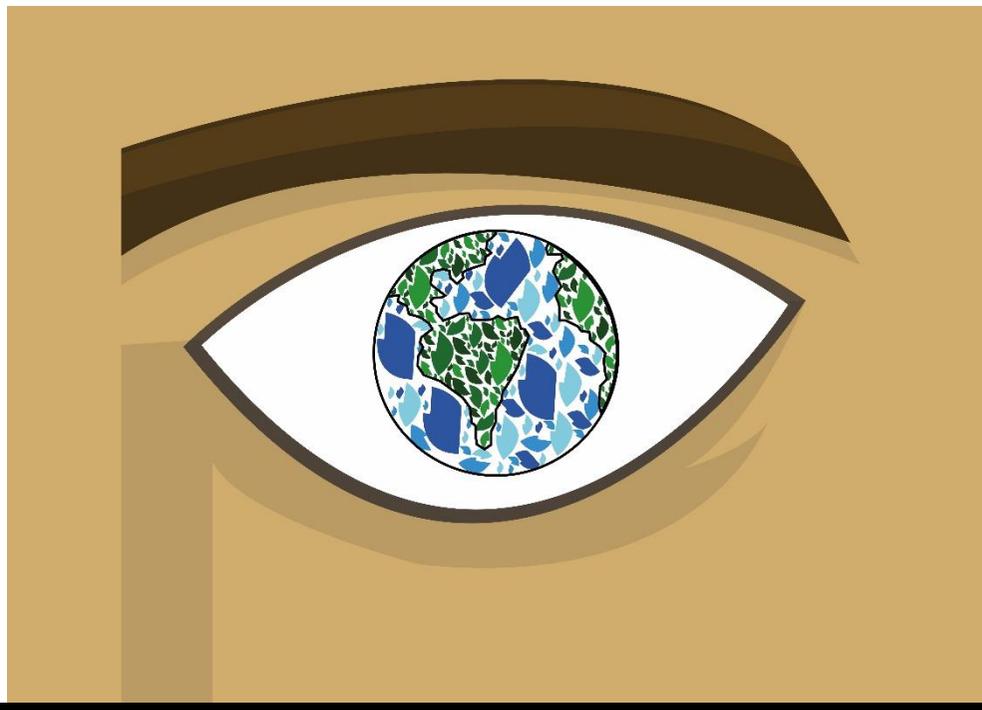
LER EM
LIBRAS



Acesse também pelo link:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLR05wt7Pxblnh0z7zG5tzjSlqlUXz8Ze>





**Artista surdo
homenageado
nesta seção**

*‘Mãos dos
surdocegos’*

*‘Aprender os sinais
da Libras’*

Fabio Gonçalves –
São Paulo, SP

Todos nós compartilhamos lembranças muito significativas sobre algum professor ou professora com quem nos encontramos ao longo de nossas vidas. É consenso social que esses profissionais estão na base da formação das outras profissões. Em alguns casos, esses professores estavam nas escolas, mas, em tantas outras situações, sempre existiram pessoas na função de educadores/as – por mais que não respondesse formalmente pela profissão docente. A **educabilidade** se dá em uma dinâmica mediada pela percepção e pelas várias linguagens que a atravessam. Por isso, ensinar e aprender é um movimento que acontece em constante fluxo e dinamicidade. Uma relação integral dada para além das paredes das salas de aula, ou das fronteiras impostas entre corpo e cognição. Quantos de nós ainda lembramos de aprender a falar o nome das coisas que queríamos para que algum familiar nos atendesse um desejo e logo depois de aprender as letras daquelas palavras na escola, a dividir uma sobremesa em partes iguais para todo mundo e logo a armar e calcular uma “continha”? As fronteiras do que podemos aprender e ensinar por meio desses diferentes **jogos de linguagem** que passamos ao longo da vida, quando orientados às pessoas surdas estão, no centro da pesquisa que compartilhamos com vocês nesta publicação.

A maneira de olhar para os estudantes surdos tem mudado nos últimos anos. Essas novas perspectivas – ainda que em disputa com o estabelecido olhar capacitista – tem exigido aos professores que observem atentamente como o

ensinar e o aprender, mediados por línguas e linguagens humanas, acontecem e podem acontecer nas pistas que nos dão as vivências de pessoas e comunidades surdas. Crianças surdas quando chegam nas escolas, ambientes formais e dirigidos e ensino e aprendizagem, veem com uma bagagem própria e parcialmente diferenciada daquela compartilhada por crianças ouvintes que foram expostas às línguas orais de suas comunidades e famílias. Reforçamos que as crianças surdas não chegam com um problema em si, mas em desvantagem por um problema estrutural imposto a maioria delas: **a privação de línguas e linguagens** acessíveis às potencialidades de seus corpos.

Não apenas a equipe dessa publicação, mas diversos outros agentes têm trabalhado ao longo dos anos para corrigir as desigualdades sociais impostas às pessoas surdas. Uma luta, cada vez mais protagonizada por pessoas surdas, na qual a afirmação da **Língua Brasileira de Sinais** e da **Cultura Surda** tem se apresentado como bandeira e principal marcador social da diferença surda. Um dos marcos mais significativos dessa empreitada é a inclusão da Educação Bilíngue de Surdos como modalidade de ensino na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB)¹. Esse movimento responsabiliza as instancias públicas para com a efetivação da educação de surdos orientada ao **bilinguismo Libras/Língua Portuguesa**, ao mesmo que permite que pesquisadores, docentes e diversos outros profissionais que atuam nesse contexto reúnam e debatam a educação de surdos a nível nacional.

A ânsia por políticas para a Libras, ao nosso ver, precisa constantemente se avaliar na observação do lugar das pessoas surdas na criação e implementação dessas ações e normativas. Por isso, ainda que muitos se lembrem das relações entre o que se “ouviu” em casa em o que “ouviu” dos professores, até então maioria das crianças surdas brasileiras falantes de Libras foram privadas da oportunidade de **saber em Libras**. Tanto quanto a visibilidade de estudantes surdos, os/as professores/as de Libras são figuras recentes e ainda estranhas à realidade escolar em nosso país. E, logo que estejam presentes, se pensa rapidamente em como ensinar Libras aos ouvintes desses lugares. Mas o que essa pesquisa se pergunta é: quem serão dos professores de Libras dos estudantes surdos? E, principalmente: o que os/as professores/as de Libras ensinaram ao longo da experiência escolar desses estudantes surdos?

Por isso, é com imensa satisfação que compartilhamos os **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos**. Um lançamento que culmina não apenas no resultado de uma pesquisa de coletiva de dois anos e meio, mas que marca este momento da Educação Bilíngue de Surdos em nosso país. O texto que aqui segue reúne uma

¹ Cf. Lei N° 14.191, de 3 de agosto de 2021.

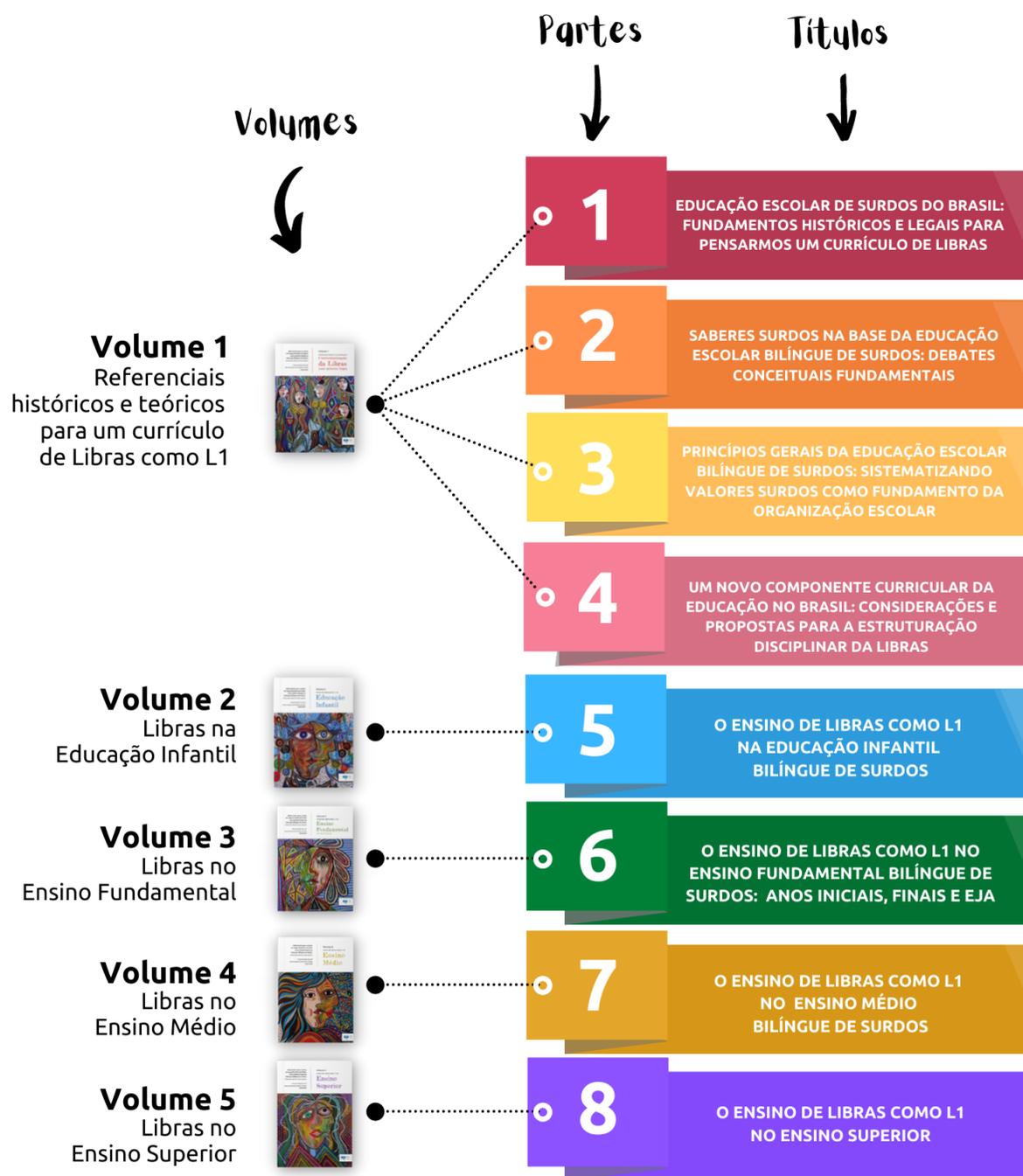
multiplicidade de olhares sobre teorias e experiências e pretende lançar uma base mais consistente para que muitas outras experiências sejam acrescentadas. Não é uma regra pronta, mas as bases para que novas práticas sejam experienciadas no protagonismo de docentes e estudantes surdos que circulam pelo chão das escolas brasileiras.

O caminho aqui não está completamente trilhado e pavimentado. Essa oferta de estruturação do **ensino de Libras como L1 para estudantes surdos da Educação Básica e do Ensino Superior** se apresenta como um apontamento de possíveis direções. Os caminhos serão múltiplos e construídos por muitos de nós que sabemos melhor que ninguém a realidade regional de nossas escolas e do quanto as próprias comunidades surdas locais têm muito a nos dizer e ensinar.

A pesquisa que compartilhamos hoje no formato desta publicação partiu do interesse e diálogo com instâncias representativas de organizações civis das comunidades surdas brasileiras e de aberturas no diálogo com o Ministério da Educação. Contudo, foi na força de trabalho de pesquisadores surdos e ouvintes, todos sinalizantes e membros ativos da comunidade surda, que essa pesquisa se realizou na concretude de um projeto de pesquisa interinstitucional desenvolvido no *Grupo de Pesquisa Avançadas em Estudos Surdos* (GRUPES), sob a coordenação da Profa. Dra. Marianne Stumpf (UFSC); vinculada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGL/UFSC) – ao qual agradecemos o apoio à publicação desta obra via PROEX/UFSC (Processo nº.: 23038.008664/2021-28).

Desenvolvida coletivamente por pesquisadores surdos e ouvintes bilíngues, esta publicação foi construída por meio de reflexões sobre a pessoa surda na escola brasileira. Nos pomos **em diálogo com as demandas propostas pela comunidade surda brasileira** em diversos documentos e pesquisas, com a *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) e diversos referenciais para modalidades específicas de educação como as indígenas, do campo, entre outras. Propomos uma trajetória que vai se construindo a cada parte dos cinco volumes desta obra. Convidamos os docentes e estudantes para nos acompanharem na leitura de cada um dos volumes, mesmo que escolham se dedicar mais a fundo no período escolar no qual atua.

Começando pela história das pessoas surdas na escola brasileira, passamos por estudos fundamentais até chegarmos à **uma proposta concreta de estruturação e progressão curricular**. Seguimos pela Educação Infantil, percorremos as séries iniciais e finais do Ensino Fundamental, depois o Ensino Médio, e chegando, enfim, à proposta de reflexão sobre a presença da Libras no Ensino Superior.

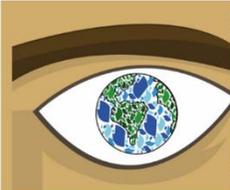


Um projeto aberto e escrito por muitas mãos fruto de lutas e negociações, da qual esperamos diálogo democrático para mais e mais direcionamentos significativos que concretizem aquilo que, como comunidade surda brasileira, pleiteamos a muitos anos: uma educação de surdos ética, participativa e construída de acordo com os **Saberes Surdos**. Um processo que procurou se pautar principalmente no equilíbrio entre o conhecimento cientificamente

comprovado e a experiência real, acumulada na prática e na reflexão de cada membro desta equipe, junto com as comunidades surdas regionais e institucionais que também fazem parte dela. Trata-se de uma postura que orientou todo este trabalho, e que pode ser vista como fundamental em qualquer política pública para a Educação Bilíngue de Surdos.

Partes dentro do volume 1



<p>Referencial para o ensino de Língua Brasileira de Sinais - Lei nº 10.436/2002 - Ministério da Educação - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico</p> <p>EDUCAÇÃO ESCOLAR DE SURDOS NO BRASIL: fundamentos históricos e legais para pensarmos um currículo de Libras</p> <p>Volume 1 PARTE 1</p>	<p>Referencial para o ensino de Língua Brasileira de Sinais - Lei nº 10.436/2002 - Ministério da Educação - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico</p> <p>SABERES SURDOS NA BASE DA EDUCAÇÃO ESCOLAR BILÍNGUE DE SURDOS: debates conceituais fundamentais</p> <p>Volume 1 PARTE 2</p>	<p>Referencial para o ensino de Língua Brasileira de Sinais - Lei nº 10.436/2002 - Ministério da Educação - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico</p> <p>PRINCÍPIOS GERAIS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR BILÍNGUE DE SURDOS: sistematizando valores surdos como base da organização escolar</p> <p>Volume 1 PARTE 3</p>	<p>Referencial para o ensino de Língua Brasileira de Sinais - Lei nº 10.436/2002 - Ministério da Educação - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico</p> <p>UM NOVO COMPONENTE CURRICULAR DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: considerações e propostas para a estruturação disciplinar da Libras</p> <p>Volume 1 PARTE 4</p>
			
1	2	3	4
 <p>EDUCAÇÃO ESCOLAR DE SURDOS DO BRASIL: fundamentos históricos e legais para pensarmos um currículo de Libras</p>	 <p>SABERES SURDOS NA BASE DA EDUCAÇÃO ESCOLAR BILÍNGUE DE SURDOS: debates conceituais fundamentais</p>	 <p>PRINCÍPIOS GERAIS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR BILÍNGUE DE SURDOS: sistematizando valores surdos como fundamento da organização escolar</p>	 <p>UM NOVO COMPONENTE CURRICULAR DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: considerações e propostas para a estruturação disciplinar da Libras</p>

Além dos materiais dispostos no levantamento que compartilhamos nesta publicação como fundamentação histórica e teórica (volume 1) que poderá servir de respaldo para pesquisas e ações mais consistentes, as partes referentes aos níveis de ensino (volume 2 ao 5, da parte 5 a 8) são estruturadas de modo a dialogarem entre si. Aconselhamos a consulta das partes que mais lhe interessar, assim como a criação de grupos de **estudos e debates para o aperfeiçoamento e aplicação desses referenciais** onde mais desejamos que ele faça efeito: nas escolas.



Esperamos, assim, contribuir para o enriquecimento das discussões pedagógicas dentro das realidades de cada instituição escolar nas diversas regiões do Brasil. Agora está nas mãos de vocês promover a elaboração de projetos educativos que elevem a um novo patamar de qualidade a Educação Bilíngue de Surdos. Desejamos que essas mãos se multipliquem, e que logo possamos ver **estudantes surdos mais e mais engajados** com a construção das próprias histórias em instituições justas que os enxerguem como cidadãos plenos.

Envolver os estudantes surdos cada vez mais no universo da leitura em Língua Brasileira de Sinais (Libras), sinalizar em Libras e escrever em Libras, de uma maneira prazerosa, requer disposição e compromisso por parte daqueles que desejam construir uma sociedade mais justa e humana enquanto aqui estamos. A implementação destes referenciais vem favorecer significativamente o processo de ensino e aprendizagem, visto que propõe a construção de um ambiente que estimula a **produção e compreensão** tanto na **escrita e leitura**, assim como na **sinalização, interpretação e posicionamento crítico** frente a saberes em Libras por parte dos estudantes surdos. Em resultado, ao pensar em sua língua e ao conhecê-la como forma de expressão e diálogo, esperamos que os estudantes surdos conquistem melhores desempenhos também em outras disciplinas, uma vez que a leitura pelos olhos, da Libras e da Língua Portuguesa escrita, está inserida em todo o processo de ensino e no dia a dia desses educandos.

Por fim, lembramos que esta publicação projeto não é uma construção fechada, mas um conjunto de apontamentos que exigirá engajamento profundo de professores surdos e ouvintes bilíngues, estudantes surdos e suas famílias. São novas perspectivas que abrem um grande horizonte de possibilidades para que cada professor e suas instituições planejem e realizem **práticas de ensino que capacitem os estudantes surdos** com as riquezas da Libras e de seus saberes ensinados por meio dela. E assim, poderemos, em um futuro não tão distante, conversar com estudantes surdos sobre os professores que marcaram suas vidas nas relações afirmativas de uma escola que não os excluía. Local, no qual, esperamos que muitos desses estudantes retornem como profissionais que nos dirão (na prática e na atualização das pesquisas) o quanto ainda podemos nos aperfeiçoar na concretizar aquilo que foi chamado de *“a escola que nós Surdo queremos”*.

Prof^a. Dra. Marianne
Rossi Stumpf

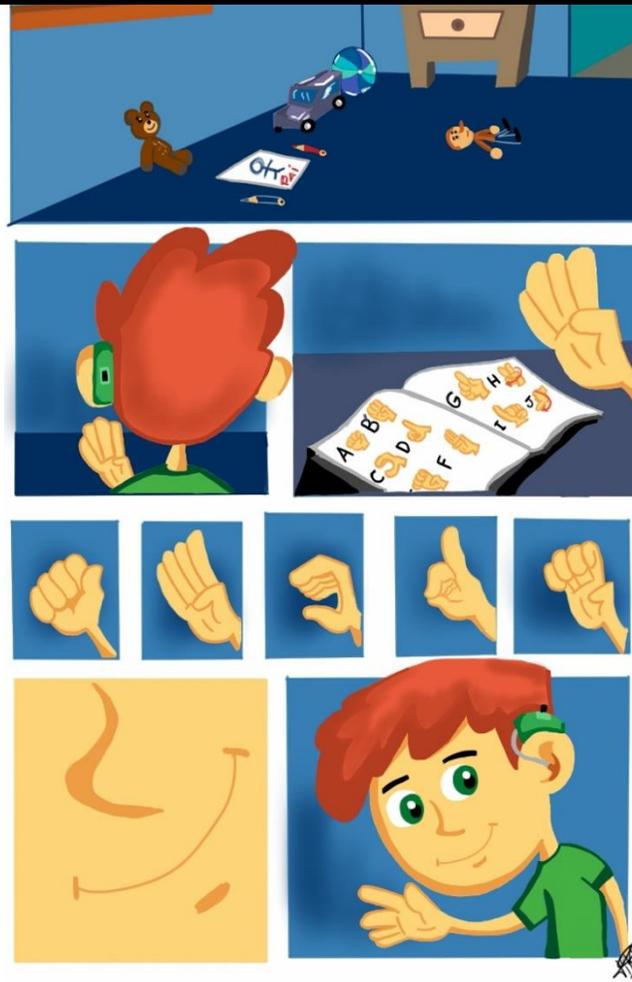


Prof. Me. Ramon Santos
de Almeida Linhares



PARTE 5

Ensinar Libras na Educação Infantil Bilíngue de Surdos



**Artista Surdo
homenageado
na capa desta seção**

Lucas Ramon Alves de
Lima Maciel "Tikinho" –
Belo Horizonte, MG



Saiba mais sobre o artista e a equipe técnica desta obra ao fim desta publicação.

COORDENAÇÃO DE ÁREA

Profª Dra. Francielle Cantarelli Martins (UFPel)

AUTORES/AS COLABORADORES/AS

Profª Dra. Carina Rebello Cruz (UFRGS)

Profª Dr. Felipe Venâncio Barbosa (USP)

Profª Dra. Francielle Cantarelli Martins (UFPel)

Profª Dra. Kátia Lucy Pinheiro (UFC)

Profª Dra. Marianne Rossi Stumpf (UFSC)

Prof. Me. Ramon Santos de Almeida Linhares (INES)

SUPERVISÃO GERAL

Profª Dra. Marianne Rossi Stumpf (UFSC)

ESTRUTURA GERAL E PREPARAÇÃO DO TEXTO

Me. Ramon Santos de Almeida Linhares (INES)

Para ler em Libras você também pode acessar:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLwOZVRVUgAjfTPs6zhnERyXN6EchdmfF3>

Para ler em Libras



PRIMEIROS PASSOS: olhar atento ao ensino de Libras na Educação Infantil Bilíngue de Surdos

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

Educação Infantil Bilíngue é considerada uma das mais importantes etapas da formação das crianças surdas, pois, é a primeira etapa da educação básica, as crianças terão primeiros contatos com a escola e também começam a existir fora do convívio familiar. Mais importante é que as crianças surdas irão construir e contatar a Libras como primeira língua, terão exploração no Mundo Surdo, Literatura Surda e Arte Surda. Neste volume apresenta as propostas pedagógicas da educação infantil bilíngue que prevê a realização de jogos, brincadeiras e atividades prazerosas e adequadas e relacionam com a cultura surda.

Este volume tem seu objetivo é oportunizar o acesso à Libras e, conseqüentemente, iniciar e/ou impulsionar a aquisição da linguagem nessas crianças. Nesta proposta envolve a formação dos professores bilíngues e seu trabalho com a escola, pela equipe pedagógica que atua na Educação Infantil Bilíngue de crianças surdas permita aos bebês e às crianças surdas ao Uso de Libras no ambiente escolar.

Neste volume se relaciona com a garantia de Direitos Humanos e que garantem ao acesso da Língua como primeira língua das crianças surdas para que terem ensino da sua própria língua. A organização da Libras como primeira língua na Educação Infantil Bilíngue tem uma arquitetura estrutural mais próxima à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Capítulo 1 (A Libras na Educação Infantil Bilíngue de Surdos) serão apresentados textos sobre a importância da Libras e Cultura Surda na Educação Infantil Bilíngue. Capítulo 2 (A relevância da Libras nessa idade-série) apresenta estudos sobre o processo de aquisição da Libras. Capítulo 3 (Campos do Ensino da Libras na Educação Infantil Bilíngue de Surdos) discutirá informações para



LER EM
LIBRAS



Accesse também pelo link:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLR05wt7PxbInh0z7zG5tzjSlqIUXz8Ze>

ampliar experiências, conhecimentos e habilidades das crianças surdas e apresentará quatro eixos estruturantes: Língua, Comunidade, Identidade e Desenvolvimento Global. Capítulo 4 (Competências e habilidades em Libras na Educação Infantil Bilíngue de Surdos) abordará os eixos estruturantes e seus objetivos para que os professores bilíngues possam identificar as formas. Capítulo 5: Sugestões de temas, atividades e abordagens. Apresenta as sugestões de atividades e materiais que visam contribuir para o planejamento e práticas do professor bilíngue. Capítulo 6 (Elementos e formas da avaliação) apresentará como avaliar nas crianças surdas com início do contato com a Libras e o contexto familiar. Também avaliar se existem pessoas surdas na família ou contato constante para exposição das crianças surdas à Libras. Última parte apresenta quais tipos de avaliação que possível usar no momento de avaliação. Capítulo 7 (A formação do professor bilíngue da Educação de Surdos orientada aos direitos de aprendizagem) dissertará sobre a formação do professor bilíngue. Finalizamos esta etapa do programa curricular com as considerações finais.

Enfim, nós convidamos vocês, professores bilíngues e leitores deste volume para estudarem, conhecerem e criarem suas formas de ensinar às crianças surdas e também formar professores bilíngues, adequando nossas sugestões apresentadas. É importante lembrar que as crianças surdas estarão na primeira etapa da educação básica, terão oportunidade para integrar com os professores bilíngues e ainda mais com a Libras.

Profa. Dra. Francielle Cantarelli Martins (UFPel)
Coord. de área – Libras na Educação Infantil da EBS



O DEBATE

Nesta parte dos *“Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior”* será abordada a educação de bebês e crianças surdas de 0 a 5 anos e 11 meses, os quais estão incluídos em uma importante etapa escolar que contribui para seu desenvolvimento global. Nessa faixa etária, entre as muitas aprendizagens importantes, destaca-se a aquisição da linguagem, a qual deve ocorrer desde o nascimento ou o mais cedo possível, independentemente de ser língua oral e/ou língua de sinais.

A maioria dos bebês e das crianças surdas nasce em lares nos quais a língua oral é priorizada, ou seja, a Libras (ainda) não é o idioma da família. Para muitos bebês e crianças surdas, o primeiro contato com pessoas que usam a Libras é na escola. Assim, a instituição tem um papel fundamental: disponibilizar acesso à Libras e, conseqüentemente, iniciar e/ou impulsionar a aquisição da linguagem nessas crianças. É crucial que a escola seja um espaço que possibilite a bebês ou crianças surdas a oportunidade de se comunicar na Libras, assim como a aprendizagem dessa língua pelos seus pais, cuidadores e/ou familiares.

Nesta proposta, a Libras se insere na Educação Infantil Bilíngue para crianças surdas em todos os momentos em que a criança está na escola por meio de interações e atividades, isto é, não há um ensino “formal” de Libras, pois seu uso ocorre durante conversas, brincadeiras, atividades, jogos, vídeos, narrações de histórias etc. O professor, além da formação que o habilita para atuar na Educação Infantil, necessita ser um modelo linguístico para bebês e crianças surdas e, portanto, ser proficiente nesse idioma. Ademais, precisa desenvolver suas práticas com conhecimento sobre aquisição da linguagem por crianças surdas, cultura surda e abordagens de ensino que favoreçam as experiências linguísticas e não linguísticas de maneira visual.

A proposta para a Educação Infantil Bilíngue foi organizada em sete capítulos:

1. A Libras no Educação Infantil Bilíngue de Surdos (uma introdução)
2. Relevância da Libras nessa idade-série
3. Campos do ensino da Libras na Educação Infantil Bilíngue de Surdos
4. Competências e habilidades em Libras na Educação Infantil
5. Sugestões de temas, atividades e abordagens
6. Elementos e formas da avaliação de Libras
7. A formação do professor bilíngue da Educação de Surdos orientada aos direitos de aprendizagem

Concluindo com considerações finais, sugestões de referências para aprofundamento na temática e as referências utilizadas no texto para consulta.

Os capítulos “Campos do ensino da Libras na Educação Infantil Bilíngue de Surdos” e “Competências e habilidades em Libras na Educação Infantil” foram construídos a partir de quatro eixos estruturantes: Língua, Comunidade, Identidade e Desenvolvimento, que estão subdivididos em faixas etárias, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). Neles, são recomendadas direções que podem contribuir para o planejamento e para as práticas no dia a dia do professor. Sugere-se que o professor, ao utilizar este material, considere fatores como início de aquisição da Libras e/ou tempo de exposição da Libras, pois poucas crianças surdas adquirem a Libras desde o nascimento, ou seja, é frequente o início da aquisição da Libras em diferentes faixas etárias.

É fundamental que o trabalho desenvolvido na escola pela equipe pedagógica e pelo professor que atua na Educação Infantil Bilíngue de crianças surdas permita a esses alunos a aquisição e o uso da Libras de maneira plena e constante. Para ocorrer a aquisição de uma segunda língua ou aprendizagem de uma língua adicional é importante a aquisição de uma primeira língua, nesse caso, a Libras.

A Educação Infantil Bilíngue de Surdos será a base sólida para que outras etapas do desenvolvimento sejam alcançadas com sucesso, e para que esses indivíduos em formação aprendam na escola a língua muito usada em nossa sociedade, a Língua Portuguesa escrita, e sejam bilíngues.

1. A Libras na Educação Infantil Bilíngue de Surdos

A primeira etapa da Educação Básica é a Educação Infantil, também conhecida como Ensino Infantil, uma das mais importantes para a formação das crianças. Nessa etapa, elas constroem a socialização e começam a existir fora do convívio familiar. Atende crianças de 0 a 5 anos e 11 meses, e se divide em três momentos: 0 a 1 ano e 6 meses; 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses, quando a criança permanece na creche; e dos 4 a 5 anos e 11 meses, durante a pré-escola. Essas divisões da Educação Infantil têm propostas de trabalho específicas.

O objetivo principal da Educação Infantil é promover nos bebês e nas crianças o desenvolvimento físico, motor, cognitivo, social e emocional, além de fomentar a exploração, as descobertas e a experimentação. Conforme o art. 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, a Educação Infantil “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 2019).

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na Educação Infantil (creches e pré-escolas), a articulação entre vivências e conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade com propostas pedagógicas, visa “ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar” (BRASIL, 2018, p. 36), pois tanto no contexto familiar como no escolar ocorrem aprendizagens relacionadas à socialização, à autonomia e à comunicação.

No Brasil, é reconhecida a importância da Educação Infantil, tanto que é um direito da criança frequentar a Educação Infantil e um dever do Estado oferecer espaços e profissionais adequados para atender às crianças de 0 até 5 anos e 11 meses. No ensino público de todas as regiões do país são oferecidas creches e pré-escolas para atender bebês e crianças, contando ainda com instituições particulares que disponibilizam esse ensino em tempo parcial ou integral.

A Educação Infantil, portanto, é indicada para todas as crianças, inclusive as surdas usuárias de Língua Brasileira de Sinais (Libras), sendo assegurado seu direito linguístico por serem cidadãs surdas, terem uma identidade surda e uma cultura surda.

A Libras e a cultura surda na base da Educação Infantil

A Libras é a língua usada pela Comunidade Surda brasileira, reconhecida legalmente como “meio de comunicação e expressão dessa comunidade” (BRASIL, 2002). É primeira língua (L1) de muitas pessoas surdas e, portanto, é essencial que faça parte da vida de bebês surdos e crianças surdas, assim como de suas famílias, o mais cedo possível. Entretanto, poucas crianças surdas adquirem a Libras desde o nascimento ou nos primeiros anos de vida. Apenas 5% delas adquirem uma língua de sinais desde o nascimento por serem filhas de pais surdos. Infelizmente, ainda não há dados sobre a porcentagem de crianças surdas brasileiras filhas de pais ouvintes que adquirem a Libras desde o nascimento ou no primeiro ano de vida.

Cerca de 95% das crianças surdas nascem em lares em que uma língua oral é falada por seus pais ouvintes, e que, em geral, desconhecem ou não usam a Libras (KARNOPP; QUADROS, 2001). Além disso, muitas crianças não têm a oportunidade de adquirir a Libras precocemente, pois há falta de orientação aos pais sobre a importância da Libras para seus bebês surdos, e também poucos espaços especializados para receber pais e familiares não usuários da Libras para que, com seus bebês surdos, aprendam a nova língua. O fato de as famílias não terem acesso à informação sobre a Libras e sobre os benefícios da aquisição precoce, bem como os prejuízos de uma aquisição tardia, contribui para que crianças em idade escolar cheguem à escola com algum atraso linguístico em relação à sua faixa etária ou sem ter adquirido uma língua.

A “descoberta” da Libras, portanto, para muitas crianças, ocorre na escola. Além disso, muitos pais e cuidadores “descobrem” essa nova língua junto com a criança também na escola, quando são oferecidos programas de família para filho surdo, estimulação linguística, ensino de Libras como segunda língua (L2) em cursos e/ou oficinas para familiares.

Nas escolas bilíngues ou escolas com classes inclusivas, é fundamental a construção de um trabalho que possibilite ao bebê e à criança surda uma “imersão” na Libras e na cultura surda por meio de interações com outros bebês surdos, crianças surdas e profissionais surdos e ouvintes proficientes que conheçam sobre o processo de aquisição de língua de sinais. “A criança adquire a linguagem na interação com as pessoas à sua volta, ouvindo ou vendo a língua ou as línguas, que estão sendo usadas” (QUADROS; CRUZ, 2011, p. 35).

O ambiente linguístico rico em Libras, portanto, é um fator importante para que bebês e crianças surdas tenham a oportunidade de adquirirem a Libras, desenvolverem-se da melhor forma possível, construam sua identidade surda e terem acesso à cultura surda. Segundo Strobel (2008, p. 24):

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções

visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Considerando que o conhecimento sobre o processo de aquisição da linguagem por crianças surdas é importante para os profissionais que atuam com bebês e crianças surdas em creches e na Educação Infantil, a seguir serão apresentados estudos sobre o processo de aquisição esperada (normal) e tardia por crianças surdas, e a aquisição da Libras quando há alterações na área da linguagem, bem como algumas considerações sobre a aquisição da Libras na escola.

O professor bilíngue da Educação Infantil

O perfil do professor bilíngue da Educação Infantil de Surdos (Libras/Língua Portuguesa) é, prioritariamente, de profissionais docentes bilíngues surdos proficientes em Libras e com formação específica adequada às suas funções pedagógicas, técnicas e/ou administrativas. É desejável que profissionais surdos assumam funções equiparadas e/ou de apoio, como instrutores e mediadores surdos, que apoiem o cotidiano escolar, sendo previstas as especificidades de cada função. Na ausência desses profissionais na região, é indicado que ouvintes bilíngues com alto grau de proficiência em Libras e formação específica e/ou complementar em estudos linguísticos, histórico e educação de surdos atuem nessas turmas, preferencialmente acompanhados e supervisionados por profissionais surdos que atuem como professores e/ou assumam funções equiparadas de apoio pedagógico.

Entende-se por professor bilíngue surdo profissional com formação adequada e capacitado em suas respectivas áreas de formação para atuação na Educação Básica. É condição inegociável ter alta proficiência em Libras e uso funcional da Língua Portuguesa escrita. Nesse sentido, a presença de pessoas surdas e dos modos surdos de operar a comunicação e as relações interpessoais são fundamentais para implementação desta proposta de educação bilíngue de surdos. Nesse contexto, garantida a boa formação específica em sua área, a proficiência em Libras deve creditar competência para instrução e negociação dos sentidos e interação na vida cotidiana da escola. O domínio funcional da Língua Portuguesa escrita precisa assegurar boa circulação entre gêneros e tipologias textuais próprias à vida cotidiana escolar.

2. Relevância da Libras nessa idade-série

Neste capítulo, são apresentados estudos sobre o processo de aquisição da Libras esperado, os efeitos da aquisição tardia e a aquisição da Libras quando o bebê ou a criança surda apresenta alterações na área da linguagem. Os tópicos abordados visam contribuir para o trabalho do professor que atuará com bebês e crianças surdas que iniciam a aquisição de Libras na Educação Infantil Bilíngue, assim como para a atuação com familiares que estão começando a aprender Libras e/ou sobre a Libras. Além disso, reforça a importância de iniciar esse processo o mais cedo possível.

Aquisição da Libras nas fases iniciais da vida

Os primeiros estudos sobre a aquisição de línguas de sinais foram realizados com bebês e crianças surdas filhas de pais surdos usuários de língua de sinais que recebiam *input* linguístico, desde o nascimento, em quantidade e qualidade similar às crianças ouvintes que nasceram em lares em que uma língua oral é utilizada (BELLUGI *et al.*, 1990; KARNOPP, 1994, 1999; KLIMA; BELLUGI, 1979; PETITTO; MARENTETTE, 1991; QUADROS, 1995). Com esses estudos e outros subsequentes, foi possível estabelecer paralelos entre o processo de aquisição da linguagem de crianças surdas e da aquisição de uma língua oral por crianças ouvintes, desde o balbúcio até estágios avançados. Pesquisadores concluíram que a aquisição da linguagem independe da modalidade que a língua se apresenta (visuoespacial ou oral-auditiva), pois crianças surdas e ouvintes apresentaram processo de aquisição análogo, mesmos estágios, nos mesmos períodos. Dessa maneira, crianças surdas que adquirem Libras desde o nascimento ou precocemente têm a oportunidade de obter a linguagem de modo esperado (normal), como as ouvintes.

O Decreto nº 5.626/2005, no Capítulo VII sobre “Garantia do direito à saúde das pessoas surdas ou com deficiência auditiva”, assegura, nos itens III e VIII, a “realização de diagnóstico, atendimento precoce e do encaminhamento para a área de educação” e “orientações à família sobre as implicações da surdez e sobre a importância para a criança com perda auditiva ter, desde seu nascimento, acesso à Libras e à Língua Portuguesa” (BRASIL, 2005). No mesmo capítulo, há outros encaminhamentos necessários para o atendimento das necessidades linguísticas e educacionais de crianças surdas. É imperativo, portanto, que sejam criados mais espaços para “o atendimento precoce e o encaminhamento para a área da educação” para bebês e crianças surdas. Atualmente, muitos bebês e crianças surdas ainda não têm a oportunidade de iniciar a obtenção da Libras desde o nascimento por nascerem em lares em que uma língua oral é usada por pais e familiares.

Assim, o início da aquisição para essas crianças pode variar em relação à quantidade, à qualidade e aos contextos de exposição linguística. O acesso à Libras poderá ocorrer em poucas ou muitas horas por dia, alguns dias ou em todos os dias da semana, e em diferentes contextos (no lar, na escola, na Comunidade Surda etc.). A interação poderá ser com nativos, ouvintes proficientes, tradutores-intérpretes de língua de sinais e/ou com aprendizes iniciantes de língua de sinais (CRUZ, 2016). Quadros (2005) ressalta a importância de as crianças surdas terem a chance de desfrutar o encontro surdo-surdo, assim como de os pais ouvintes descobrirem esse mundo essencialmente visuoespacial e conhecerem a Libras. Para isso, a escola e os profissionais que nela atuam precisam oferecer um ambiente linguístico em Libras robusto a fim de que o desenvolvimento geral (emocional, cognitivo, linguístico, psicomotor etc.) de bebês e crianças surdas ocorra conforme suas reais potencialidades.

Em relação à linguagem, a escola pode contribuir especialmente evitando o atraso no processo de aquisição da linguagem, acolhendo bebês e crianças surdas, junto com seus pais, cuidadores e familiares.

O trabalho com bebês e crianças na Educação Infantil necessita, portanto, ocorrer o mais cedo possível, com profissionais surdos e ouvintes proficientes em Libras, e ser pautado em experiências essencialmente visuais, incluindo a Libras, em interações comunicativas, brincadeiras, jogos e atividades realizadas conforme a faixa etária e/ou nível de desenvolvimento das crianças.

Efeitos da aquisição tardia da Libras

A idade em que a criança terá a oportunidade de iniciar o processo de aquisição de linguagem por meio da Libras pode ser influenciada por vários fatores, entre eles:

idade em que a surdez foi diagnosticada; *status* de audição dos pais (surdos ou ouvintes); filosofias educacionais e opções regionais; disponibilidade de ter a Língua de Sinais como modelo; e as atitudes culturais a respeito da surdez e da sinalização (MORFORD; MAYBERRY, 2000).

Estudos sobre os efeitos da aquisição tardia da língua de sinais por surdos revelam os prejuízos da falta de acesso a ela e, portanto, reforçam a importância da aquisição o mais cedo possível. Boa parte das pesquisas foram realizadas com adolescentes e/ou adultos surdos que, no período da infância, não aprenderam uma língua de sinais e nem uma língua oral de forma efetiva (BOUDREAULT; MAYBERRY, 2006; CORINA *et al.*, 2014; CRUZ, 2016; FERJAN RAMÍREZ *et al.*, 2011, 2012, 2014; MACSWEENEY *et al.*, 2008; MAYBERRY, 1993; MAYBERRY *et al.*, 2011; MAYBERRY; EICHEN, 1991; MAYBERRY; WITCHER, 2005; QUADROS; CRUZ, 2011), o que ocasionou situações de déficits na compreensão, produção, consciência fonológica e/ou diferenças nos padrões de ativação cerebral, inclusive em longo prazo. Esses efeitos foram constatados a partir da comparação do desempenho, em testes linguísticos, entre surdos com aquisição precoce (desde o nascimento ou nos primeiros anos de vida) e surdos com aquisição tardia.

Estudos sobre efeitos da aquisição tardia reforçam a importância do início da aquisição da Libras por surdos o mais cedo possível, tanto para promover um processo de aquisição esperado (normal) como para possibilitar a aprendizagem de uma segunda língua na modalidade escrita, como a Língua Portuguesa.

Na Educação Infantil é possível que haja o ingresso de crianças surdas sem ter iniciado a aquisição da Libras e, por isso, usem gestos próprios e sinais caseiros, bem como língua de sinais de aldeias ou comunidades isoladas. Todas as produções das crianças devem ser valorizadas, pois é dessa forma que ela possivelmente se comunica com a família e com pessoas próximas, e demonstra seus conhecimentos sobre si e sobre o mundo. É possível que essas produções sejam substituídas pela Libras de maneira natural, pois como ocorre no processo de aquisição da linguagem por crianças (ouvintes ou surdas), há modificações e avanços, conforme o tempo de exposição e a experiência linguística.

Quando a criança apresenta atraso no processo de aquisição da linguagem é fundamental que esforços sejam feitos para que, paralelamente ao trabalho pedagógico que está sendo desenvolvido, sejam acrescentadas ações que possibilitem à criança adquirir a Libras, ou seja, o professor necessita observar se a criança surda demonstra ter compreensão durante as interações comunicativas em Libras. Caso ela necessite de mais estimulação no nível compreensivo, o professor pode usar recursos e estratégias que ajudem a criança a compreender melhor o que está sendo dito: como uso de imagens ou brinquedos; adequação do nível de sua produção à compreensão da criança; produções mais curtas; realização de atividades que propiciem aumento de vocabulário etc.

Aquisição precoce ou tardia da Libras associada às alterações na área da linguagem

A criança surda (como qualquer criança ouvinte) poderá apresentar desvios ou alterações no processo de aquisição de linguagem, mesmo quando há acesso à Libras, ou seja, ainda que ela interaja com usuários de língua de sinais desde o nascimento ou logo nos primeiros anos de vida.

As alterações na área da linguagem podem ocorrer em crianças usuárias de uma língua oral ou de uma língua de sinais, e são associadas a uma grande variedade de etiologias, como: trauma pré e pós-natal, síndromes genéticas, distúrbios metabólicos, processos de doença e privação ambiental. Porém, há um grupo de crianças que apresenta desvios de linguagem sem as etiologias citadas, que na literatura são referidas como crianças com transtorno do desenvolvimento de linguagem (MILLER; KLEE, 1997).

Desvios ou alterações na área da linguagem em crianças usuárias de uma língua oral são investigados e descritos há muitos anos, enquanto os estudos sobre desvios ou alterações na área da linguagem em crianças surdas usuárias de língua de sinais começaram a receber maior atenção a partir do final da década de 1990 (ATKINSON *et al.*, 2002a; ATKINSON *et al.*, 2002b HERMAN, 1998; HERMAN *et al.*, 1999). Apesar de as pesquisas sobre os desvios no processo de aquisição de língua de sinais serem iniciais, faz-se necessário o atendimento especializado na área da linguagem, além de estimulação no meio familiar e na escola, assim como ocorre com as crianças ouvintes (BARBOSA, 2016; NEVES, 2017).

Considerando que muitas crianças surdas não iniciam o processo de aquisição desde o nascimento (nem nos primeiros anos de vida), se a criança surda apresentar alterações na área da linguagem associada à aquisição tardia da linguagem, seu desenvolvimento linguístico poderá ser muito prejudicado.

Assim, é essencial que crianças surdas com autismo, síndromes, paralisia cerebral, deficiência mental, alterações neurológicas e/ou dificuldades de aquisição da Libras (compreensão e/ou expressão) também aprendam a Libras o mais cedo possível, sejam avaliadas e recebam atendimento com profissionais especializados na área da linguagem proficientes em Libras, e sejam muito estimuladas pelos pais, familiares e professores.

O trabalho a ser desenvolvido na escola com crianças surdas que apresentam alteração na área da linguagem não difere das crianças surdas ou ouvintes em relação à promoção de seu desenvolvimento geral, mas certamente precisará se diferenciar ao considerar as especificidades de cada criança e, conseqüentemente, maior estimulação em alguma área.

Em relação à obtenção da linguagem, é importante que o professor observe primeiramente se a criança demonstra dificuldades na compreensão, na produção ou

na compreensão e na produção. Além disso, é importante identificar quais aspectos da compreensão e/ou produção necessitam de maior estimulação, possibilitando a adequação do nível do discurso à cada criança, mas também a realização de brincadeiras e atividades que impulsionam o processo de aquisição da linguagem.

3. Campos do ensino da Libras na Educação Infantil Bilíngue de Surdos

Pensar a presença da Libras na Educação Infantil é refletir sobre práticas cotidianas de ensino desenvolvidas em um ambiente sinalizante complexo. Nesse espaço, a Libras não é apenas objeto de um programa curricular, ela não está na vida escolar como um conteúdo ou um caminho mais fácil para se chegar no domínio da Língua Portuguesa. A entrada da Libras como componente curricular da Educação Básica aponta para uma virada definitiva há muito aguardada, na qual os saberes das comunidades surdas finalmente sejam decisivos na organização das relações que acontecem no ambiente escolar. Isso se refere não apenas ao ensino da Libras na escola, mas também ao funcionamento da escola em Libras. Essa reorganização é, em si, o objetivo central da escola como espaço de construção dialógica do saber. Parece que a escola está mudando para receber os surdos, mas foi certamente a presença significativa dos surdos no mundo que, enfim, está mudando a escola.

Conforme o art. 29 da LDB, a Educação Infantil “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 2019). Portanto, a aquisição da Libras será uma condição para que as crianças surdas alcancem a finalidade da Educação Infantil expressa por essa diretriz. E para que haja uma obtenção real dessa língua nessa fase da vida escolar, é de extrema relevância que a Libras não seja apenas ensinada, mas competentemente utilizada em todo o ambiente escolar e para tratar de qualquer assunto. A Libras não é uma ferramenta metodológica, mas uma língua pela qual metodologias, didáticas e prescrições pedagógicas irão se realizar na Educação Bilíngue de Surdos.

Desse modo, a proposta aqui apresentada dialoga e se integra diretamente com o projeto de Educação Infantil proposto pela Base Nacional Curricular Comum – BNCC (BRASIL, 2018). É preciso discutir como a Educação Infantil Bilíngue de Surdos poderá promover os princípios propostos pela BNCC de modo a considerar as

especificidades da modalidade especializada de educação que se propõe aos estudantes surdos em toda a sua vida acadêmica.

Este documento visa prover informações e direcionamento para ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças surdas, tomando a Libras como primeira língua (L1) e como língua de acesso e instrução da pessoa surda. Nesse sentido, foram organizados os objetivos de ensino de Libras na Educação Infantil em quatro eixos estruturantes: língua, comunidade, identidade e desenvolvimento. Cada um deles servirão como esteio para a proposição das competências e habilidades em Libras na Educação Infantil que serão apresentadas nos próximos itens, sob os seguintes títulos:

1.	LÍNGUA	aquisição da Libras
2.	COMUNIDADE	pertencimento e interação
3.	IDENTIDADE	percepção e cuidado de si
4.	DESENVOLVIMENTO	saberes físicos e intelectuais

Língua: aquisição da Libras

A centralidade da Libras na Educação Bilíngue para surdos foi discutida nos diferentes volumes desta obra assim como no início deste capítulo. O momento crucial para a aquisição de linguagem neste período da vida da criança (CRUZ, 2016; MAYBERRY, 1993; PETITTO; MARENTETTE, 1991) coloca esse eixo estruturante (a língua) como uma base para o desenvolvimento psicológico, intelectual e social da pessoa surda. O atraso na aquisição da linguagem, como já exposto, pode causar diversas dificuldades à pessoa surda e, por essa razão, os objetivos a seguir, que fundamentam a Educação Bilíngue para crianças surdas, contemplam o desenvolvimento geral, sendo que vários estão relacionados à aquisição da linguagem. São eles:

- Propiciar à criança surda espaço adequado para a aquisição da Libras;
- Estabelecer estratégias de comunicação com o bebê ou a criança surda para que seja desenvolvida uma adequada atenção ao interlocutor e à sinalização.
- Conduzir a criança surda ao conhecimento da Libras para se expressar e se comunicar.
- Oferecer elementos para que a criança surda use diferentes linguagens (Libras, sinais caseiros, outras línguas de sinais do Brasil e outras formas de linguagem) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de modo a compreender e ser compreendido, expressar ideias, sentimentos, necessidades e desejos.
- Interagir em Libras adequando sua produção ao nível linguístico do bebê ou da criança surda.
- Proporcionar situações que permitam à criança surda avançar em seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva.
- Propiciar a aquisição de Libras, em níveis compreensivo e expressivo, por meio de conversas, brincadeiras, atividades e/ou jogos, conforme interesses e faixa etária do bebê ou da criança surda.
- Contribuir para a aquisição de novos sinais (aumento do vocabulário) por meio de conversas, brincadeiras, atividades e jogos.
- Estimular a expressão em Libras conforme o nível linguístico que o bebê ou a criança surda apresentam, visando ao aumento na expansão nas sentenças e na complexidade gramatical.
- Estimular a criança surda a brincar e a pensar sobre a própria língua (consciência metalinguística em Libras).
- Incentivar a construção da língua de sinais e da língua escrita através de contato frequente com variadas conversações, bem como suas diferentes produções literárias e funções comunicativas.
- Ser proficiente em Libras, a fim de se tornar um bom modelo de sinalizante para bebês e crianças surdas.

Comunidade: pertencimento e interação

A aquisição da Libras e o desenvolvimento de linguagem, de modo geral, são impulsionados pelas interações das crianças surdas com interlocutores fluentes na Libras, preferencialmente pessoas surdas da Comunidade Surda (LODI, 2004). Os desdobramentos do contato das crianças surdas com suas comunidades poderão ser observados não somente no desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança, mas também no desenvolvimento social e psicológico. Os objetivos a seguir

resumem as competências e habilidades referentes ao eixo estruturante comunidade:

- Proporcionar situações que permitam à criança surda estabelecer vínculos sociais e afetivos e de trocas com adultos proficientes em Libras e crianças surdas, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social.
- Criar contextos que permitam a valorização e o respeito das características comunicativas e culturais das famílias.
- Promover oportunidades de contato com adultos surdos em interações espontâneas ou semiespontâneas.
- Valorizar e mostrar às crianças surdas a existência de diferentes comunidades surdas no Brasil.

Identidade: percepção e cuidado de si

O desdobramento do uso da Libras e da participação na comunidade surda, assim como o desenvolvimento da noção de identidade surda por essas crianças é um passo importante para seu desenvolvimento humano e para o alcance das finalidades propostas à Educação Infantil pela LDB. O reconhecimento de si como pessoa surda, o reconhecimento da língua de sinais e sua importância para o desenvolvimento e o pertencimento a uma comunidade linguística e culturalmente distinta compõem a identidade surda. Os objetivos desse eixo estruturante são:

- Contribuir para o desenvolvimento da autonomia e de uma autoimagem positiva da criança surda.
- Colaborar para o reconhecimento de si na construção da identidade surda pela criança.
- Promover situações de contato para que a criança surda possa refletir sobre as diversidades de gênero, classe, raça, etnia, entre outras.
- Valorizar a identidade étnico-racial da criança surda negra, indígena, quilombola e do campo, associada aos saberes regionais e ancestrais no contexto da socialização escolar bilíngue.

Desenvolvimento: saberes físicos e intelectuais

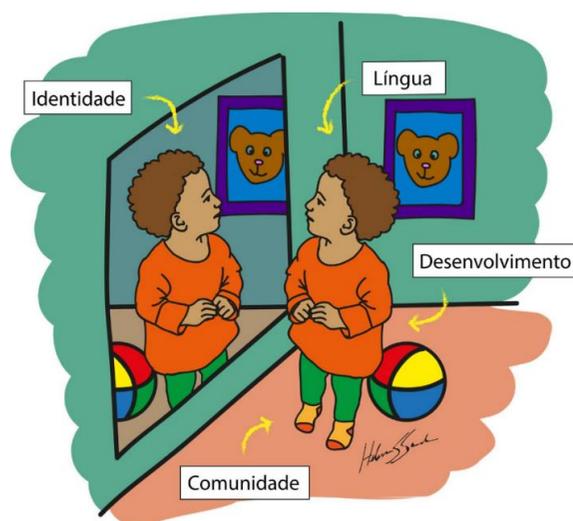
O desenvolvimento global físico e intelectual da criança surda, sustentado pelo desenvolvimento linguístico, social e psicológico, contemplado nos eixos

estruturantes já apresentados, deve ser orientado de modo a permitir que a criança surda experimente brincar e explorar seu entorno, levando em consideração o perfil particular. São direitos de aprendizagem na Educação Infantil, em acordo com a BNCC, preconizados com conviver, participar, expressar-se e conhecer-se, contemplados os objetivos dos outros eixos estruturantes. Neste item, os objetivos são:

- Considerar o conhecimento prévio das crianças surdas e desenvolver atividades que visem à aproximação aos outros eixos (língua, comunidade e identidade).
- Permitir que a criança surda reflita, compartilhe informações e aprenda a formular questões a partir de imagens e narrativas apresentadas na literatura surda.
- Estimular que a criança surda transite nas comunidades surdas e ouvintes tendo uma postura de investigação, respeito e curiosidade.
- Privilegiar o brincar como recurso de aprendizagem, distinguindo entre brincadeiras, atividades e jogos didáticos adequados para crianças surdas.

Os objetivos propostos nos eixos estruturantes língua, comunidade, identidade e desenvolvimento sintetizam o perfil de desenvolvimento a ser alcançado pelas crianças surdas (Figura 3.1). Eles satisfazem a finalidade proposta pela LDB, que preconiza o desenvolvimento integral da criança, e adiciona especificidades necessárias à Educação Bilíngue para Surdos.

Figura 3.1: desenvolvimento da criança surda.



Fonte: Ilustração de Helenne Schroeder Sanderson.

4. Competências e habilidades em Libras na Educação Infantil Bilíngue de Surdos

Apresentados os **eixos estruturantes** e seus objetivos, serão discutidas competências e habilidades como a maneira de cada bebê e criança surda se desenvolver e também de a Libras interferir nesse processo dentro do meio social. Orienta-se os professores bilíngues a buscar e identificar as formas de comunicação dessas crianças para conviver socialmente na escola.

Os objetivos foram distribuídos conforme a faixa etária (idade cronológica), considerando estudos que estabelecem alguns marcos alcançados pela maioria dos bebês e das crianças. Entretanto, há crianças surdas que iniciam o processo de aquisição da Libras tardiamente e/ou apresentam desenvolvimento geral ou em áreas específicas diferente da maioria das crianças surdas com aquisição de língua de sinais desde o nascimento. Essas crianças poderão alcançar em primeiro lugar os objetivos anteriores à sua faixa etária. Assim, ressalta-se a importância de o professor consultar e utilizar este material e considerar a necessidade de adaptar sua prática conforme o desenvolvimento de cada criança.

Bebês (0 a 1 ano e 6 meses)

No acolhimento de bebês surdos (0 a 1 ano e 6 meses), considera-se que as experiências de mundo não são as mesmas dos bebês ouvintes. O professor precisa perceber e estimular habilidades visuais, linguísticas e motoras por meio da interação em Libras. Esta deve ocorrer em todos os espaços da escola, ou seja, com educadores, funcionários e outras crianças. É fundamental que a escola promova atividades que integrem a família, assim pais, cuidadores e/ou familiares podem

acompanhar e participar do desenvolvimento linguístico do bebê surdo. Além disso, é importante que os objetivos e conteúdos possam contribuir para o direcionamento do trabalho que será desenvolvido pelo professor bilíngue.

EIXO	Bebês (0 a 1 ano e 6 meses)
LÍNGUA	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar o balbucio (produzir os próprios gestos e imitar a produção manual emitida por outros). • Compreender a importância do contato visual para a comunicação da pessoa surda. • Manter contato visual com o interlocutor e atenção direcionada à sinalização. • Perceber que o movimento de cabeça e o olhar do interlocutor pode ser usado para apontar objetos e pessoas. • Perceber que a comunicação mobiliza o movimento do rosto e do corpo (expressão facial e corporal). • Descobrir que é possível apontar ou usar gestos para fazer pedidos. • Produzir sinais não verbais (direção do olhar ou apontação). • Mover partes do corpo, principalmente mãos e rosto, para se expressar. • Demonstrar conhecimento de seu sinal e de pessoas com quem convive. • Compreender e responder a instruções simples. • Adquirir vocabulário de sinais básicos. • Emitir frases holofrásticas (um sinal pode representar uma frase completa).
IDENTIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber que as pessoas de sua convivência usam Libras e/ou língua oral. • Reconhecer seu sinal. • Demonstrar compreensão do significado dos sinais SURDO e OUVINTE. • Perceber que faz parte das comunidades surda e ouvinte. • Desenvolver uma imagem positiva de si.

COMUNIDADE

- Perceber o acolhimento na comunidade escolar, pelas crianças surdas e pelos professores bilíngues.
- Participar de atividades que integrem crianças surdas e suas famílias.
- Participar de atividades com crianças surdas de sua faixa etária e de outras faixas etárias.
- Perceber que a Comunidade Surda é formada por pessoas que não fazem parte de seu convívio, por meio de vídeos produzidos por surdos e ouvintes sinalizantes.
- Participar de atividades promovidas pela escola.

DESENVOLVIMENTO

- Desenvolver autonomia conforme faixa etária.
- Confiar nas próprias capacidades motoras.
- Compreender os tipos de chamamento de pessoas através de aceno, chamamentos formais no diálogo sinalizado.
- Familiarizar-se com a imagem do próprio corpo, facial e representações simbólico-visuais de si.
- Descobrir e explorar os sinais dos objetos e dos materiais.
- Descobrir novos sinais a partir da exploração de diferentes materiais, como: brinquedos, objetos, vídeos, imagens e livros.
- Assistir a histórias infantis sinalizadas.
- Explorar as possibilidades de uso de gestos, sinais, movimentos corporais para expressar-se em brincadeiras e/ou situações de interação.
- Explorar atividades dos movimentos do rosto e do corpo; expressões faciais, configuração das mãos e locação.
- Conhecer atividades de percepção visual por meio de jogos e brincadeiras.

Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)

Nessa etapa, as crianças surdas avançam rapidamente no processo de obtenção da linguagem (compreensão e produção), e constantemente adquirem novos sinais. É fundamental que os professores bilíngues estimulem a criança a usar seus conhecimentos linguísticos para relatar em Libras acontecimentos do seu dia a dia. Além disso, o tempo de atenção à sinalização, possivelmente maior, permite diálogos mais longos e aumento do interesse por histórias em geral, incluindo a literatura surda que pode ser apresentada por meio de livros ou vídeos.

A participação da família na escola é muito importante, desse modo, deve-se promover momentos de integração entre as crianças e suas famílias, bem como incentivar que as famílias aprendam e usem a Libras, e conheçam associações e/ou participem de eventos promovidos pela Comunidade Surda. A seguir, alguns objetivos importantes para o planejamento e a atuação do professor bilíngue nessa faixa etária.

EIXO	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
LÍNGUA	<ul style="list-style-type: none">• Explorar o alfabeto manual.• Perceber semelhanças e diferenças entre configurações de mão, movimentos e locações na produção de sinais.• Compreender sentenças simples.• Sinalizar acontecimentos e histórias simples.• Perceber aspectos prosódicos da sinalização.• Demonstrar interesse em adquirir novos sinais.• Compreender sentenças mais extensas e complexas; diálogos e histórias curtas.• Produzir suas histórias curtas.• Produzir narrativas curtas a partir das próprias experiências.• Denominar, em Libras, objetos e figuras em livros.• Descrever pessoas, animais e objetos por meio de suas características e começar a usar descrição imagética.• Aumentar o vocabulário em nível compreensivo e expressivo.

	<ul style="list-style-type: none"> • Produzir perguntas e respostas. • Realizar visitas em associações, escolas bilíngues de surdos e/ou classes de surdos.
IDENTIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar-se como surdo e aos outros como surdos ou ouvintes. • Perceber que há convivência entre pessoas surdas e ouvintes na vida social. • Descobrir que há diferença entre Libras e Língua Portuguesa. • Construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si. • Compreender que há pessoas que têm um sinal e um nome produzidos em alfabeto manual e outras que não têm um sinal. • Perceber que é possível produzir a mesma informação em Libras e em Língua Portuguesa. • Expressar necessidades, sentimentos, dúvidas e descobertas por meio de diferentes linguagens.
COMUNIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer o papel das pessoas da sua família: pai, mãe, irmão, avós, tios, primos, bem como os sinais associados aos seus familiares. • Diferenciar colegas e outras pessoas do ambiente escolar dos seus familiares, produzindo os sinais que souber para referenciar. • Participar de atividades promovidas pela Comunidade Surda com seus familiares. • Reconhecer que há diferentes configurações familiares. • Reconhecer diferenças culturais entre comunidade surda e ouvinte. • Realizar visitas em associações, escolas bilíngues de surdos e/ou classes de surdos.
DESENVOLVIMENTO	<ul style="list-style-type: none"> • Explorar as possibilidades expressivas do próprio movimento corporal, utilizando gestos diversos, ritmo corporal, vibração e sinalização da Libras em brincadeiras, danças, jogos, teatro e demais situações de interação. • Apropriar-se de costumes de sua cultura diferenciando sinais e gestos culturais em jogos e brincadeiras. • Participar de atividades de percepção visual por meio de jogos e brincadeiras. • Explorar diferentes qualidades e dinâmicas do movimento, como força, velocidade, resistência e flexibilidade, conhecendo gradativamente os limites e as potencialidades de seu corpo.

- Reconhecer e registrar com números a quantidade de crianças (presentes e ausentes) e a quantidade de objetos da mesma natureza (bonecas, bolas, livros etc.).
- Participar de atividades que enfatizam movimentos do rosto e do corpo se familiarizando com os parâmetros fonológicos: expressões não manuais, configuração de mão e locação.
- Observar atentamente as histórias sinalizadas pelos professores bilíngues.
- Narrar as histórias a partir de livros.
- Conhecer a escrita de sinais no contato com literatura surda.
- Participar de atividades em Libras por meio de jogos e brincadeiras.

Crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses)

Nessa etapa, as crianças surdas usam a Libras para conversar e perguntar sobre diversos assuntos de maneira mais clara, por meio de sentenças mais completas e complexas. Iniciam, inclusive, o pensar sobre a Libras e descobrem como os sinais são formados. Conseguem conversar sobre algum assunto por um longo tempo. A criança está desenvolvendo a consciência de que há pessoas surdas e ouvintes, e de que ela (a criança) é surda. Começa, então, a perceber que a Libras e a Língua Portuguesa fazem parte de sua vida, assim como há pessoas que usam uma língua oral, uma língua de sinais ou duas línguas, uma oral e uma de sinais (Libras).

A literatura surda, as artes surdas e a escrita de sinais geralmente despertam muito interesse na criança surda. O professor bilíngue poderá estimular esse desenvolvimento linguístico por meio de conversas, brincadeiras, jogos, vídeos, histórias narradas e/ou representadas em atividade de teatro. É importante que a comunidade escolar ou a classe de crianças surdas participem de eventos promovidos pela própria escola e pela comunidade surda, com seus familiares, sempre que for possível. A seguir, alguns objetivos importantes para o planejamento e a atuação do professor bilíngue.

EIXO	Crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses)
LÍNGUA	<ul style="list-style-type: none">• Perceber a diferença entre Língua Brasileira de Sinais, escrita de sinais e Língua Portuguesa.• Compreender o papel do alfabeto manual e da configuração das mãos.• Identificar os sinais que apresentam movimentos e também sinais que não têm movimento.• Perceber o funcionamento das expressões faciais e dos movimentos das mãos para o desenvolvimento da consciência fonológica da Libras (expressões não manuais, configuração de mão, movimento, locação e orientação da palma da mão).• Utilizar expressões faciais e corporais para sinalizar as frases de maneira coerente.

- Demonstrar compreensão de solicitações em Libras.
- Usar classificadores para mostrar as características de objeto, pessoa ou animal.
- Expandir o vocabulário em Libras.
- Usar construção gramatical e conjugação verbal mais complexa (aproximada ao padrão adulto).
- Sinalizar sobre o que está fazendo ou planeja fazer, sobre o que outras pessoas estão fazendo.
- Contar sobre fatos ocorridos no passado ou que poderão acontecer.
- Narrar fatos, acontecimentos, imagens, comentários e histórias por meio de exposição do próprio pensamento.
- Compreender e produzir frases interrogativas, exclamativas e afirmativas.
- Produzir narrativas sinalizadas com detalhes e descrições, apresentando estrutura de começo, meio e fim.
- Recontar histórias sinalizadas pelos colegas ou pelo professor acrescentando comentários pessoais.
- Relatar histórias, contos e fábulas.
- Produzir narrativas sinalizadas com base em suas experiências.
- Manter uma longa conversa sinalizada.
- Explorar a escrita de sinais.
- Usar descrição imagética.

- Reconhecer características culturais e linguísticas que atribuem identidade surda à criança em função das comunidades surdas.
- Conhecer as características relacionadas a línguas e hábitos das comunidades ouvintes e surdas.
- Reconhecer a interculturalidade e o bilinguismo no contato entre comunidades surdas e ouvintes.
- Perceber que entre colegas há diferenças em relação à comunicação (recepção e produção), podendo haver uso da Libras e/ou Língua Portuguesa oral; uso ou não de dispositivos auditivos.
- Produzir seu sinal e seu nome em alfabeto manual.
- Conhecer os sinais dos colegas, dos professores e da escola.
- Reconhecer que a Libras é a língua que usa para se comunicar.
- Usar o chamamento de pessoas por meio de aceno ou toque.
- Conhecer artefatos básicos da cultura surda.

- Explorar e construir um modelo de identidade surda, com base na interação com pessoas surdas.
- Conhecer e usar formas básicas de tratamento e saudação (perguntar sinal, se apresentar, pedir, agradecer).
- Comunicar informações básicas sobre si, bem como sobre familiares, local onde mora e estuda.
- Sinalizar na interação social de maneira autônoma.

COMUNIDADE

- Celebrar as datas comemorativas da Comunidade Surda.
- Realizar visitas em associações, escolas bilíngues de surdos e/ou classes de surdos.
- Participar, com os colegas, de atividades propostas pelos professores e pela escola.
- Participar, com a família, sempre que possível, de atividades promovidas pela Comunidade Surda.
- Participar de atividades artísticas ou esportivas com surdos e ouvintes.

DESENVOLVIMENTO

- Controlar o movimento, aperfeiçoando recursos de deslocamento e ajustando habilidades motoras em jogos, brincadeiras, danças e demais situações.
- Explorar atividades que enfatizam os movimentos das mãos e dos braços com configurações de mão, movimento e locação.
- Assistir às histórias sinalizadas.
- Explorar vocabulário de Libras e Língua Portuguesa escrita nas histórias infantis.
- Explorar jogos de posições do corpo e direção dos olhos para estabelecimento de personagens.
- Conhecer as histórias que fazem parte da literatura surda.
- Explorar a escrita de sinais por meio da literatura surda.
- Conhecer diferentes tipos de artes surdas.
- Valorizar produções das artes surdas e artistas surdos.
- Participar de atividades artísticas e/ou teatrais em Libras.

Para concluir, vale ressaltar que os objetivos foram estabelecidos conforme o que é esperado para a faixa etária da maioria das crianças surdas com acesso à Libras desde o nascimento. Portanto, crianças que não iniciam o processo o quanto antes poderão alcançar os objetivos propostos na faixa etária indicada mais tardiamente. Além disso, crianças surdas com aquisição desde o nascimento ou com aquisição tardia poderão apresentar diferenças no desenvolvimento, evoluindo mais rapidamente do que outras ou apresentando desenvolvimento mais ou menos avançado que a maioria das crianças de mesma faixa etária. Assim, os objetivos propostos contribuem principalmente para a elaboração de estratégias de estimulação, tendo em mente que o bebê e a criança surda possam se desenvolver da melhor maneira possível.

5. Sugestões de temas, atividades e abordagens

Este capítulo conta com algumas sugestões sobre como desenvolver as habilidades e competências referidas anteriormente. As sugestões de atividades e materiais visam contribuir com o planejamento e as práticas do professor em relação à estimulação dos alunos na área da linguagem.

A seleção de materiais sugeridos (livros, vídeos, brinquedos e imagens) pode ser utilizada como um importante apoio para a aquisição da Libras e para a construção da aprendizagem. Possibilitam que o aluno receba as informações linguísticas e visualize imagens, fotos e/ou brinquedos que representam as informações que recebeu, colaborando para internalização de significados e/ou compreensão da sinalização. As recomendações também podem ser adaptadas à faixa etária e/ou ao nível de desenvolvimento linguístico, se necessário, ou servirem de inspiração para criação de novos materiais em Libras.

Além disso, sempre que for possível é fundamental integrar a família da criança em atividades realizadas em Libras e/ou compartilhar materiais para que a família possa acompanhar e estimular o desenvolvimento linguístico do bebê ou da criança surda sinalizante.

Bebês (0 a 1 ano e 6 meses)

Serão apresentadas aqui algumas sugestões de livros da literatura surda, e materiais, atividades e estratégias de comunicação para professores bilíngues atuarem com bebês surdos. Nessa fase, é importante iniciar a estimulação da experiência visual linguística e não linguística por meio da Libras. Assim, sugere-se atividades com uso de espelho, para conhecimento de si e do outro, sinalização de histórias de livros com imagens, atividades com uso de expressão facial e uso de diferentes brinquedos. O adequado posicionamento do professor, o uso do vocabulário no correto nível linguístico e as estratégias para estimular e desenvolver a atenção direcionada à sinalização são essenciais para uma boa comunicação em Libras entre o bebê, o professor bilíngue e as pessoas de sua convivência, assim como promover a aquisição da linguagem por meio da Libras.

Literatura surda: estratégias com bebês surdos

Na primeira fase da Educação Infantil Bilíngue, os bebês estão iniciando o processo da aquisição da Libras. Eles percebem como ocorre a sinalização, como podem se comunicar ao apontar, e aprendem também a explorar, em atividades direcionadas pelo professor, objetos, brinquedos e livros, a fim de desenvolver habilidades de expressão na Libras. É muito importante que os professores bilíngues sinalizem na frente de bebês, conversando e mostrando os sinais dos objetos ou brinquedos, e mostrando imagens e livros.

O posicionamento do adulto quando vai contar uma história para um bebê surdo pode se dar de duas maneiras. Na primeira delas, usada para contar histórias para bebês surdos que ainda não se sentam, o professor ou o profissional adulto deve sentar-se no chão, posicionando o bebê no colo, de maneira respeitosa e confortável para a criança, com a face virada para a frente, de modo que estejam em campos visuais parecidos. O adulto, então, realiza a sinalização na frente do bebê, usando o espaço de sinalização do bebê, com o livro à frente, de modo que o bebê possa observar a sinalização e o livro. A figura 5.1 ilustra esse posicionamento.

Figura 5.1: familiar da criança surda fazendo leitura sinalizada de um livro.



Fonte: Ilustração de Helenne Schroeder Sanderson (2020).

A segunda posição pode ser usada para bebês surdos que conseguem se sentar, podendo ser no chão ou em uma cadeira adequada. Nessa situação, o professor pode sinalizar na frente do bebê, observando a altura de sua posição com

relação a ele: se o bebê está sentado no chão, o professor deve sentar-se no chão, se o bebê está sentado em uma cadeira, o professor deve sentar-se de modo que fique na altura do bebê. Como o bebê surdo e o professor estão face a face, o professor deve ter o cuidado de exibir as figuras do livro ou o objeto para o bebê enquanto sinaliza. A figura 5.2 ilustra esta segunda possibilidade.

Figura 5.2: professora sinalizando uma contação de história no campo visual da criança surda, que está atenta.



Fonte: Ilustração de Helenne Schroeder Sanderson (2020).

Durante a interação, é importante compreender a maneira mais eficaz para sinalizar na frente do bebê. Ao mostrar uma figura ou um objeto, o professor precisa posicionar o que quer mostrar ao lado do rosto, mantendo contato visual com o bebê e, em seguida, realizar o sinal do objeto ou da figura do outro lado do rosto. Esse posicionamento permite que o bebê visualize o rosto, a expressão facial, o objeto ou figura e o sinal, ao mesmo tempo. O professor bilíngue deve sinalizar com clareza e com a expressão facial correta.

O momento do conto, entretanto, apresenta características peculiares. Por se tratar de um gênero específico, o estilo da sinalização pode vir carregado com sinais que ocupam um espaço de sinalização maior, uso recorrente de classificadores, e expressões faciais e corporais específicas, de maneira que, a depender da situação, o professor pode escolher não sentar no chão na frente de bebês e preferir ficar em pé para contar as histórias. As expressões faciais e corporais são muito usadas pelos professores com os bebês. Eles percebem que a expressão facial do professor tem

algum significado e também que professores executam uma expressão facial e logo fazem um sinal. Essa sequência de ações funciona como mensagem para o bebê, que percebe e imita o adulto. Nessa fase de inicial da comunicação, a visualidade ocupa espaço primordial na interação entre professores e bebês.

Atualmente, não existem livros específicos para bebês surdos, por isso é importante que alguns critérios sejam observados quando o professor for selecionar o livro para contar histórias para bebês surdos. O material deve conter ilustrações bem claras e coloridas. Isso facilita a visualização das figuras pelos bebês surdos e para os professores bilíngues na apresentação do sinal de cada ilustração. Também deve apresentar uma história simples, e os professores bilíngues, da mesma maneira, devem narrar a história de um jeito simples e claro, com o livro na frente do bebê. O quadro 5.1 apresenta uma seleção de obras infantis com histórias que podem ser usadas com bebês surdos.

Quadro 5.1: obras para serem usadas na contação para bebês surdos.

OBRA	AUTOR	EDITORIA	ANO
Filó e Marieta	Eva Furnari	Paulinas	1983
Zuza e Arquimedes	Eva Furnari	Paulinas	1983
Fazenda	Emily Ford	Ciranda Cultural	2017
Meus cinco sentidos	H. P. Lovecraft	Yoyo Books	2006
O bebê da cabeça aos pés	Victoria Adler	Globinho	2012

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

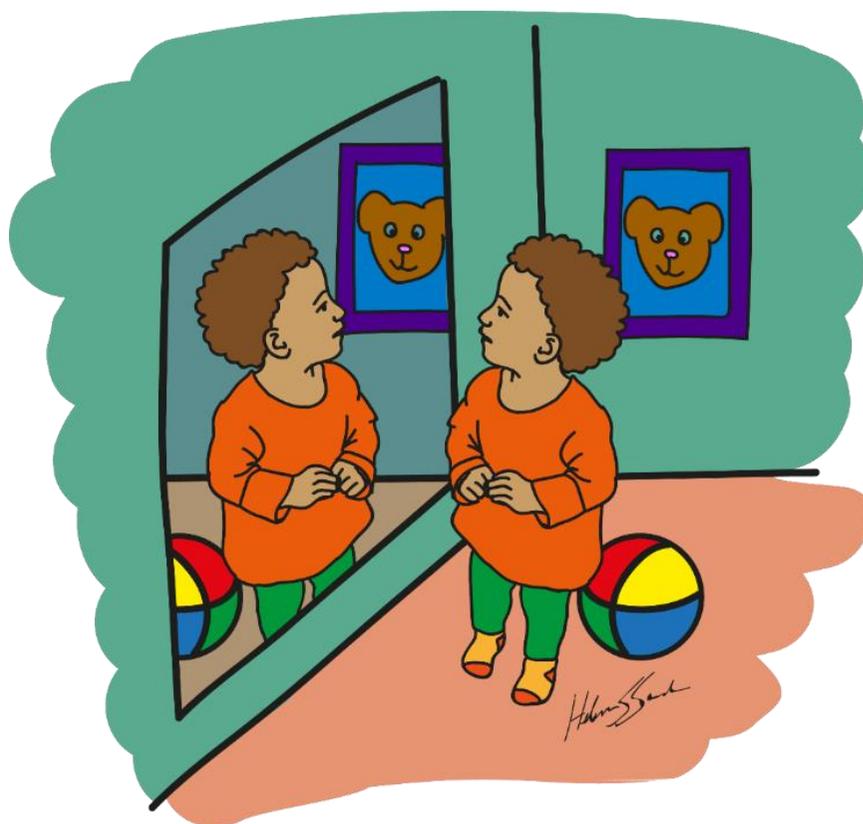
Como já mencionado, essas obras não foram elaboradas especificamente para bebês surdos, por isso não se relacionam com a cultura surda. Entretanto, são materiais úteis para a apresentação de ilustração e sinalização para bebês surdos. Nessa fase, os bebês exploram e descobrem formas de comunicação.

Espelho: a percepção da expressividade

Bebês surdos estão em um momento de exploração de sinais, expressões faciais e corporais. Como os professores bilíngues usam e estimulam a aquisição

desses recursos linguísticos, explorando a percepção dos sinais e das expressões faciais e corporais, é importante que o espaço exiba condições de potencializar a visualidade. Ter um espelho grande na parede ajudará os professores bilíngues a trabalhar, ampliando o campo de visão da criança e possibilitando que ela perceba os sinais e a expressão realizada pelo professor mesmo quando não estão face a face (Figura 5.3). Além disso, o espelho pode servir como *feedback* visual na realização das próprias expressões e permitir que a criança explore e perceba que há pessoas na sala de aula a todo o momento.

Figura 5.3: bebê surdo se olhando no espelho.



Fonte: Ilustração de Helenne Schroeder Sanderson (2020).

Professores bilíngues podem usar o espelho para executar várias atividades, como mostrar o sinal de cada professor e de cada criança em frente ao espelho; apontar para cada bebê e mostrar o sinal de cada um, incentivando os bebês a perceberem que cada um tem o próprio sinal; mostrar os sinais de sentimentos e verbos relativos a sentimentos, como por exemplo, tristeza, chorar, alegria, sorrir, dentre outros; trabalhar com as expressões faciais usando livros e outros materiais, mostrando as expressões referentes aos sentimentos; contar uma história e usar

essas expressões e, em seguida, mostrar o sinal de cada sentimento representado em imagens no livro etc. Podem ser usados materiais adicionais, como aparece na figura 5.4, que apresenta desenhos do rosto com as expressões faciais.

Figura 5.4: expressões faciais.



Fonte: <<https://br.pinterest.com/pin/199143614763092738/>>.

Acessado em junho de 2020.

A sala da aula deve ter muitos brinquedos, bonecos e objetos coloridos, sendo explorada sempre a visualidade na exposição destes. Professores bilíngues podem mostrar os sinais de cada objeto, por exemplo, “este animal é um urso, da cor azul, e é urso bem grande, fofo, tem pelo macio...”. O objetivo dessas atividades é explorar expressões faciais e corporais, bem como os sinais.

A rotina também é um fator importante. A organização das atividades de rotina em Libras, as conversas sobre as brincadeiras que serão feitas e sobre os jogos são comportamentos linguísticos que podem contribuir para o processo de aquisição de linguagem pelas crianças surdas, uma vez que, além de elaborar, na linguagem, esses comportamentos, permitem a antecipação destes pelo discurso. Por exemplo, quando for a hora do conto em Libras, os professores anunciam o que vai acontecer. Podem convidar crianças maiores para narrar e conversar com as crianças surdas menores. É uma maneira de incentivar a integração, fundamental para o processo de aquisição de linguagem.

Comunicação entre o professor bilíngue e os bebês surdos

Bebês e crianças surdas adquirem muitas informações pelo mesmo canal sensorial (visual), por isso irão aprender a dividir sistematicamente a atenção entre as informações linguísticas e as não linguísticas, ou seja, irão aprender quando devem olhar para a pessoa que sinaliza e para um objeto ou evento que está ocorrendo (diferentemente de crianças ouvintes, que olham para um objeto ou pessoa ao mesmo tempo em que ouvem o nome do objeto ou informações sobre um evento que está ocorrendo). Os familiares e adultos que interagem com o bebê e com a criança surda, por sua vez, precisarão saber esperar o retorno do olhar (contato visual) para sinalizarem no campo visual da criança, bem como para atrair sua atenção visual.

É possível que ouvintes que atuem com bebês e crianças surdas não sejam conscientes dessas necessidades visuais, por isso ressalta-se a importância de essas pessoas conhecerem estratégias de comunicação (ajustes) utilizados por quem busca a atenção de crianças surdas com a sinalização. O uso de estratégias de comunicação possibilita uma comunicação fácil e, conseqüentemente, contribuem para o processo de aquisição da linguagem, principalmente em nível compreensivo.

Considerando a importância de a interação comunicativa entre adultos e bebês e adultos e crianças surdas, a seguir são apresentados alguns estudos sobre as estratégias de comunicação utilizadas por pais surdos com seus bebês. Espera-se que esse conhecimento possibilite ao professor as melhores interações comunicativas.

Durante a comunicação entre pais (pais, mães ou cuidadores) e seus bebês comumente ocorrem “modificações” na fala e na sinalização. Estudos sobre essas modificações revelaram que, com frequência, pais ouvintes diminuem a extensão das sentenças e aumentam as pausas entre elas, modificando a altura e a intensidade da voz, realizando variações melódicas na produção de palavras e frases e/ou usando diminutivos. Pais surdos, usuários de Língua de Sinais, também utilizam modificações na sinalização com seus filhos surdos, sendo uma sinalização diferenciada da direcionada aos adultos surdos (SPENCER; HARRIS, 2006).

A sinalização direcionada à criança surda por pais surdos mostra muitas similaridades com a fala direcionada à criança ouvinte, portanto, tende a ser mais ampla e claramente articulada, mais lenta e com sentenças mais curtas e que podem ser mais facilmente segmentadas do que as direcionadas aos adultos, além de mais repetitiva (PIZER *et al.*, 2011). No entanto, há “modificações” específicas na produção de pais surdos usuários de Língua de Sinais durante as interações com seus bebês, pois essa língua se apresenta em uma modalidade visuoespacial.

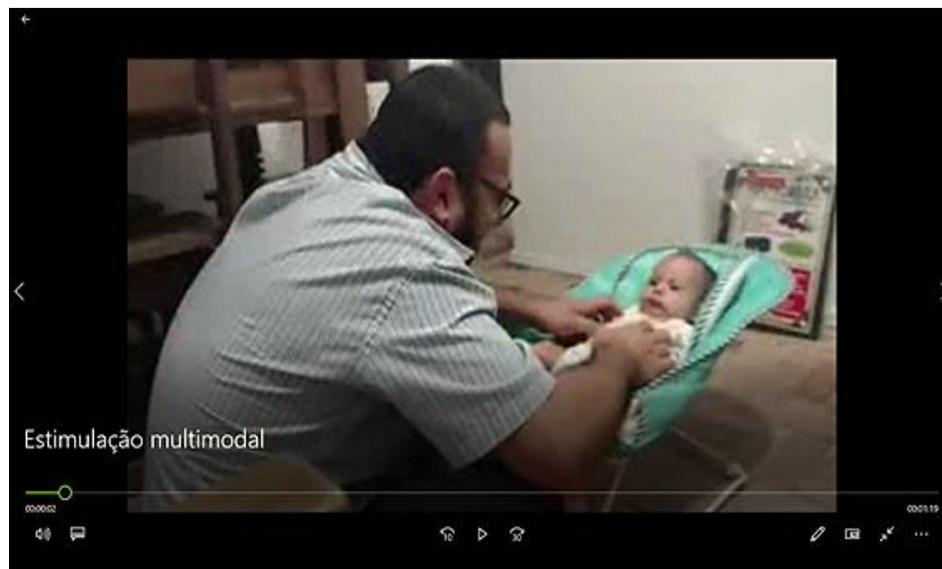
De acordo com os estudos de Spencer e Harris (2006), que apontam similaridades e diferenças entre a sinalização direcionada por parte de mães surdas a seus filhos surdos e a fala direcionada por mães ouvintes a seus filhos ouvintes, destaca-se que as mães surdas:

- Usam expressões faciais mais “marcantes” (ERTING *et al.*, 1990; MEADOW-ORLEANS *et al.*, 1987).
- Usam uma comunicação multimodal; além de expressões faciais marcantes, combinam estimulação tátil, vocal e cinestésica, feitas no corpo da criança surda (HARRIS *et al.*, 1989; KOESTER *et al.*, 2004; MAESTAS; MOORES, 1980).
- Nem sempre acomodam os filhos em um foco preexistente de atenção visual; elas movem um objeto através do campo visual da criança finalizando o movimento próximo à própria face e, em seguida, dizem o sinal (nome) do objeto ou fornecem informações sobre o objeto ou suas características (SPENCER *et al.*, 2004; WAXMAN; SPENCER, 1997).
- Inicialmente realizam menos produções do que tipicamente fazem as mães ouvintes (HARRIS, 1992; SPENCER; LEDERBERG, 1998, e aumentam o número de produções quando percebem que seu bebê está mais apto para fazer deslocamentos na atenção visual.

O estudo realizado por Pizer *et al.* (2011) revelou que as mães surdas ajustaram sua sinalização de acordo com as capacidades de atenção visual das crianças e “modificaram” parte do total de sinais produzidos em algum dos parâmetros, como: na locação (redirecionamento do sinal e sinalização no corpo da criança) e no movimento (repetição, alongamento e “ampliação” do sinal). Além disso, foi observada “moldagem” (a mãe movimenta a mão da criança para que produza o sinal) e inclinações do corpo da mãe em direção ao campo visual da criança.

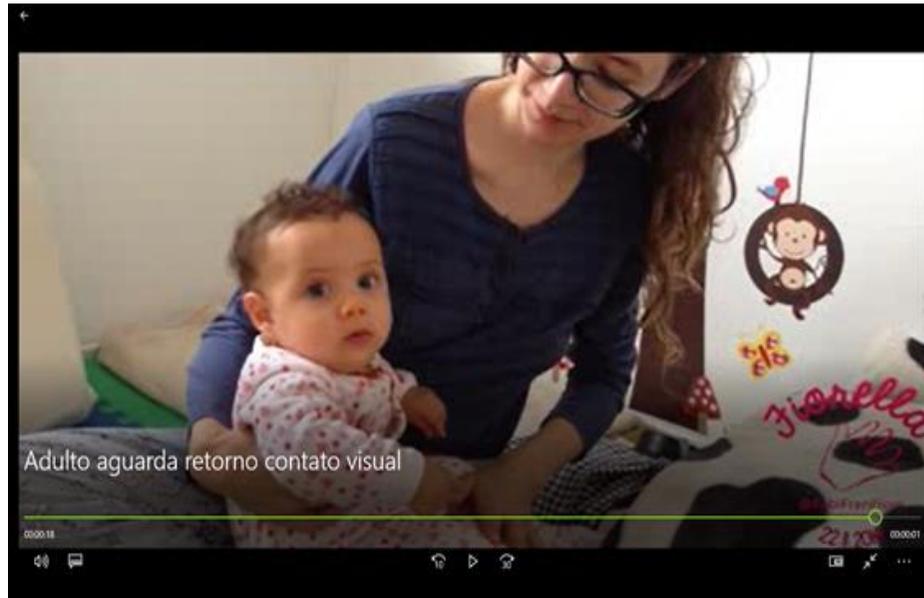
Os estudos referidos mostram que durante a comunicação entre o adulto e o bebê surdo/adulto e a criança surda são realizadas estratégias de comunicação (ajustes) e a adequação da produção ao nível linguístico inicial do bebê ou da criança surda, assim como ao canal de recepção (visual). As figuras 5.5 a 5.7 mostram três estratégias utilizadas por pais surdos com sua bebê surda durante a interação em Libras. A primeira ilustra a comunicação multimodal. A segunda, mostra a espera da mãe pelo retorno do olhar da bebê para ela (contato visual) para que comece a sinalizar, e a terceira mostra a mãe realizando a sinalização no corpo da criança (produz o sinal GATO).

Figura 5.5: comunicação multimodal.



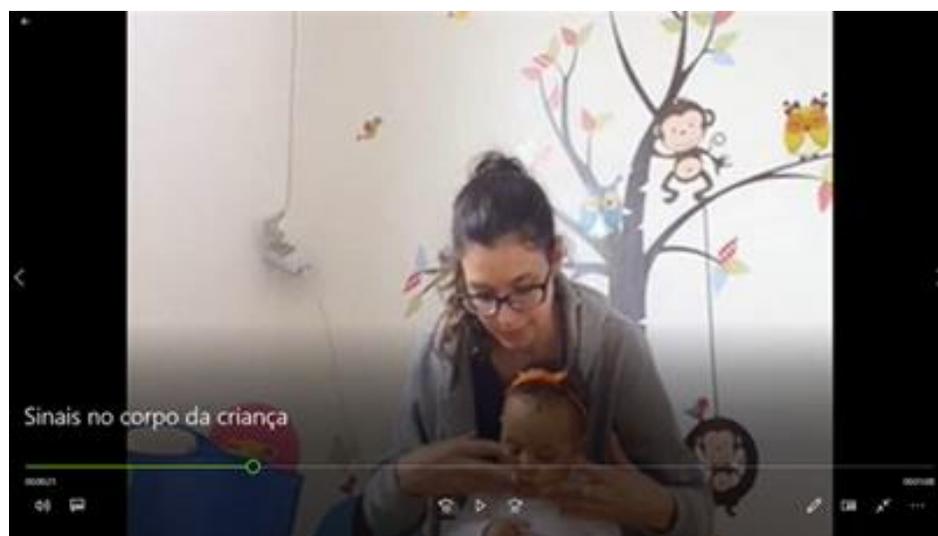
Fonte: O diário da Fiorella. Disponível em <<https://www.instagram.com/odiariodafiorella/?hl=pt-br>>. Acessado em junho de 2020.

Figura 5.6: mãe aguarda contato visual da criança para começar a sinalizar.



Fonte: O diário da Fiorella. Disponível em <<https://www.instagram.com/odiariodafiorella/?hl=pt-br>>. Acessado em junho de 2020.

Figura 5.7: sinalização no corpo da criança.



Fonte: O diário da Fiorella. Disponível em <<https://www.instagram.com/odiariodafiorella/?hl=pt-br>>. Acessado em junho de 2020.

É fundamental, portanto, que pais, cuidadores, familiares, professores e profissionais que atuam com bebês e crianças surdas conheçam e façam uso de estratégias na comunicação conforme as necessidades visuais de cada bebê ou criança surda durante a interação, colaborando para que sejam estabelecidas trocas comunicativas bem-sucedidas e para que o processo de aquisição de linguagem ocorra de maneira bem semelhante às ouvintes, como mostram os estudos nessa área.

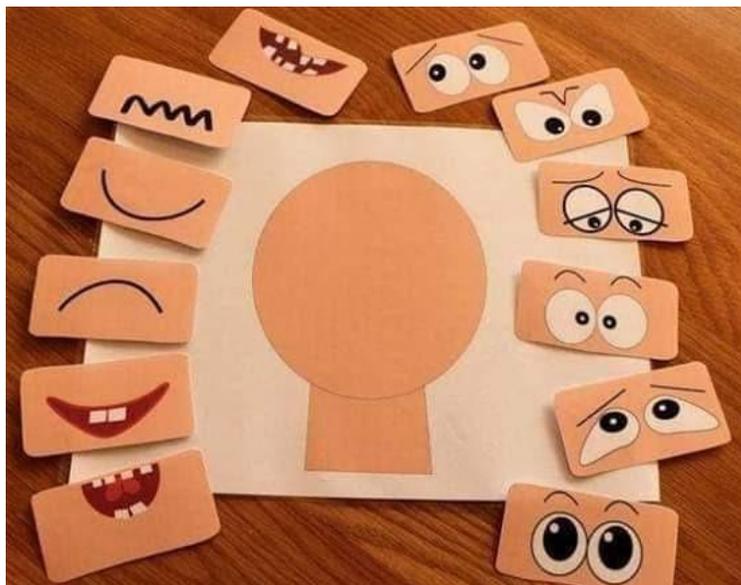
Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)

Nesta seção, será apresentada uma seleção de atividades sugeridas para que professores bilíngues possam interagir pedagogicamente com as crianças surdas de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses. Estas atividades se relacionam com a formação dos surdos, considerando que essas crianças compreendam a relação entre a produção dos sinais com o uso das expressões faciais e corporais. Aqui também são apresentadas algumas atividades com uso da Literatura, a fim de que os professores possam promover as atividades por meio da contação de histórias prevista na rotina como “A hora do conto”.

Formação dos sinais

Nessa fase, é importante que as crianças surdas explorem o mundo literário, então quatro atividades que relacionam histórias com expressões faciais e corporais serão propostas. Os professores bilíngues podem estimular o uso de expressões faciais e corporais seguindo a atividade sugerida na primeira etapa (com os bebês). Seleciona-se um livro impresso com uma história bem sentimental ou com figuras que mostram expressões escolhidas pelos professores; as crianças podem ficar sentadas no chão enquanto os professores narram a história em Libras e mostram os sinais dos sentimentos. É importante que os professores produzam sinais bem claros para que as crianças visualizem bem e compreendam melhor os sinais dos sentimentos e as expressões. Depois da hora do conto, as crianças participam de um jogo educativo sobre os sentimentos, exploram e descobrem quais sentimentos combinam a história. A figura 5.8 traz um exemplo de jogo para que o professor possa adaptar ou criar uma nova maneira de jogar.

Figura 5.8: montagem de expressões faciais.



Fonte: <<https://br.pinterest.com/pin/492651646747584705/>>.

Acesso em junho de 2020.

Na atividade seguinte, os professores bilíngues mostram os sinais de cada animal usando principalmente o(s) classificador(es) relacionado(s) a cada animal, por exemplo: o classificador que expressa o jeito (corpo, maneira de andar e de se movimentar) de algum animal, como: leão, gorila, papagaio, entre outros. É possível usar também a expressão facial para representar alguns animais. As crianças podem escolher um animal para expressar e imitar.

Depois dessa atividade de expressão, os professores bilíngues podem realizar uma atividade com boneco usando o joelho. O professor sinaliza as histórias enfatizando o uso de expressões. A figura 5.9 mostra a narração de uma história usando o boneco no joelho.

Figura 5.9: boneco falando em língua de sinais.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=G_kj_9iApNE>. Acesso em junho de 2020.

Depois do conto com boneco no joelho, as crianças podem criar o próprio boneco no joelho ou utilizar outros materiais. As atividades visam contribuir para que a criança adquira os sinais relacionados aos sentimentos.

No quadro 5.2, há algumas sugestões de vídeos narrados em Libras que podem ser utilizados em diversas atividades.

Quadro 5.2: sugestão de videotextos narrados em Libras.

OBRA LITERÁRIA	NARRADOR	GÊNERO TEXTUAL	PLATAFORMA	ANO
Macaco surdo fazendo música	Marina Teles	Conto	Vimeo	2019
A formiga indígena surda	Marina Teles	Conto	Vimeo	2019
O pássaro (números)	Juliana T. Lohn	Conto	Vimeo	2019
Conto em Libras: água e coelho	Lyvia de Araújo Cruz	Conto	YouTube	2016
Os animais	Juliana T. Lohn	Conto	Vimeo	2019

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Literatura surda: histórias infantis narradas em Libras

Nessa etapa, as crianças surdas que ainda estejam em processo inicial de aquisição da linguagem, e algumas maiores com aquisição tardia, não irão compreender vídeos com legenda e janela de tradução. Orienta-se que professores bilíngues selecionem vídeos que apresentem personagens que se sinalizam diretamente ou também sinalizadores/tradutores que se sinalizam nas cenas com imagens (Figuras 5.10 a 5.12).

Nas figuras 5.10 e 5.11, os personagens se sinalizam na cena com imagens bem coloridas.

Figura 5.10: atores infantis sinalizadores.



Fonte: <<http://tvines.org.br/?cat=3030>>. Acesso em junho de 2020.

Figura 5.11: personagem animado, Min e as mãozinhas.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=3THhbtzyw_Y>. Acesso em junho de 2020.

Já na figura 5.12, os personagens sinalizam diretamente nas cenas como fossem atores no vídeo.

Figuras 5.12: sinalizadores/tradutores/atores.



Fontes: <www.youtube.com/watch?v=6e00brTjk0I> e <www.vimeo.com/355978488>.

Acessos Acesso em: junho de 2020.

As crianças surdas nessa etapa estão no processo de aquisição, assim é importante que professores bilíngues usem e promovam situações de uso da Libras, valorizando a visualidade, a cultura surda e a identidade surda. O quadro 5.3 oferece algumas sugestões de histórias da literatura surda impressa em livros.

Quadro 5.3: algumas sugestões de livros impressos da literatura surda.

OBRA	AUTOR E AUTOR RECOMPILADO	GÊNERO TEXTUAL	EDITORA	ANO
Cigarra surda e as formigas	Jaqueline Boldo e Carmen E. Oliveira	Conto	Corag	2004
O feijãozinho surdo	Liège Gemelli Kuchenbecker	Conto	ULBRA	2009
Patinho surdo	Fabiano Souto Rosa e Lodenir Karnopp	Conto	ULBRA	2005
As estrelas de Natal	Alessandra Klein e Karin Strobel	Conto	Arara Azul	2015
A fábula da arca de Noé	Cláudio Henrique Mourão	Conto	Cassol	2014

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses)

A seguir são apresentadas atividades selecionadas principalmente nos campos da literatura surda, das artes surdas e da escrita de sinais. Estas sugestões de práticas se apresentam aos professores bilíngues com o propósito de estimular esses assuntos no planejamento e na execução das aulas para as crianças surdas na última etapa. Também são mostrados alguns jogos educativos que podem servir de inspiração para adaptações, criação e aplicação de atividades diretamente associadas à cultura surda. É muito importante que os professores bilíngues estejam abertos e dispostos a adaptar, construir e aplicar dinâmicas e jogos educativos, estando atentos aos saberes da Libras e da cultura surda em relação às qualidades apresentadas individualmente pelas crianças surdas.

Parâmetros da Libras: jogos e ludicidade

Nessa etapa, as crianças surdas começam a reconhecer que os sinais produzidos ou visualizados exibem configurações de mão (Figura 5.13) e, conforme os sinais comparados, as configurações serão iguais ou diferentes.

Professores bilíngues podem realizar diferentes atividades para desenvolver a consciência fonológica do parâmetro configuração de mão em atividades para evocação de sinais isolados ou em atividades para a criação e produção de frases ou histórias.

A primeira atividade sugerida visa promover a evocação de sinais com determinada configuração de mão. O professor bilíngue seleciona uma configuração de mão e as crianças produzem sinais que combinam com a configuração de mão selecionada. Por exemplo: os sinais que são produzidos com a configuração “Y” podem ser: TELEFONE, AVIÃO, SALTO ALTO, DESCULPA, TRISTE, BOIS, entre outros.

Outra opção de atividade, é propor às crianças a brincadeira “A configuração da semana é...”. Nessa brincadeira uma configuração de mão é escolhida para que as crianças tragam objetos ou imagens que ao serem sinalizadas tenham a configuração de mão escolhida.

Figura 5.13: cartões com configurações de mão da Libras.



Fonte: <<https://www.elo7.com.br/jogo-cm-configuracao-das-maos-em-libras/dp/14D186B>>. Acesso em junho de 2020.

Para a atividade de criação e produção de frases e histórias, o professor bilíngue pode selecionar um vídeo, como o da figura 5.14, que sinaliza uma história usando apenas uma configuração de mão. As crianças surdas podem, inicialmente, criar uma frase pequena usando uma configuração de mão. A atividade de criação de uma história com apenas uma configuração de mão pode ser feita em conjunto, com a colaboração de todos os alunos e do professor.

Figura 5.14: vídeo A vaca de salto alto, com apenas uma configuração.



Fonte: <<https://vimeo.com/356033857>>. Acesso em junho de 2020.

Nos jogos de memória, quebra-cabeça, dominó, bingo, entre outros, professores bilíngues podem mostrar o sinal correspondente a uma imagem, e que os sinais têm configurações iguais ou diferentes. Além de a criança aprender ou lembrar sinais também fará a comparação entre as configurações de mão, em uma atividade que promove a consciência fonológica da Libras. Alguns jogos podem

incluir palavras em português ou em escrita de sinais. A figura 5.15 traz alguns exemplos de jogos que os professores bilíngues podem usar ou adaptar.

Figura 5.15: exemplos de jogos educativos em Libras.



Fonte: <www.planetapedagogico.com.br>. Acesso em: junho de 2020.

Nessa fase, muitas crianças começam a aprender os números em Libras. Há alguns jogos educativos que os professores bilíngues podem utilizar com as crianças surdas.

As crianças podem fazer a contagem de objetos e relacionar a imagem do sinal correspondente. Para crianças surdas maiores, os professores bilíngues podem oferecer o jogo UNO, que tem várias regras. A figura 5.16 mostra alguns jogos que os professores bilíngues podem usar ou adaptar.

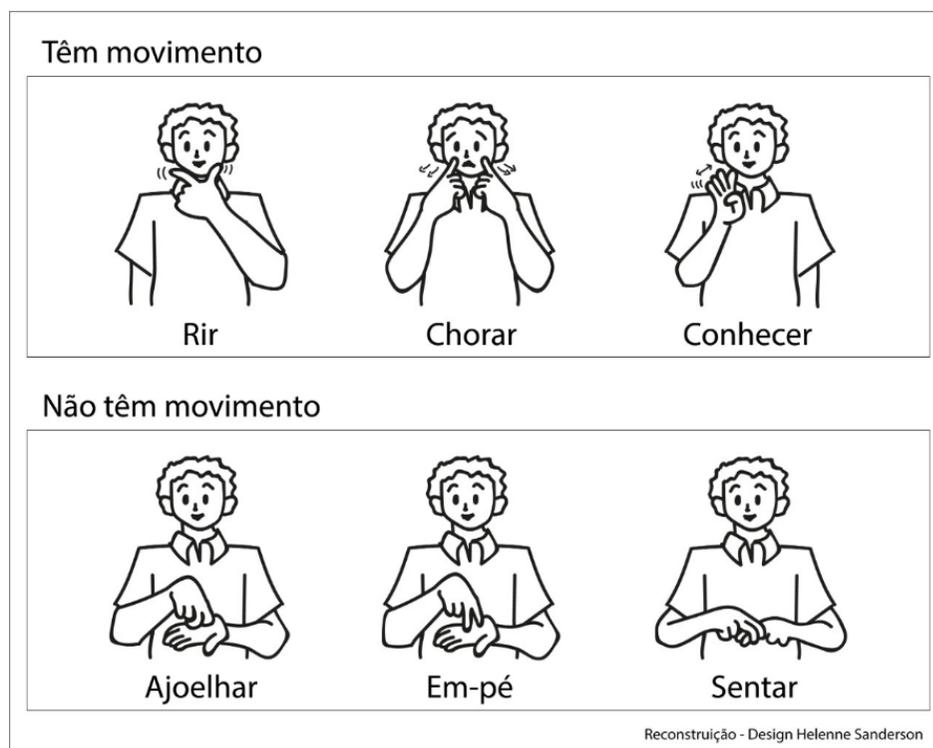
Figura 5.16: exemplos de jogos educativos.



Fonte: arquivo pessoal dos autores (2020).

Atividades que promovem a consciência fonológica da Libras podem ser realizadas com os outros parâmetros além da configuração de mão, como o movimento. Nessa atividade específica, o professor bilíngue mostra que alguns sinais da Libras têm movimento e outros, não (Figura 5.17).

Figura 5.17: sinais que têm movimento e que não têm movimento.



Fonte: Ilustração de Helenne Schroeder Sanderson (2020).

Em seguida, o professor seleciona imagens que, ao serem sinalizadas, poderão ter movimento na produção do sinal ou não. Por exemplo: a imagem anterior, ao ser denominada em Libras, não tem movimento; a imagem de uma girafa, ao ser denominada em Libras, é produzida com um movimento reto de baixo para cima. É importante trabalhar com os sinais que têm movimento e os que não têm movimento. Os professores podem selecionar sinais dos animais que combinam com movimento e não combinam com movimento. As crianças adivinham se têm ou não movimento.

Literatura surda: estratégias com crianças pequenas

Nessa etapa, em que as crianças produzem e compreendem histórias em Libras, o professor bilíngue pode começar a mostrar histórias relacionadas com a cultura surda para que as crianças possam explorar o mundo literário e a cultura surda ou o mundo surdo. O quadro 5.4 mostra exemplos de obras literárias infantis em Libras para serem narradas pelo professor.

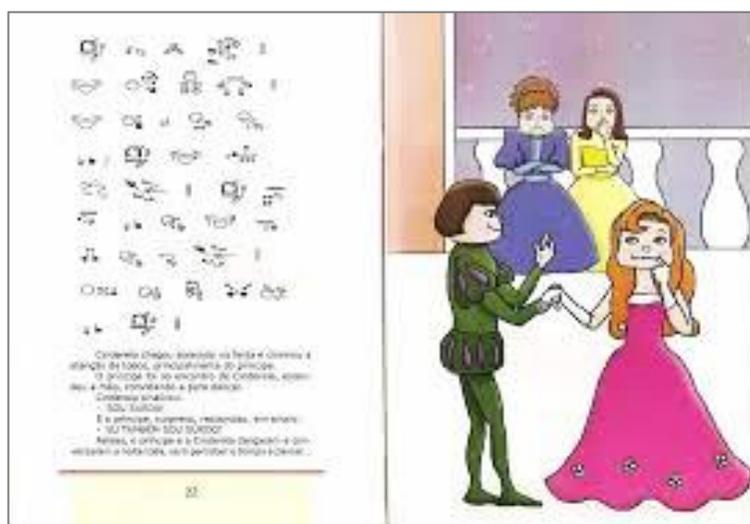
Quadro 5.4: algumas sugestões de livros impressos.

OBRA	AUTOR E AUTOR RECOMPILADO	GÊNERO TEXTUAL	EDITORA	ANO
Cinderela surda	Carolina Hessel Silveira, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp	Conto	ULBRA	2003
Rapunzel surda	Carolina Hessel Silveira et al.	Conto	ULBRA	2003
Adão e Eva	Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp	Conto	ULBRA	2005
As luvas mágicas do Papai Noel	Cláudio Henrique Mourão e Alessandra Klein	Conto	Cassol	2012
Chapeuzinho vermelho surda	João Batista Alves de Oliveira Filho	Conto	Literária	2020

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Alguns livros apresentam histórias com escrita de sinais (Figura 5.18). Essa é uma oportunidade para o professor bilíngüe mostrar que a Libras pode ser registrada na escrita e exibir alguns sinais e a grafia da escrita de sinais (SW).

Figura 5.18: Cinderela surda, história com escrita de sinais.



Fonte: Hessel et al., 2003.

**Literatura surda:
histórias sinalizadas em vídeos**

As crianças surdas nessa fase começam a explorar o mundo surdo e a contar suas histórias. O professor bilíngue pode selecionar os vídeos em Libras que combinam com a faixa etária. Preferencialmente, os vídeos devem durar até dez minutos e ter personagens ou sinalizantes nas cenas. Não é recomendável o uso de vídeos com apenas legenda ou com janela de tradução, pois, geralmente, crianças surdas pequenas ainda não leem a Língua Portuguesa escrita e, com frequência, direcionam mais a atenção para as imagens coloridas dos desenhos do que para a janela de tradução. O quadro 5.5 oferece cinco exemplos de histórias sinalizadas em Libras.

Quadro 5.5: Livros digitais.

OBRA	NARRADOR	GÊNERO TEXTUAL	EDITORA	ANO
Chapeuzinho vermelho em Libras	Heloise Gripp	Conto	INES	1999
Histórias em Libras – A Bela e a Fera	Alexandre Melendes	Conto	TV CES	2020
A onça e o gato	Aulio Nobrega	Conto	TV INES	2019
Os dedos	Rosana Grasse	Conto	TV INES	2018
Os três porquinhos	Fábio Sá	Conto	TV CES	2017

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Recomenda-se que o professor bilíngue conheça o programa chamado “*Conta pra mim*”, uma iniciativa da Política Nacional de Alfabetização (PNA). Há uma série de materiais que orientam famílias e profissionais da escola sobre como construir um projeto de leitura para as crianças.

Figura 5.18: Histórias em Libras no programa “Conta pra mim”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=IZY9WqwhkCM&list>

PROJETO “CONTA PRA MIM” – LIBRAS

Materiais Disponíveis na playlist
do Canal do MEC no YouTube



<https://www.youtube.com/watch?v=IZY9WqwhkCM&list=PL9nJ11ynWg3fRbNg5pV-GmDql8nuJrsQk>.

Artes surdas

As artes surdas fazem parte da cultura surda, por isso é sugerido que o professor bilíngue apresente as diferentes artes, como pinturas, vídeos, esculturas, teatro, poesia, quadrinhos, entre outras, como forma de mostrar às crianças surdas a arte como caminho de expressão da identidade surda, da cultura surda e de ser surdo, bem como acreditar que os olhos, a expressão facial, corporal e as mãos são referências para os surdos. Além disso, os professores podem apresentar pintores, atores e fotógrafos surdos, entre outros profissionais da arte, como Fernanda Machado e Nelson Pimenta, por exemplo.

Essas expressões artísticas ensinam que é possível criar artes que se relacionam com a cultura e a identidade surda. As crianças podem se expressar por meio delas e também acreditar que futuramente tem a capacidade de ser um artista surdo, um poeta surdo, um pintor surdo, um ator surdo etc. A arte é um meio para as crianças surdas expressarem o que desejam: pensamentos, suposições e vivências de ser surdo (Figura 5.19).

Figura 5.19: artistas surdos e seus trabalhos. **A.** Artista e poeta surda Fernanda Machado. **B.** Pintura da artista surda Fernanda Machado. **C.** Crianças surdas em aula de teatro. **D.** Crianças surdas apresentam uma peça teatral. **E.** Escritor surdo Lucas Ramon (“Tikinho”). **F.** Quadrinho do artista “Tikinho”.



Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Conforme mostrado, há várias formas de artes surdas: pintura, poesia, escultura, entre outros. É importante incluir as diferentes artes e relacioná-las, sempre que possível, com a cultura surda, dando oportunidade aos alunos de conhecer e valorizar as produções da arte surda.

Atividades físicas

Em todas as etapas da Educação Infantil Bilíngue é importante que as crianças surdas participem de jogos e brincadeiras, pois é uma maneira de se relacionarem com si mesmas, com os outros, e com o espaço e o tempo. Por meio dos jogos, podem ser estimulados a cooperação e o respeito às regras, e também a valorização da cultura.

Os alunos devem compreender as regras de atividades físicas ou jogos desportivos, o que ajuda no desenvolvimento integral das crianças surdas. Em alguns jogos ou atividades físicas, é utilizado apito para iniciar ou finalizar o jogo; no caso das crianças surdas, os professores podem substituir o apito, por um pano ou flanela vermelha para chamar a atenção das crianças surdas.

É importante ressaltar que as sugestões de materiais apresentadas estão relacionadas com a Libras visando valorizar a língua que está sendo adquirida e contribuir para uma aquisição mais rápida e efetiva.

Diálogos entre a Libras e a aprendizagem da escrita de sinais

É indicado para as crianças surdas na faixa etária entre 4 e 5 anos e 11 meses conhecerem a escrita de sinais, porque é uma representação do sistema primário de comunicação da Libras e um instrumento linguístico pleno para elas. Nessa fase, elas já exibem grande conhecimento da Libras, sua língua, e irão iniciar o registro dela por meio da escrita de sinais, em um código que tem uma relação direta com a língua que adquiriram. Stumpf (2005) afirma que as crianças surdas que se comunicam em Libras precisam representar pela escrita sua expressão, que nesse caso é visuoespacial. A aprendizagem de uma língua escrita, que retrata sua língua natural, contribui até mesmo para seu desenvolvimento cognitivo. Com isso, a autora salienta que

a criança transfere para sua nova língua o sistema de significados que já possui na sua própria língua e quando ela aprende a ver sua língua como um sistema específico entre muitos, passa a conceber seus fenômenos dentro de categorias mais gerais e isso leva à consciência das operações linguísticas. (STUMPF, 2005, p. 45).

Enfim, vários países podem fazer registros com o sistema de escrita de sinais, não sendo necessário ter que passar pela tradução da língua falada, bastando adaptar sua língua ao sistema. Segundo Stumpf (2004, p. 146), “o conhecimento do conceito metalinguístico supõe que para refletir sobre a língua é necessário poder

colocar-se fora dela, poder observá-la, e isto está intimamente relacionado com a possibilidade de ler e escrever”.

A Língua Portuguesa também será ensinada, porém como uma segunda língua. De acordo com Quadros (2000 [1999], p. 8), a escrita de sinais pode auxiliar as crianças que estão começando a ler.

A criança surda que está passando por um processo de alfabetização imersa nas relações cognitivas estabelecidas através da língua de sinais para organização do pensamento, naturalmente passa a registrar as relações de significação que estabelece com o mundo. Diante da experiência com o sistema de escrita que se relaciona com a língua em uso, a criança passa a criar hipóteses e a se alfabetizar. Experiência com o sistema de escrita significa ler esta escrita. Leitura é uma das chaves do processo de alfabetização. Ler sinais é fundamental para que o processo se constitua. Obviamente que este processo de leitura deve estar imerso em objetivos pedagógicos claros no desenvolvimento das atividades.

Assim, é importante que as crianças surdas sejam prontamente expostas à Libras e que os professores bilíngues usem materiais relacionados à literatura surda e ensinem a escrita de sinais para que elas leiam e escrevam em sua língua.

Segundo Quadros (2000 [1999], p. 10),

As oportunidades que as crianças têm de expressar suas ideias, pensamentos e hipóteses sobre suas experiências com o mundo são fundamentais para o processo de aquisição da leitura e escrita. Quando a criança já registra suas ideias, histórias e reflexões através de textos escritos, suas produções servem de base para reflexão sobre as descobertas do mundo e da própria língua. O professor precisa explorar ao máximo tais descobertas como instrumento de interações sociais e culturais entre colegas, turmas e outras pessoas envolvidas com a criança. Tais produções precisam apresentar significado sociocultural das relações que as crianças estabelecem.

É muito importante oferecer escrita de sinais na Educação Infantil para que as crianças surdas possam registrar sua língua na forma escrita. Nesse sistema, elas começam a aprender a ler e a escrever. A Língua Portuguesa escrita é aprendida como uma segunda língua ou língua adicional, mas após a criança ter experiência de leitura e escrita por meio da escrita de sinais.

6. Elementos e formas de avaliação de Libras

A avaliação de linguagem de crianças surdas deve sempre levar em consideração o início do contato com a língua de sinais e o contexto familiar no que se refere ao uso das línguas, o perfil familiar da criança, se os pais são surdos ou ouvintes e se existem pessoas surdas na família ou em contato constante para exposição da criança à língua de sinais.

Além disso, as condições físicas e cognitivas devem ser observadas. A presença de distúrbios de ordem intelectual, neurológica ou motora, por exemplo, pode impactar na aquisição e no desenvolvimento da linguagem.

A avaliação de linguagem precisa levar em conta a compreensão e a produção de linguagem, devendo se prestar a diversos fins. Para verificar o processo de aprendizagem podem ser empregadas avaliações de desempenho, a saber: avaliação formativa (descreve o crescimento e as necessidades da criança) e avaliação somática (quantifica o conhecimento). Observando o desenvolvimento de linguagem da criança surda e como ela alcança os objetivos de aprendizagem em linguagem propostos em um currículo escolar, a avaliação de linguagem e a avaliação educacional acabam por se sobrepor.

Avaliar como a criança surda adquire e processa suas habilidades de compreensão e produção da língua de sinais contribui para a tomada de decisão, por parte do professor, com relação às estratégias didáticas e metodológicas que devem ser tomadas. As particularidades de cada criança podem ser observadas, suas necessidades e os possíveis ajustes para que ela tenha potencializado seu caminho em direção à aquisição plena da língua de sinais.

No Brasil, existem algumas direções e protocolos para avaliação da Libras que serão apresentados a seguir.

SUGESTÃO 1

Avaliação da Língua de Sinais em crianças surdas na escola (QUADROS, 2004)

Trata-se de um teste formativo publicado por Quadros (2004) e estabelece critérios para que o professor faça sua análise sobre a linguagem da criança surda, observando sete níveis de desenvolvimento, correspondentes a faixas etárias específicas, cobrindo de 0 a 13 anos. Para cada nível, são observados os critérios referência, conteúdo, coesão, uso e forma. O texto completo pode ser acessado on-line.

SUGESTÃO 2

Língua de Sinais – instrumentos de avaliação (QUADROS; CRUZ, 2011)

A obra apresenta a proposição de um instrumento de avaliação em seu segundo capítulo. O instrumento foi desenvolvido com a colaboração de participantes surdos com aquisição de linguagem em tempo adequado e com aquisição tardia da língua de sinais. As tarefas requeridas na avaliação compreensiva revelam o conhecimento linguístico das crianças com base na seleção de figuras e na organização destas em sequência correspondente a uma história sinalizada gravada em DVD que acompanha o livro. As tarefas relativas à avaliação da linguagem expressiva observam os níveis fonológico, semântico, morfológico e sintático/discursivo considerando a narração de um desenho animado assistido pelo participante.

SUGESTÃO 3

Protocolo bilíngue de avaliação das habilidades comunicativas de crianças surdas (BARBOSA; LICHTIG, 2013)

O protocolo proposto nesse artigo é uma triagem. Ele observa o perfil pragmático da criança surda em interação com o examinador, uma narrativa de sequência e nomeação de figuras, e a complexidade linguística, apoiada no desempenho da criança durante a aplicação do teste. O texto completo pode ser acessado para leitura on-line.

SUGESTÃO 4

Língua de Sinais e Cognição – LiSCo: estudos em avaliação fonoaudiológica baseada na Língua Brasileira de Sinais (BARBOSA; NEVES, 2017)

O livro é organizado em sete capítulos, com a apresentação de instrumentos de avaliação de linguagem e cognição, com base na Libras, que podem ser usados por fonoaudiólogos, professores e psicólogos. Traz instrumentos criados especificamente para a Libras, como a triagem de habilidades linguísticas da Língua Brasileira de Sinais; e estudos de adaptação de testes para a Libras, como a avaliação da fluência de sinalização, a avaliação da memória operacional, e a adaptação do Teste de Aprendizagem Auditivo (Visual) Verbal de Rey, dentre outros. O livro é acompanhado de materiais para aplicação dos testes, como figuras para nomeação, figuras para produção de narrativas e DVD de aplicação.

Vale ressaltar que, além da aplicação de protocolos e/ou de instrumentos de avaliação são necessárias avaliações adicionais, como observações da criança em outros contextos. A comparação do desempenho linguístico verificado durante aplicação de protocolo e/ou instrumento de avaliação possibilita confirmação ou não dos resultados das avaliações, e maior conhecimento sobre o desenvolvimento linguístico da criança para que estratégias de estimulação sejam bem selecionadas.

7. A formação do professor bilíngue da Educação de Surdos orientada aos direitos de aprendizagem

As pessoas da escola precisam experimentar e promover a alegria de pensar. Tanto quanto apresentar conteúdos disciplinares tematizados, é necessário que o professor e todos os outros agentes escolares, pessoas da escola, se coloquem no lugar de instigadores. Crianças surdas, como quaisquer outras, são curiosas pelas novidades do mundo. No entanto, as crianças surdas encontrarão pela frente um mundo que, em sua grande maioria, responderá suas perguntas com um “*Depois eu te explico!*”. E quando a resposta vem, porque elas não se esquecem da promessa, é comum que seja uma versão resumida do que foi dito. Elas sabem, percebem esse jogo desde muito cedo (GARCIA, 2016). Será que as pessoas estão atentas para os efeitos desse jogo ao longo da vida? Instigar, plantar a curiosidade, é um serviço da escola. Apresentar o direito de ter respostas mais elaboradas e o sentimento de merecer saber é um compromisso valiosíssimo para esse projeto de Educação Escolar Bilíngue de Surdos que se pretende promover – não para, mas com as pessoas surdas.

Neste tempo, mais do que nunca e ainda menos do que se promete ser, os saberes, acadêmicos ou informativos, estão espalhados e concentrados por todos os lados. Disponíveis à sensibilidade e às competências de leitura e interpretação dos códigos; competências que fundamentam a ideia de inteligências, mas que não são genialidade, e sim competências ensináveis e aperfeiçoadas. A virtualidade do pensamento, é preciso reconhecer, ganhou novos significados nas virtualidades das redes digitais de dados. A internet não se apresenta mais como algo a ser acessado na tela de um computador, ela está nas coisas. E as coisas, como tecnologias de expansão das habilidades humanas, estão por todos os lugares. A internet, na era *smart things*, está nas coisas, conectadas entre elas e com as pessoas, que estão postas a serviço de mais e mais produção, circulação e consumo de saberes.



LER EM
LIBRAS



Acesse também pelo link:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLR05wt7Pxblnh0z7zG5tzjSlqIUXz8Ze>

No contexto atual dos saberes disseminados em diferentes formatos, a verdade e o valor, antes compreendidos como superiores a respeito de alguns temas e gêneros textuais, vão concorrendo com as novas modalidades de informação, de formato e principalmente de público e autoria. Como olhar para esse mundo e não reconhecer o impacto que essas tecnologias geraram na interação e na ampliação das relações das comunidades surdas entre si e com o mundo? (AMORIM, 2012; DIAS, 2018; GARCIA, 2018; GOETTERT, 2014; SCHIAFFINO, 2011).

Essa é a situação certa para o ensino por instrução em Libras que se deseja: quando o que o professor sinaliza provoca a curiosidade da criança surda, e crianças e jovens, instigados, interagem simultaneamente com os objetos (concretos, abstratos e/ou virtuais) que estão servindo de estímulo motor para o desenrolar daquele diálogo. Então a criança pergunta, dependendo da idade e do conhecimento de Libras, por meio da língua ou com movimentos corporais que demonstrem que ali se estabeleceu alguma relação entre ela e o objeto da curiosidade.

Nesse sentido, a pergunta, o interesse da criança surda, não é apenas aquilo que ela sinaliza querer saber mais, mas também um inclinar de corpo ou movimento de olhar que se desloca pelas coisas do espaço querendo o contato e a experimentação. E é nisto que o professor bilíngue baseia seu planejamento na Educação Infantil: na introdução sistematizada da relação entre criança surda, a Libras e o mundo. Algo que só é possível quando se reconhece que esse processo é sobre o direito de experimentar a vida da integridade do corpo próprio da pessoa surda (MARQUES, 2008), com uma experiência centrada na pessoa surda (LINHARES, 2019; MARTINS, 2013). É sempre sobre elas, as crianças surdas, bem mais sobre elas, sobre elas como um si mesmo que se reconhece e constrói em relação à percepção das coisas no seu mundo.

Nesse sentido, as tarefas – pedagogicamente planejadas na antecedência dos conhecimentos e ajustadas na atenção das imposições da realidade – precisam ser apresentadas a partir de um estímulo inicial que desperta o interesse sobre algo. O interesse irá despertar na criança o desejo por alguma resposta. Uma resposta tão mais do valor experimental das coisas, ou seja, daquilo que se relaciona com as coisas devolve para ela, do que propriamente do que as coisas significam nominal ou discursivamente no mundo precedente.

A curiosidade se torna, nesse sentido, um ensino do pensar. Nesse campo armado entre a criança e as coisas do mundo como coisas de interesse, é onde o professor bilíngue compreende os momentos certos de inserir, sem restrição de idade, um diálogo possível em Libras com essas crianças. Seja para saber referir as coisas por um sinal-nominal, isto é, para, por meio de um único sinal, a criança conseguir expressar um desejo, uma vontade ou uma necessidade a qual futuramente essa mesma criança saberá formular em frases mais complexas e argumentativas.

O falar do professor bilíngue, nessa proposição interativa com as crianças surdas da Educação Infantil, pressupõe o domínio de muitos níveis das linguagens interativas de comunicação. Se por um lado o professor bilíngue cria um espaço com objetos, estímulos e dinâmicas que possam gerar interesse, impulso e movimentação nos corpos surdos dessas crianças, por outro, ele não subjuga essa criança como incapaz de ser exposta a uma sinalização complexa e adequada à realidade comunicativa apresentada pela própria criança. Esse professor sabe que dada a conexão entre ele, o aluno surdo e as coisas de interesse no mundo, esse é o momento de inserir a língua na mediação entre os sujeitos, seus desejos e as coisas do mundo.

Progressivamente, tanto quanto o aumento vocabular e o desempenho linguístico das crianças em Libras, se faz necessário observar o crescimento interacional e comunicativo global da criança surda com as coisas do mundo. A Libras deve estar em todo o contexto vivido pela criança no ambiente escolar bilíngue. Cabe, inclusive, que progressivamente a criança só consiga algo que quer do professor bilíngue, uma resposta atitudinal, por exemplo, de pegar um brinquedo que está longe, se disser em Libras algo sobre o que deseja. Ao sinalizar com alguma precisão sobre o que quer ou sobre o que sente, a criança surda começa a se experimentar na interação com o mundo e seus sujeitos por meio da Língua de Sinais; consolidando, assim, na experiência, os valores da língua em uso.

Nesse sentido, faz parte do trabalho do professor da Educação Infantil bilíngue de surdos elaborar caminhos de desejo que levem as crianças surdas, como estudantes, a querer algo do mundo e serem respeitadas nesse querer. E, nesse querer, ver a si mesmas no conjunto das relações de outros querereres das pessoas ao redor. A língua, nesse contexto, é inserida como ferramenta de pensamento e de negociação do desejo. Aprender com a língua, testando sua precisão e imprecisão na negociação comunicativa, é uma maneira poderosíssima de estar ativamente no mundo. Esse é um dos direitos negados às crianças surdas quando subtraídas de uma comunidade de fala sinalizante desde a infância.

O silêncio da criança surda é um engano; uma impressão ilusória, consequência da não habilidade do professor bilíngue que não sabe ver o desejo das crianças surdas expresso em seus corpos. Esses espaços entre desejo ou incômodo expresso pelas crianças surdas na relação com o mundo é onde o professor bilíngue, progressivamente, inserirá a Libras como ponte e ferramenta para estar no mundo. Pode haver silêncios e silenciamentos no mundo do falar de um aluno, assim como pode haver muito falar no aparente silêncio. É preciso, no projeto de educação bilíngue de surdos, que o silêncio como inabilidade de “fala” e o silenciamento, como apagamento dos interesses das pessoas e comunidades surdas, sejam posicionamentos combatidos, vencidos e ultrapassados.

Com isso em mente, há um conjunto de competências a serem desenvolvidas pelos professores sinalizantes da Educação Infantil, que podem ser repensadas e adaptadas para professores atuantes em diversas áreas da modalidade de Educação Bilíngue de Surdos. São competências acerca dos direitos de aprendizagem no contexto da Educação Infantil Escolar Bilíngue de crianças surdas. Desse modo, são tecidas algumas considerações sobre como esse professor pode, em sua formação continuada e em atividade profissional cotidiana, atuar de maneira a garantir às crianças surdas os direitos elencados a seguir.

Direito de aprender em convivência

Sociabilizar em um ambiente linguístico confortável é um fim na inserção de crianças surdas na Educação Infantil? A convivência pode e deve ser um objeto no planejamento do professor bilíngue da Educação Infantil Bilíngue. Mas é necessário que se compreenda que a convivência aqui é planejada para suprir e ofertar experiências de aprendizagem significativas para as crianças surdas. Infelizmente, sociabilizar, em muitos casos, se tornou um termo usado para justificar a inserção não planejada de crianças em espaços inclusivos. Por isso, a importância de destacar aqui que o direito de aprender em convivência é um dos objetivos centrais de Educação Infantil Bilíngue de Surdos comprometida com a integridade das experiências sociais vividas pela maioria das crianças surdas.

A aquisição da Libras por crianças surdas nos primeiros anos de vida é, sem dúvida, um dos principais objetivos das políticas educacionais e linguísticas para estudantes surdos. Inúmeros estudos comprovam que as crianças surdas se inserem em comunidades de fala sinalizante quando ingressam na vida escolar. Sabe-se, atualmente, com mais certeza, que a entrada tardia no ambiente escolar genuinamente bilíngue pode ser muito prejudicial ao desenvolvimento infantil global dessas crianças, com efeitos ao longo da vida.

A constatação da privação de Libras na primeira infância e o tratamento excessivamente cuidadoso ou caritativo ao qual a maioria das crianças surdas são submetidas não anulam as experiências vivenciadas por elas. As pessoas surdas já acumularam, mesmo em situação depreciativa e em restrição de língua, um conjunto de vivências que moldaram suas lógicas de funcionamento, pensamento e interação, e esse é o material de (com)vivência que trazem para a escola em qualquer idade.

Na Educação Infantil, evidenciam-se as necessidades de contato e experimentação do corpo. Contudo, não se deve negligenciar que uma lógica comunicativa e discursiva de troca precisará ser estabelecida como base para implementação dos projetos pedagógicos. Nesse sentido, a convivência é, em si, um objeto de aprendizagem ao mesmo tempo que é um campo de produção de saberes.

Seja na relação direta com objetos de aprendizagem abstratos, assim como no desenvolvimento de abstrações derivadas dos fazeres concretos, a língua e o reconhecimento afirmativo de si são competências indispensáveis.

O professor atuante nesses contextos deverá ter uma nítida compreensão e instrução sobre as experiências surdas de isolamento comunicacional na primeira infância. Seu planejamento deverá contemplar a promoção de situações e projetos de convivência com outras crianças e adultos sinalizantes, seja em pequenos e/ou grandes grupos. Espaços e situações planejadas de convivência devem compreender a utilização de diferentes linguagens e tecnologias associadas à Libras. Essa troca tem por objetivo gerar aprendizagem pelas crianças surdas não apenas de conteúdo, mas de lógicas de interação e convívio. Não se trata apenas de sociabilização, mas de aprender pela troca, inseridas em um ambiente complexo onde se necessita que saibam negociar vontades e interesses em relação à proposta pedagógica apresentada.

O professor bilíngue conseguirá promover ações dessa natureza com estudantes surdos somente se ele mesmo buscar constantemente promover a ampliação do conhecimento de si e do outro, o respeito em relação às culturas em geral (passando pelos coletivos surdos) e às diferenças entre as pessoas – entendendo-os como princípios que fundamentam o saber como fruto da convivência como um valor para si mesmo.

Direito de aprender brincando

Qual foi a última vez que você se percebeu brincando com um jogo (físico, virtual, de tabuleiro, de cartas, de quadra etc.)? Ao se lembrar de brincar você consegue reconhecer o que aprendeu com isso? O brincar para a Educação Infantil Bilíngue de Surdos tem por objetivo promover a inserção da criança surda no jogo simbólico da vida humana. Nessas relações, é necessário conhecer bem a si mesmo, ao outro e as coisas do mundo. Aprender brincando é mais do que recreação posta em contraposição de um conteúdo escolar acadêmico. Brincar para aprender é um modo muito complexo de se abrir em uma negociação temporária que exigirá saberes e estratégias de uso simultâneo do corpo e do pensamento em uma prática real.

Assim como mencionado no tópico anterior, a sociabilização é, nesse projeto pedagógico, um caminho de aprendizagem revelado na convivência. Mas não um objeto superior ou um fim em si. Nessa perspectiva, se agrega a tomada do brincar como uma maneira de o estudante adquirir informações e conhecimentos que compõem o planejamento pedagógico. Mas e o professor, há quanto tempo não brinca? Pode-se falar propriamente de jogos infantis, mas o que se quer dizer aqui,

também, é se o próprio professor percebe qual foi a última vez que um jogo, ou uma atividade recreativa e lúdica em geral, lhe ofertou um conhecimento novo e/ou uma visão de mundo que não tinha antes. É necessário reviver essa experiência, ter viva em seu interior, para se perguntar como produzi-la pedagogicamente com os alunos.

Somado a essa reflexão está o lugar da Libras e da cultura surda no contexto dos jogos e das brincadeiras como caminho de aprendizagem. Nesse sentido, é necessário que os professores bilíngues estejam abertos à investigação dos jogos próprios para cada idade e fase de ensino, considerando as competências perceptivas dos alunos surdos, assim como as produções simbólicas da cultura surda – todos os casos sempre apresentados em Libras. Uma pesquisa pode indicar aos professores bilíngues sinalizantes a existência de jogos corporais autorais em diversos coletivos surdos. E, ainda, apontar como os valores construídos por meio da brincadeira podem ser revistos para atender a demanda das crianças surdas sinalizantes em toda a sua vida escolar.

O planejamento pedagógico da Educação Infantil de surdos sinalizantes deve considerar o brincar cotidianamente de diversas maneiras, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), surdos e ouvintes, sinalizantes. A brincadeira, o jogo e os diversos tipos de dinâmicas interacionais pedagogicamente planejadas possibilitam ampliar e diversificar o acesso que as crianças surdas têm de produções culturais sinalizadas e visuais.

O professor bilíngue precisa constantemente se investigar, reconhecendo como seus conhecimentos, sua imaginação e sua criatividade podem ter se desenvolvido em experiências de natureza lúdica. Deve buscar se inteirar de estudos que sistematizam o brincar na educação significativa e pensar como esses estudos se associam aos princípios e objetivos de uma Educação Bilíngue de Surdos articulada com as comunidades surdas. É necessário que esse professor pense a brincadeira como um caminho entre a criança surda, a Libras e o mundo. E assuma o brincar como uma estratégia legítima de ampliação das experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais das crianças surdas; possivelmente, como essas experiências fizeram como ele mesmo em vários momentos de sua vida.

Direito de aprender participando

Será que o professor bilíngue sinalizante está pronto para não ser o protagonista da sala de aula? Essa é uma pergunta instigante direcionada aos professores da educação bilíngue de surdos em geral. Os estudos surdos, as antropologias e sociologias das comunidades surdas mostram o quanto as pessoas surdas, suas línguas e modos de viver foram historicamente negados. E, mais do que

isso, que essa negação, como fruto da ignorância a respeito das potencialidades surdas, se faz presente atravessando as pessoas surdas desde a infância, já em suas casas. Nesse sentido, a interação educacional de estudantes surdos sinalizantes deve posicionar-se criticamente quanto às estruturas escolares que entendem a criança surda como agente passivo no processo. Esse processo acaba por gerar sujeitos “pacientes” com as estruturas sociais e escolares que não lhes parece – a eles mesmos – caber bem.

Quando se fala de participação ativa, refere-se às tomadas de decisão e consciência do direito à participação em qualquer momento, ou seja, mesmo quando não for formal e diretamente perguntados sobre algo. Acatar a opinião do outro por considerar esse outro (a maior parte das vezes, ouvinte) como superior, é uma das dinâmicas com a qual as pessoas surdas terão que deparar conflituosamente durante a vidas. Por isso, a participação ativa, crítica e consciente é um saber a ser considerado no fazer pedagógico da educação bilíngue de surdos. Um saber que, na Educação Infantil ofertada às crianças surdas sinalizantes necessitará considerar, mais uma vez, a relação entre desejo, língua e negociação.

Professores bilíngues sinalizantes devem prever a participação ativa das crianças surdas em tomadas de decisão. O espaço para tomada de decisão e negociação de propostas de encaminhamento à vida escolar deve ser um dos pressupostos de todas as aulas. Isso não quer dizer aceitar sem questionamento o que sugerem ou indicam querer os alunos surdos. Ao contrário, significa rever a autoridade instituída ao professor como poder de decisão absoluto e resoluto em si.

Na Educação Infantil ofertada a bebês (0 a 1 ano e 6 meses) e a crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses), a rotina escolar pode ser testada com pequenas variações entre as atividades programadas para o dia. Com bebês, mais de uma atividade pode ser disponibilizada na sala, e deixar que eles se desloquem em direção ou indiquem o objeto colocado próximo como interesse. Crianças bem pequenas já podem apresentar pequenas indicações sinalizadas (com destreza fonológica ou não) a respeito de seus desejos dentro da rotina. É aconselhável que a ordem da rotina seja mantida, deixando que as crianças optem pela atividade ou pelo objeto com o qual vão executar a atividade proposta.

Promover a participação ativa com crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses) pode incluir a inserção de indicações simbólicas para a tomada de decisão quanto aos elementos das atividades da rotina, assim como da mudança de ordem de algumas atividades na progressão da própria rotina do dia. Exemplificando, podemos testar se as crianças querem usar uma bola ou um dado de pano apresentando os objetos ou as figuras dos objetos associados aos sinais deles em Libras. Com base na inclinação das crianças, sinalizada ou não, indicar como a atividade vai acontecer.

Progressivamente, na atividade da Educação Infantil, deve-se verificar as habilidades apresentadas pelas crianças surdas no quesito negociação. Não se está

exigindo que nessa fase a criança saiba argumentar e defender uma opinião, mas que compreenda que o exercício dos seus desejos envolve a vontade e os desejos dos outros envolvidos. Seja na escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando em Libras com o vocabulário que tiver e puder ser ampliado.

Em síntese, a participação ativa mediada por Libras deve promover a negociação sinalizada com adultos e outras crianças, e o uso da Libras por todos os envolvidos. De maneira estratégica, as crianças em diferentes idades precisam influenciar, e se perceber influenciando, tanto o planejamento da gestão da escola como as atividades propostas pelo educador, bem como a realização das atividades da vida cotidiana. No que se refere à Libras, elas devem compreender que é pelo uso dessa língua que exercerão influência e serão influenciadas pelo meio.

Direito de aprender por exploração

Até onde o planejamento pedagógico do professor assume a exploração e a experimentação como elemento organizador da atividade de aprendizagem? Na Educação Infantil, a experimentação orientada e espontânea direciona o planejamento pedagógico de modo a promover um espaço de descobertas e testagens pelas crianças surdas. Nesse contexto, considerando cada fase e idade, o professor bilíngue precisa estar atento à inserção de comentários em Libras, incentivando o diálogo sinalizado das crianças surdas com ele e entre elas. Durante atividades de experimentação, é comum que a criança precise equilibrar a atenção entre sua prática e as orientações de trabalho indicadas pelo professor.

Essas referências são responsáveis por desenvolver a memória de trabalho tão importante para compreensão e planejamento autônomo na vida adulta. Deve-se estar atento e não ignorar essa qualidade discursiva e prática de interação em que a experimentação é recheada de comentários e trocas que dependem, no caso das crianças surdas sinalizantes, da alternância do contato visual entre o que está fazendo e a fala sinalizada do professor e dos colegas.

Explorar, como objeto do planejamento pedagógico com crianças surdas, envolve experimentações de movimentos, deslocamentos, gestos, vibrações sonoras, formas, texturas, cores, sinalizações, escrita de sinais, palavras escritas, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, entre outros. Atento às possibilidades de experimentação dentro ou fora da escola, o professor bilíngue precisa contemplar em seu planejamento ações que ampliem os saberes das coisas e por meio das coisas experimentadas. Mas, para isso, é necessário esse mesmo professor bilíngue se perguntar e reconhecer quais são suas experimentações mediadas por Libras que lhe geraram aprendizagens. Serã

que o professor entende que a exploração física, corpórea, perceptual, intelectual, emocional, entre outras, são, durante toda a vida, um caminho de aprendizagem?

Trazer a experiência para o planejamento pedagógico coloca em xeque concepções de aprendizagem baseadas em obediência, execução programada e repetição bem executada. Abre espaço para as respostas que os diferentes corpos envolvidos vão dar para estímulos e trocas pedagogicamente planejadas. Esse contexto exploratório é também um espaço para desenvolvimento e questionamento dos gostos pessoais. Mesmo que ainda em formação pelas crianças surdas, esse é o espaço de colocar os sentidos e as compreensões à prova. É o espaço excelente para inserir a prática de fruição no contato com arte surda, literatura surda e a cultura surda, em suas diversas modalidades. É ainda o espaço no planejamento pedagógico no qual o professor poderá contribuir com a ampliação de referências e bagagem simbólico-referencial dos alunos surdos em assuntos como artes, escrita, ciência e tecnologia.

Direito de aprender pela autoexpressão

Qual é o lugar da expressividade da criança surda no planejamento pedagógico do professor sinalizante da Educação Infantil Bilíngue? Seria apenas um objeto de sua avaliação? Aprender por meio da expressão é uma das maneiras mais significativas de troca simbólica em situações de construção do conhecimento. As crianças em geral estão dispostas a dizer muitas coisas sobre os mais variados assuntos. Elas falam, de muitas maneiras, sobre si mesmas e sobre suas impressões a respeito dos acontecimentos ao redor. No percurso trilhado na Educação Infantil, precisa haver oportunidades de observar essas qualidades expressivas se desenvolvendo significativamente, conforme essas crianças forem ampliando vocabulários e compreensões sobre as funções expressivas e comunicativas da Libras. Acolher e saber ler os diferentes tipos de expressão do diálogo com crianças surdas é parte importante do processo pedagógico promovido pelo professor bilíngue.

São inúmeros os relatos de jovens e adultos surdos a respeito de não serem, ou serem muito pouco, consultados quando crianças. Elas são pouco convidadas a opinar sobre assuntos da vida cotidiana. O capacitismo (MELLO, 2014; 2019) que precede a experimentação e a expressão de desejo das crianças surdas dá a entender que o melhor que se faz por ela é não consultá-la. São as demandas sociais da vida da criança surda que o professor bilíngue também precisa considerar na montagem de seu planejamento.

Um intenso debate a respeito do lugar da Libras diante das inúmeras possibilidades expressivas das diversas linguagens associadas à Educação Infantil e

à Educação Especial confundem o posicionamento da Libras, como língua, no processo educativo de crianças surdas sinalizantes. Os modos de comunicação alternativa, os jogos expressivos e a visualidade precisam ter um lugar especial da Educação Infantil como um todo, mas não substituem a língua. Assim como no caso do ensino para crianças ouvintes, língua e a linguagem se articulam, cada qual em sua função, para se estabelecer relação de ensino e aprendizagem. O lugar da Libras no processo educativo deve ser garantido em todo o processo enquanto as diferentes linguagens são experimentadas.

O direito à expressão no processo de aprendizagem é um “espelho” que, sendo estimuladas atenção e percepção de si, torna-se uma ferramenta valiosíssima para a criança no processo de escolarização. O planejamento pedagógico da Educação Infantil Bilíngue precisa acolher e se organizar em função dos elementos que compõem a complexidade do diálogo nos espaços surdos. Deve ser garantido às crianças surdas sinalizantes se expressar como sujeitos dialógicos, criativos e sensíveis. Necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões e questionamentos devem ser expressos por meio de diferentes linguagens dimensionadas e interpretadas pela Libras.

Direito de aprender se conhecendo

Até onde o que se aprende é, ou não, uma ferramenta de autoconhecimento? Essa é uma pergunta complexa que deve ser pensada por qualquer professor. Se o conhecimento se pretende transformador, ele quer, então, ocupar um lugar na vida das crianças surdas que sirva ao desenvolvimento humano delas. A princípio, o conhecimento acadêmico escolarizado está à disposição do que pesquisas e estudos científicos identificaram no decorrer dos anos. Mas “o que saber isso vai ajudar na minha vida?” é uma pergunta que se ouve muito na vida escolar. Essa pergunta talvez tenha ficado sem resposta até a vida adulta de muitas pessoas. Contudo, ainda que não se lembre dos conteúdos especificamente, muito das memórias e dos sentidos do que foi aprendido na relação permanece como vivência.

Na Educação Infantil Bilíngue de Surdos, todo o conhecimento deve ser produto de uma negociação dada no contato. Uma negociação que estimula a experiência de se perceber no processo. O público desse serviço educacional terá ali muito dos primeiros contatos com uma língua e com pessoas disponíveis para uma comunicação integralmente dentro do seu campo perceptual. Essa é uma qualidade de troca no contexto de aprendizagem que ensina para além dos conteúdos. A troca significativa é o território onde as crianças surdas compreenderão a si mesmas como sujeitos integrais em uma sociedade que poderá muitas vezes as significar como faltantes. É nessa fase que a criança surda imerge em um ambiente escolar

sinalizante e tentará reproduzir em outros ambientes as lógicas que adquire no espaço escolar, quando, então, espera-se que também comece a perceber e se reconhecer na interculturalidade estabelecida entre surdos e ouvintes – línguas, costumes, histórias e formas de estar no mundo.

Conhecer-se no processo de aprendizagem deve servir para estabelecer e construir sua identidade pessoal, social e cultural. No caso das crianças surdas, esse processo será determinante para a construção afirmativa de sua autoestima e da valorização de sua condição de pessoa surda no mundo. O professor bilíngue não pode se ver distante dessa realidade que vivenciam os estudantes surdos. O processo de construção de uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento são essenciais para o desenvolvimento da vida escolar e social. Esse é um tema e uma abordagem crucial no planejamento escolar. Seja como temática explícita ou implícita, o planejamento pedagógico deve atender para as diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar bilíngue pela criança surda. Tudo o que for vivenciado ali será, se a atenção do próprio estudante for despertada para ele mesmo, como uma ferramenta poderosíssima para ser e estar no mundo para além da comunidade escolar, mas também em seu contexto familiar, comunitário e social.

Considerações Finais da Parte V

Os primeiros anos de vida de uma criança são muito importantes para seu desenvolvimento geral. Aspectos físicos, cognitivos, emocionais e sociais são mobilizados ao mesmo tempo que há a demanda para o desenvolvimento linguístico. É por esse motivo que as proposições apresentadas neste documento para a Educação Infantil destacam, de maneira contundente, a imprescindibilidade da Libras para o desenvolvimento pleno da criança surda.

A relevância da Libras nessa idade é exposta com informações a respeito da emergência da aquisição de Libras o mais cedo possível e os impactos negativos da aquisição tardia da língua para o desenvolvimento da criança.

Com isso em mente, foi proposta uma abordagem para o processo de aquisição da Libras na Educação Infantil baseada na obtenção da língua (eixo estruturante: língua) na construção da noção de pertencimento à comunidade surda, com interação entre a criança e surdos e ouvintes que pertencem a essa comunidade (eixo estruturante: comunidade), a percepção e o cuidado de si (eixo estruturante: identidade) e o desenvolvimento de saberes físicos e intelectuais (eixo estruturante: desenvolvimento). Para esses eixos, foram propostas, então, uma série de competências e habilidades a serem alcançadas pelas crianças em cada faixa etária – bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas.

Essas proposições, fruto de discussão e reflexão de um grupo de surdos e ouvintes, com experiências diversas e que atuam na Educação de Surdos, são usadas como base para o conjunto de sugestões de temas, atividades e abordagens que, como sugestões, poderão contribuir para a prática do educador na promoção de condições necessárias para que bebês surdos e crianças surdas alcancem competências e habilidades necessárias em seu devido tempo. Em seguida, foram sugeridas formas de avaliação da Língua de Sinais para o balizamento do desenvolvimento das crianças e da prática do educador.

Ao final deste volume, foram apresentados os direitos de aprendizagem e a formação do professor pesquisador bilíngue da educação de surdos.

Este documento não pretende esgotar a proposição de possibilidades para a educação da criança surda, mas figurar como um instrumento de projeção de ideias – organizadas pela comunidade surda e por colaboradores que trabalham com a comunidade surda – que servirão como referencial para as boas práticas em educação bilíngue de surdos. Da mesma maneira que os demais referenciais de ensino, trata-se de um documento suscetível a mudanças decorrentes das necessidades da Comunidade Surda, das pesquisas científicas e da sociedade. O conhecimento que será produzido claramente poderá ser incorporado a futuros documentos, agregando a eles a inovação cultural esperada no processo civilizatório. Neste momento histórico, as práticas refletidas aqui certamente contribuirão para a orientação dos educadores e para a adequação da educação de bebês e crianças surdas.

Bibliografia sugerida para aprofundamento

TESES

3. BARBOSA, F. V. *Avaliação das habilidades comunicativas de crianças surdas: a influência do uso da língua de sinais e do português pelo examinador bilíngue*. 2007. 172f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
4. BOSSE, R. O. H. *Literatura surda no currículo das escolas de surdos*. 2019. 142f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
1. CAMPELLO, A. R. e S. *Aspectos da visualidade na educação dos surdos*. 2008. 244 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
2. CRUZ, C. R. *Consciência fonológica na língua de sinais brasileira (Libras) em crianças e adolescentes surdos com início da aquisição da primeira língua (Libras) precoce ou tardio*. 2016. 209f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
5. GESUELI, Z. M. *A criança surda e o conhecimento construído na interlocução em língua de sinais*. 1998. 164f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
6. KARNOPP, L. B. *Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*. 1999. 273f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 1999.
7. MACHADO, E. de L. *Psicogênese da leitura e da escrita na criança surda*. 2000. 204f. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Programa de Estudos Pós-graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
8. MIRANDA, W. de O. *A experiência e a pedagogia que nós surdos queremos*. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
9. MOURÃO, C. H. N. *Literatura surda: experiência das mãos literárias*. 2016. 287 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
10. SANTOS, L. C. M. dos. *Aprendizado bilíngue de crianças surdas mediadas por um software de realidade aumentada*. 2015. 189f. Tese (Doutorado) – Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

11. SILVA, A. B. da. *Literatura em Libras e educação literária de surdos: um estudo da coleção "Educação de surdos" e de vídeos literários em Libras compartilhados na internet*. 2015. 196f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
12. SILVA, I. R. *A representação do surdo pela escola e pela família: entre a (in)visibilização da diferença*. 2005. 280f. Tese (Doutorado) – Departamento de Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
13. TAVEIRA, C. C. *Por uma didática da invenção surda: prática pedagógica nas escolas-piloto de educação bilíngue no município do Rio de Janeiro*. 2014. 365f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Departamento de Educação, Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
14. TEIXEIRA, K. C. *A criança surda na educação infantil: contribuições para pensar a educação bilíngue e o atendimento educacional especializado*. 2016. 239f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

DISSERTAÇÕES

15. ADRIANO, N. de A. *Sinais caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos*. 2010. 103f. Dissertação (Mestrado em Letras-Libras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
16. ALENCAR, A. da S. *A aquisição de linguagem/Libras e o aluno surdo: um estudo sobre as formas de comunicação e interação na escola e na família*. 2016. 106f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2016.
17. BARBOSA, J. S. L. *A tecnologia assistiva digital de alfabetização de criança surda*. 2011. 195f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.
18. FRANZOI, E. B. S. *Interações da criança surda em escola comum*. 2016. 109f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016.
19. KELMAN, C. A. *Sons e gestos do pensamento da criança surda sob o enfoque sócio-interacionista*. 1996. 100f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
20. MACEDO, J. L. M. F. de. *Literatura surda e letramento visual: a criação de uma história infantil e de material didático bilíngue para surdos*. 2017. 156f. Dissertação (Mestrado em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2017.
21. MAIA, R. de F. C. *Surdez, educação e políticas sociais: a educação infantil do Instituto Nacional de Educação de Surdos*. 2016. 110f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

22. NASCIMENTO, A. C. e S. G. *O direito à Libras como língua materna: um estudo sobre a política educacional de educação infantil para crianças surdas na rede municipal de ensino de Curitiba*. 2017. 227f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
23. PINHEIRO, K. L. *Práticas pedagógicas bilíngues para crianças do Instituto Cearense de Educação de Surdos*. 2012. 164f. Mestrado (Dissertação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
24. RABELO, D. B. *O bebê surdo na educação infantil: um olhar sobre inclusão e práticas pedagógicas*. 2014. 173f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
25. RAMOS, C. R. *Língua de sinais e literatura: uma proposta de trabalho de tradução cultural*. 1995. 164f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.
26. REIS, K. V. dos. *O uso da imagem durante o processo de letramento de crianças surdas*. 2017. 77f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
27. RUZZA, M. L. F. de. *A inclusão educacional do sujeito: direito garantido ou reprimido?* 2016. 200f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
28. SCHLEMPER, M. D. da S. *Traduções infantis para Libras: o conto como mediador de aquisição sinalar*. 2015. 164f. (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

DOCUMENTÁRIOS

29. UFSCar Libras. Blog foi criado para auxiliar alunos da UFSCar Araras que fazem a disciplina de Libras. [201-]. Disponível em: <<http://ufscarLibras.blogspot.com/>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

SITES

31. ALBUQUERQUE, T. R. de. *Seu nome é Jonas (1979) (HD) - Legendado*. (1h34m18s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ezwoNRdKgEI>>.
32. COLÉGIO RIO BRANCO. *CES - Branca de Neve em Libras*. 2013. (9m35s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3nztjJSc7vo>>. Acesso em: 24 jun. 2020.
33. EDITORA Arara Azul. Libras para bebês. 19 mai. 2017. *Blog Libras para bebês*. Disponível em: <<http://Librasparabebes.blogspot.com/>>. Acesso em: 26 jun. 2020.
34. FERNANDES, E. Aprendendo a falar com as mãos com a Turma da Mônica. In: FERNANDES, E. *Blog Não sou diferente, sou especial!!!* 26 nov. 2012. Disponível em: <<http://eugeniafernandespedagoga.blogspot.com/2012/11/aprendendo-falar-com-as-maos-com-turma.html>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

35. FÓRUM Bilíngue do INES. Evento Formativo desenvolvido pelo Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico do Instituto Nacional de Educação de Surdos (DDHCT/INES). Palestras em Libras disponíveis em: <www.ines.gov.br/forum-bilingue>.
36. PORTAL da Libras UFSC. Materiais em Libras e Português sobre o curso de Letras Libras e diversas produções em pesquisa e extensão desenvolvidas pelo Departamento de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponíveis em: <<https://Libras.ufsc.br/>>.
37. PORTAL de Publicações do INES. Materiais didáticos, literatura em Libras e artigos científicos em Libras e Língua Portuguesa. Disponível em: <www.ines.gov.br/publicacoes>.
38. RODRIGÃO, R. B. N. *Chapeuzinho vermelho em Libras*. 2010. (7m37s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JuCVU9rGUa8&t=230s>>. Acesso em: 24 jun. 2020.
39. TV CES. *Histórias em Libras - A Bela e a Fera*. 2017. (10m17s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ndqVp-pr6T0>>. Acesso em: 24 jun. 2020.
40. TV CES. *Histórias em Libras - A lenda do Saci*. 2017. (1m53s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ouDNMKuQkiY>>. Acesso em: 24 jun. 2020

LIVROS E ARTIGOS

41. CAPOVILLA, F. C. Carta aberta ao ministro da Educação sobre a especificidade linguística da criança surda e o essencial de suas necessidades educacionais especiais. In: SÁ, N. L. R. (Org.). *Surdos: qual a escola?* Manaus: Valer; Edua, 2011a. p. 293-296.
42. CAPOVILLA, F. C. Sobre a falácia de tratar as crianças ouvintes como se fossem surdas, e as surdas, como se fossem ouvintes ou deficientes auditivas: pelo reconhecimento do status linguístico especial da população escolar surda. In: SÁ, N. L. R. (Org.). *Surdos: qual a escola?* Manaus: Valer; Edua, 2011b. p. 77-99.
43. GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. São Paulo: Plexus, 2002.
44. KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: ULBRA, 2011.
45. KOZLOWSKI, L. A educação bicultural do surdo. In: LACERDA, C. B. F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M. C. (Orgs.). *Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngue*. São Paulo: Plexus, 2000.
46. LADD, P. *Em busca da surdidade 1: colonização dos surdos*. 2017. (1h19min04s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9ewKcb7Ry-k&t=3694s>>. Acesso em: 08 jan. 2019.
47. LOPES, M. C.; Menezes, E. C. P. Inclusão de alunos surdos na escola regular. *Cadernos de Educação*, Pelotas, n. 36, p. 69-90, 2010.
48. MORGADO, M. *Literatura das línguas gestuais*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.
49. MOURA, M. C. A escola bilíngue para surdos: uma realidade possível. In: SÁ, N. L. R. (Org.). *Surdos: qual a escola?* Manaus: Valer; Edua, 2011. p. 155-168.

50. MOURA, M. C. Surdez e linguagem. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. (Orgs.). *Tenho um aluno surdo, e agora?* São Carlos: EdUFSCar, 2013. p. 13-26.
51. QUADROS, R. M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
52. RANGEL, G.; STUMPF, M. R. A pedagogia da diferença para o surdo. In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. (Org.). *Leitura e escrita no contexto da diversidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.
53. REIS, F. Professores surdos: identificação ou modelo? In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Orgs.). *Estudos surdos II*. Petrópolis: Arara Azul, 2007.
54. SÁ, N. L. R. Escolas e classes de surdos: opção político-pedagógica legítima. In: SÁ, N. L. R. (Org.). *Surdos: qual a escola?* Manaus: Valer; Edua, 2011. p. 17-61.
55. SANTOS, A. N. et al. Diferentes usos da cultura surda na literatura: a língua de sinais atravessada por marcas culturais e resignificada nos processos de inclusão. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: ULBRA, 2011. p. 41-54.
56. SILVA, D. N. H. *Como brincam as crianças surdas*. São Paulo: Plexus, 2002.
57. SKLIAR, C. *Atualidade da educação bilíngue para surdos: interfaces entre pedagogia e linguística*. Porto Alegre: Mediação, 1999b, 2v.
58. SKLIAR, C. *Atualidade da educação bilíngue para surdos: processos e projetos pedagógicos*. Porto Alegre: Mediação, 1999a. 1v.

ARTIGOS

59. BRITO, A. M. W.; DESSEN, M. A. Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 429-445, 1999.
60. FERNANDES, E.; RIOS, K. R. Educação com bilinguismo para crianças surdas. *Intercâmbio*, n. 2, p. 13-21, 1998.
61. Gonçalves, V. B.; MIRANDA, J. P. V. *Aquisição da linguagem: diferenças entre crianças ouvintes e crianças surdas*. [20--?]. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14815/1/2015_VanessaBatistaGoncalves_tcc.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2020.
62. KARNOPP, L. B. *Aquisição da linguagem por crianças surdas – investigações sobre o léxico*. *Calidoscópico*, 2004.
63. LACERDA, C. B. F. A inclusão escolar de alunos surdos: O que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-184, 2006.
64. LACERDA, C. B. F.; LODI, A. C. B. A difícil tarefa de promover uma inclusão escolar bilíngue para alunos surdos. s/d. Grupo de Pesquisa CNPq: Surdez e Abordagem Bilíngue. Programa de Pós-Graduação em Educação – UNIMEP. Disponível em <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT15-2962--Int.pdf>>. Acessado em agosto de 2020.

65. LODI, A. C. B. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto n. 5.626/05. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 49-63, 2013.
66. NEGRELLI, M. E. D.; MARCON, S. S. Família e criança surda. *Ciência, Cuidado e Saúde*, Maringá, v. 5, n. 1, p. 98-107, 2006.
67. PRADO, R.; MACEDO, J. A poderosa borboleta surda: uma criação literária para crianças surdas. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, UDESC, 2018.
68. SCHLEMPER, M. D. da S. A importância da literatura infantil em Libras no desenvolvimento infantil. *Revista Virtual de Cultura Surda*, n. 20, jan. 2017.
69. VERNIANO, M. I. Literatura infantil surda: os primeiros passos de uma nova era. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 17, n. 1, p. 251-272, 2019. Disponível em: <<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/revistamosaico/article/viewFile/539/486>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

REFERÊNCIAS

ADLER, V. *O bebê da cabeça aos pés*. São Paulo: Editora Globinho, 2012.

AMORIM, M. L. C. de. *Estilos de interação web de navegação e ajuda contextual para usuários surdos em plataformas de gestão da aprendizagem*. 2012. 196 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

ATKINSON, J. R. et al. The impact of developmental visuo-spatial learning difficulties on British Sign Language. *Neurocase*, n. 8, p. 424-441, 2002a.

ATKINSON, J. R. et al. When sign language breaks down: deaf people's access to language therapy in the UK. *Deaf Worlds*, pp. 9-21, 2002b.

BARBOSA, F. V. A clínica fonoaudiológica bilíngue e a escola de surdos na identificação da língua de sinais atípica. *Educação e Realidade Edição Eletrônica*, v. 41, p. 731-754, 2016.

BARBOSA, F. V.; LICHTIG, I. *Protocolo bilíngue de avaliação das habilidades comunicativas de crianças surdas*. Rio Grande: Pluscom, 2013. 1 v. 116p.

BARBOSA, F. V.; NEVES, S. L. G. (Orgs.). *Língua de Sinais e Cognição – LiSCo: estudos em avaliação fonoaudiológica baseada na Língua Brasileira de Sinais*. Barueri: Pró-Fono, 2017. 1 v. 162p.

BELLUGI, U. et al. The development of spatialized syntactic mechanisms in American Sign Language. In: EDMONSON, W.; KARLSON, F. (Eds.). *The Forth International Symposium on Sign Language Research*. Hamburg: Signum-Verlag Press, 1990. p. 16-25.

BELO, J. T. F. *Representações surdas sobre a língua de sinais do Facebook*. 2016. 66 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

BISOL, C. *Tibi e Joca: uma história de dois mundos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

BOUDREAU, P.; MAYBERRY, R. Grammatical processing in American Sign Language: age of first-language acquisition effects in relation to syntactic structure. *Language and Cognitive Processes*, v. 21, p. 608-635, 2006.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL. Lei nº 13.796, de 3 de janeiro de 2019. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para fixar, em virtude de escusa de consciência, prestações alternativas à aplicação de provas e à frequência a aulas realizadas em dia de guarda religiosa. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 03 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, 2018.

COLÉGIO RIO BRANCO. CES - *Branca de Neve em Libras*. 2013. (9m35s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3nztjJSc7vo>>. Acesso em: 26 mai. 2020.

CORINA, D. et al. Phonological Awareness for American Sign Language. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v, 19, n. 4, p. 530-545, 2014.

CRUZ, C. R. *Consciência fonológica na Língua de Sinais Brasileira (Libras) em crianças e adolescentes surdos com início da aquisição da primeira língua (Libras) precoce ou tardio*. 2016. XX f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

DIAS, D. G. R. *Avatar sinalizador de Libras aplicado em atividade de livro didático: estudo de caso*. 2018. 152 f. Dissertação (Mestrado em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

ERTING, C. et al. The interactional context of deaf mother-infant communication. In: VOLTERRA, V.; ERTING, C. (Eds.). *From gesture to language in hearing and deaf children*. Berlin: Springer-Verlag, 1990. p. 97-106.

FERJAN RAMIREZ, N. et al. Neural language processing in adolescent first-language learners: longitudinal case studies in American Sign Language. *Cerebral Cortex*, p. 1-12, 19 nov. 2014.

FERJAN RAMIREZ, N. et al. The first words acquired by adolescent first-language learners: when late looks early. In: DANIS, N.; MESH, K.; SUNG, H. (Eds.). *Proceedings of the 35th Boston University Conference on Language Development*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2011. p. 210-221.

FERJAN RAMIREZ, N. et al. The initial stages of language acquisition begun in adolescence: when late looks early. *Journal of Child Language*, p. 1-24, 2012.

FILHO OLIVEIRA, J. B. A. de. *Chapeuzinho vermelho surda*. São Paulo: Literária, 2020.

FORD, E. *Fazenda*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2017.

FURNARI, E. *Filó e Marieta*. Coleção Ponto de Encanto. São Paulo: Paulinas, 1983.

FURNARI, E. *Zuza e Arquimedes*. Coleção Ponto de Encanto. São Paulo: Paulinas, 1983.

GARCIA, G. P. G. *Emoção e aprendizagem de temas ambientais com integração de tecnologias na experiência de estudantes surdos*. 2018. 92 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente, Tecnologia e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, 2018.

GARCIA, R. R. de O. *Qualidade de vida da pessoa surda no ambiente familiar*. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

GOETTERT, N. *Tecnologias digitais e estratégias comunicacionais de surdos: da vitalidade da língua de sinais à necessidade da língua escrita*. 2014. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

HARRIS, M. et al. The social context of early sign language development. *First Language*, v. 9, n. 25, p. 81-97, 1989.

HARRIS, M. *Language experience and early language development: from input to uptake*. Hove: Lawrence Erlbaum Associates Ltd., 1992.

HERMAN, R. et al. *Assessing British sign language development: receptive skills test*. Coleford: Forest Book Services; 1999.

HERMAN, R. Issues in designing an assessment of British Sign Language development. *International Journal of Language and Communication Disorders*, v. 33, supl. 1, p. 332-337, 1998.

HESSEL, C. et al. *Cinderela surda*. Canoas: ULBRA, 2003.

KARNOPP, L. *Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira dos Sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos*. 1994. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

KARNOPP, L. *Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*. 1999. 274 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

KARNOPP, L.; QUADROS, R. M. de. Educação infantil para surdos. In: ROMAN, E. D. STEYER, EDITE, V. (Org.). *A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado*. Canoas: ULBRA, 2001.

KLEIN, A.; STROBEL; K. *As Estrelas de Natal*. Petropolis: Arara Azul, 2015.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The signs of language*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1979.

KOESTER, L. et al. Mother–infant behaviors at 6 and 9 months. In: MEADOW-ORLANDS, K.; SPENCER, P.; KOESTER, L. (Eds.). *The word of deaf infants*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 40-56.

KUCHENBECKER, L. G. *O feijãozinho surdo*. Canoas: ULBRA, 2009.

Lederberg, A. R., & Everhart, V. S. Communication between deaf children and their hearing mothers: The role of language, gesture, and vocalization. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, 41, 887–899, 1998.

LINHARES, R. *Traduzir a surditude: diálogos entre pesquisadores surdos do Brasil e a tradutologia das línguas de sinais*. 2019. 230 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

LODI, A. C. B. *A leitura como espaço discursivo de construção de sentidos: oficinas com surdos*. 2004. XX f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

LOVECRAFT, H. P. *Meus cinco sentidos*. Sintra: Yoyo Books, 2006.

MACSWEENEY, M. et al. Phonological processing in deaf signers and the impact of age of first language acquisition. *NeuroImage*, n. 40, p. 1369-1379, 2008.

MAESTAS Y MOORES, J. Early linguistic environment: interactions of deaf parents with their infants. *Sign Language Studies*, v. 26, p. 1-13, 1980.

MARQUES, R. R. *A experiência de ser surdo: uma descrição fenomenológica*. 2008. 133 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MARTINS, F. C. *Discursos e experiências de sujeitos surdos sobre audismo, deaf gain e surdismo*. 2013. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

MAYBERRY, R. et al. Age of acquisition effects on the functional organization of language in the adult brain. *Brain and Language*, n. 119, p. 16-29, 2011.

MAYBERRY, R. First-language acquisition after childhood differs from second language acquisition: the case of American Sign Language. *Journal of Speech and Hearing Research*, v. 36, p. 1258-1270, 1993.

MAYBERRY, R.; EICHEN, E. The long-lasting advantage of learning sign language in childhood: another look at the critical period for language acquisition. *Journal of Memory and Language*, v. 30, n. 4, p. 486-512, 1991.

MAYBERRY, R.; WITCHER, P. What age of acquisition effects reveal about the nature of phonological processing. *Center for Research on Language Technical Report*, v. 17, n. 3, p. 1-9, 2005.

MEADOW-ORLANDS, K. et al. *Interactions of deaf and hearing mothers with three- and six-month old infants*. Paper presented at the Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development, Baltimore. 1987.

MELLO, A. G. de. *"Olhar, (não) ouvir, escrever": uma autoetnografia ciborgue*. 2019. 251 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MELLO, A. G. de. *Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, observações e narrativas sobre violências contra mulheres com deficiência*. 2014. 260 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MILLER, J.; KLEE, T. Abordagens computacionais à análise da deficiência de linguagem. In: FLETCHER, P.; MACWINNEY, B. (Orgs.). *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 447-466.

MORFORD, J; MAYBERRY, R. I. A reexamination of “early exposure” and its implications for language acquisition by eye. In: CHAMBERLAIN, C.; MORFORD, J.; MAYBERRY, R. (Eds.). *Language acquisition by eye*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000. p.111-128.

MOURÃO, C. H. N. *A fábula da arca de Noé*. Porto Alegre: Cassol, 2014.

MOURÃO, C. H. N.; KLEIN, A. *As luvas mágicas do Papai Noel*. Porto Alegre: Cassol, 2012.

NEVES, S. L. G. Um novo olhar surdo sobre a fonoaudiologia. In: BARBOSA, F. V.; NEVES, S. L. G. (Orgs.). *Língua de Sinais e Cognição – LiSCo: estudos em avaliação fonoaudiológica baseada na Língua Brasileira de Sinais*. Barueri: Pró-Fono, 2017. 1 v. 162p.

OLIVEIRA, C. E.; BOLDO, J. *Cigarra surda e as formigas*. Erechim: Corag, 2004.

PETITTO, L.; MARENTETTE, P. Babbling in the manual mode: evidence for the ontogeny of language. *Science*, v. 251, p. 1493-1496, 1991.

PIZER, G. et al. Child-directed signing as a linguistic register. In: CHANNON, R.; VAN DER HULST, H. *Formational Units in Sign Language*. Mouton: Ishara Press, 2011. p. 65-83.

Quadros, R. M. de. (2013). Avaliação da Língua de Sinais em crianças surdas na escola. *Letras De Hoje*, 39(3), 2004. Disponível em < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13922>>. Acessado em junho de 2020.

QUADROS, R. M. de. *Alfabetização e o ensino de Libras como L1*. 1999. Disponível em: <<https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=23&idart=47>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

QUADROS, R. M. de. *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição*. 1995. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

QUADROS, R. M. de. Avaliação da língua de sinais em crianças surdas na escola. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 297-309, 2004. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13922/9235>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

QUADROS, R. M. de. O “bi” em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. (Org.). *Surdez e bilinguismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

QUADROS, R. M. de; CRUZ, C. *Língua de sinais: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

RIGO, N. *Bibi&Nati - Divulgação do 9º FITA Floripa (2015)*. (02m54s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G_kj_9iApNE>. Acesso em: 30 mai. 2020.

ROSA, F.; KARNOPP, L. *Adão e Eva*. Canoas: ULBRA, 2005.

ROSA, F.; KARNOPP, L. *Patinho surdo*. Canoas: ULBRA, 2005.

SCHIAFFINO, R. S. *Mídia e comunidade surda: Como a mídia pode colaborar para a formação do conhecimento científico dos surdos*. 2011. 187 f. Dissertação (Mestrado em Química Biológica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SILVEIRA, C. H. et al. *Rapunzel surda*. Canoas: ULBRA, 2003.

SPENCER, P. et al. Visual attention: maturation and specialization. In: MEADOW-ORLANS, K.; SPENCER, P.; KOESTER, L. (Eds.). *The world of deaf infants*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 168-188.

SPENCER, P.; HARRIS, M. Patterns and effects of language input to deaf infants and toddlers from deaf and hearing mothers. In: SCHIK, B.; MARSCHARK, M.; SPENCER, P. (Eds.). *Advances in the sign language development of deaf children*. Reino Unido: Oxford University Press, 2006. p. 71-101.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: UFSC, 2008.

STUMPF, M. R. *Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: línguas de sinais no papel e no computador*. 2005. 277 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

STUMPF, M. R. Sistema SignWriting: por uma escrita funcional para o surdo. In: THOMA, A. da S.; LOPES, M. C. (Orgs.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

TV CES. *Histórias em Libras - A Bela e a Fera*. 2017. (10m17s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ndqVp-pr6TO>. Acesso em: 26 mai. 2020.

TV CES. *Histórias em Libras - A lenda do Saci*. 2017. (1m53s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ouDNMKuQkiY>. Acesso em: 26 mai. 2020.

TV CES. *Histórias em Libras - A lenda do Sol*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ztR5jl>. Acesso em: 26 mai. 2020.

TV CES. HISTÓRIAS EM LIBRAS - Os três porquinhos. 2017. (11m42s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mgSIYg-Astg>. Acesso em: 26 mai. 2020.

TV INES. *Contação de Histórias: A Onça e o Gato*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o86U1uielgE>. Acesso em: 26 mai. 2020.

TV INES. *Contação de Histórias: Gato Viriato*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n-1yNKVfGWA>. Acesso em: 26 mai. 2020.

TV INES. *Contação De Histórias: Mãe*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1MhQqHvqNiY>. Acesso em: 26 mai. 2020.

TV INES. *Contação de Histórias: O Aniversário de Margarida - Parte 01*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M6o4m3jbxg>. Acesso em: 26 mai. 2020.

TV INES. *Contação de Histórias: O Aniversário de Margarida - Parte 02*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I9Nwe8R98X4>. Acesso em: 26 mai. 2020.

TV INES. *Contação De Histórias: O Mentiroso*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EGpbLjhz8>. Acesso em: 26 mai. 2020.

TV INES. *Contação de Histórias: Os Dedos*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lc1FXy808iM>. Acesso em: 26 mai. 2020.

TV INES. *Contação de Histórias: Pedra, o menino que sabia voar*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gfbMQkOvARI>. Acesso em: 26 mai. 2020.

WAXMAN, R.; SPENCER, P. What mothers do to support infant visual attention: sensitivities to age and hearing status. *J Deaf Stud Deaf Educ.*, v. 2, n. 2, p. 104-114, 1997.

**Referenciais para o ensino
de Língua Brasileira de Sinais
como primeira língua na
Educação Bilíngue de Surdos:**
da Educação Infantil ao Ensino Superior

PALAVRAS FINAIS:

*referenciais para um ensino de Libras
em que os Surdos sejam referência*

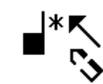


Pensar em uma política pelas diferenças exige um olhar mais atento às especificidades e suas implicações. Mudanças profundas são requeridas para o estabelecimento da Educação Bilíngue de Surdos. Durante todo o processo de escrita e pensamento desta obra, buscou-se constantemente ter atenção ao significado das diferenças que estão em jogo e como surdos precisam ser considerados como referência de quaisquer coisas ditas, planejadas ou executadas sobre e para os surdos. **“Nada sobre nós sem nós”** é um lema que deve ser defendido por todos neste projeto; conscientes de que nesse jogo de poder e de significações o “nós” deve funcionar na língua e na cultura dos surdos, inegavelmente, com a presença e a participação legítima de pessoas surdas.

A experiência visual, muitas vezes relegada a um segundo ou terceiro plano, deve passar a ser centro das atenções, pois é a base do pensamento e da linguagem dos surdos. Vale reforçar, então, aquilo de que se falou desde a introdução desta obra, passando pelas partes percorridas até aqui: a visualidade é uma competência e uma habilidade dos surdos, portanto, na educação das pessoas surdas, não é uma propriedade dos objetos ou métodos pedagógicos; são os corpos dos surdos, entendidos como construção histórica que se atualiza ao longo da vida e das gerações. A visualidade se aprimora, leva os surdos até a Libras e todas as outras línguas de sinais do Brasil e do mundo, como um dos maiores tesouros da humanidade, manifestado na potencialidade extrema da vida como diferença e alteridade.

Há narrativas surdas acumuladas em registros e nos corpos vividos suficientes para destacar muito dos sofrimentos subjetivos vivenciados pelos surdos, sempre que foram ignoradas suas diferenças, sempre que lhes foi negado o direito de se aperfeiçoarem em suas culturas surdas – desvalorizadas na lógica geral de narrativas institucionalizadas ainda vigentes em diversos espaços; inclusive naqueles ditos “de/para surdos”. Essas narrativas exaltam a Libras e a necessidade de uma comunicação plena com o outro, onde exista a possibilidade de construção da subjetividade, a construção consciente de si mesmo, pela inserção em uma cultura condizente com as potencialidades do corpo da pessoa surda, não acobertada em modelos compensadores que olham os surdos e só veem o que aparentemente lhes falta, veem apenas o potencial que faz a diferença.

As mudanças de paradigma nos últimos anos se inscrevem como resistências. Mover o corpo e as experiências das pessoas surdas para fora dos restritos “muros” das análises clínicas imprimiu novos sentidos ao debate. Mas foi somente quando as próprias pessoas surdas se tornaram autoras desses processos de investigação que



novas epistemologias começaram a emergir, permitindo outras formas de compor e interpretar a vida.

Conforme o avanço do conhecimento no campo das ciências humanas, de visão socioantropológica, os coletivos de surdos não são apenas objeto de uma intenção “pedagogizada” de normalização, mas são potencialmente criadores de sentido e significado para a vida. Esse potencial, esse poder surdo, se manifesta mais explicitamente na Libras. Mas existem inúmeros outros níveis de produção de sentido que só poderão ser percebidos, e talvez investigados, quando barreiras que dividem conhecimentos humanos e a Libras forem derrubadas pela livre circulação dos atores surdos.

Quando se fala em construir um lugar de ocupação, resistência e avanço dos agentes surdos, também se fala do lugar de reformulação das posturas e éticas das pessoas ouvintes, pensadas como um todo, quer saibam Libras ou não. Não se trata aqui de polarizar as relações, mas de apontar as desigualdades no processo histórico de construção das instituições e dos projetos voltados aos surdos. Mesmo hoje, é preciso apontar a urgência da implementação de uma filosofia eficaz e legítima de Educação Bilíngue de Surdos, que ainda encontra visível resistência por grande parte dos profissionais que trabalham na educação de surdos. Esses novos referenciais para implementação real de uma Educação Bilíngue de Surdos necessitam da mudança de paradigmas e, mais do que isso, de referências antes legitimadas como intocáveis e imutáveis. Essas referências nunca foram definidas pelos surdos, e é sobre essa mudança de paradigma que trata esta obra.

Em salas de aulas, lançados como que dissolvidos no sistema educacional, estudantes surdos são vistos como pessoas surdas que necessitam de atendimento especial como se sua dificuldade de aprender fosse causada por serem surdas. Assim, afastadas das potências e heranças das comunidades surdas anteriores, as instituições escolares seguem concretizando, então, a exclusão. Uma exclusão não apenas dos estudantes do sistema formal de ensino, mas principalmente dessas crianças e desses jovens do direito de acessarem o conhecimento como ferramenta de existência para conhecerem e construir a si mesmos.

É necessário superar essas tensões e abrir novos espaços pessoais, nas instituições e nas redes tecidas neste tempo para que outras realidades aconteçam. Por isso, esta obra trouxe tantos convites a reflexões no decorrer de suas páginas. São convites para aquilo que os surdos, como coletivo organizado, apresentam como implicações a serem consideradas em relação à política de Educação Bilíngue de Surdos. Nesse reposicionamento, algumas questões ainda precisam ser consideradas, tais como:



LER EM
LIBRAS



Accese também pelo link:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLR05wt7PxbInh0z7zG5tzjSlqIUx28Ze>

1. Questão dos lugares de uso e representação das línguas diante do processo educacional fracassado e da proposta bilíngue constituída sob modelos surdos.
2. Interação interpessoal entre surdos (crianças, jovens, adultos e idosos) que compartilham não só uma língua em transformação, como também semelhanças e identificações nas vivências que acumulam – historicidade e trocas narrativas fundamentais para o desenvolvimento da cultura surda, identidade surda e da própria construção do conhecimento.
3. Aquisição da linguagem em idade adequada por meio de interações sinalizadas para garantir o livre acesso ao conhecimento humano tornando os estudantes surdos capazes de se construírem tanto como sujeitos de um grupo com identidade cultural própria e forte, quanto como cidadãos globais de uma sociedade cada vez mais conectada em rede.

O contexto escolar favorecido pela variação etária e pelo bilinguismo centrado na Libras possibilita que o aluno surdo siga a evolução linguística afirmativamente como surdo, compreendendo entremeios, dúvidas, conflitos e prazeres na complexidade da vida. Os assuntos de um adolescente não são os mesmos de uma criança surda, nem de um adulto surdo. Por outro lado, os conteúdos de Libras desenvolvem no aluno surdo níveis de correção e de competência linguística que refletem a complexidade do pensamento, assim como a construção de uma identidade sólida. Essa reformulação dos modelos que fundamentam a escola em uma perspectiva que centraliza a experiência e os saberes surdos torna a escola esse lugar onde ser “surdo”, tal como as normas de língua e cultura dispõem, é um valor e um meio de interação.

A Libras é uma língua viva, completa, com gramática, funções lexicais articuladas, emergência lexical própria, estruturas complexas; uma língua que soma características naturais e culturais das humanidades surdas. Esses saberes chegam para as crianças surdas pela imersão no cotidiano, em um processo de permanente evolução. Não há momento na vida de uma pessoa surda em que a Libras deixa de se apresentar em novos termos e novas formas de uso, assim como acontece com todas as línguas vivas, em todo mundo. A Libras é completa como língua para ensinar, uma língua que favorece as aprendizagens, motiva e provoca o desejo de aprender.

Ela permite o acesso a conhecimentos escolares e gerais, e possibilita a entrada de uma segunda língua, tal como deseja o bilinguismo que faz par linguístico da Libras com o português escrito. A Língua de Sinais é elemento de construção para desenvolver a identidade, a autonomia, a confiança em si; para acesso à cidadania e integração social, ao patrimônio cultural da humanidade e a uma história própria: a dos surdos.

Na medida em que não se pode falar de uma língua sem deslocar dela a cultura e a interculturalidade como sistema escolar partilhado de duas línguas (Libras e Língua Portuguesa) e culturas, salvaguarda a predominância da língua natural sobre a segunda língua.

No Brasil, esses saberes e o senso de identidade e cultura surda se amplificaram em rede pelo curso de Letras-Libras. Com polos em vários estados e videoaulas simultâneas, uma rede de difusão de conhecimentos surdos, entre surdos e em Libras fortificou algo antes inimaginado. Os surdos brasileiros sempre produziram coletivos em associações e instituições de diversas naturezas, mas tinham um acesso limitado aos bens da sua cultura surda, assim como às produções gerais de seu país. O curso de Letras-Libras, além de institucionalizar os cursos de licenciatura e bacharelado em Libras, incorporou os surdos de 17 estados brasileiros a universidades federais e criou uma comunidade acadêmica em Libras que antes não existia.

Ainda existem grupos isolados e com acesso a pouquíssimas produções. Há surdos em escolas, sem o direito de participar integralmente do que está acontecendo ao seu redor. A implementação de políticas educacionais baseadas em saberes surdos, acredita-se, pode fazer pelas crianças e pelos jovens surdos algo semelhante ao que as políticas para o Ensino Superior de surdos fizeram, até porque esse projeto do Ensino Superior tem como objetivo formar profissionais para atuarem no ensino de Libras, principalmente nas escolas brasileiras da Educação Básica.

Esse fato impulsionou a cultura surda em suas diversas formas de expressão: literatura, audiovisual, poesia, teatro, artes plásticas e outros. Incentivou a publicação de artigos científicos, dissertações e teses de autores surdos.

O movimento de insurgência dos saberes surdos é de escala global e age em microestruturas, buscando espaço em escalas e políticas maiores. A maior prioridade no trabalho da **Federação Mundial de Surdos (WFD, na sigla em inglês)** foi assegurar que os direitos humanos universais fossem realidade para as pessoas surdas em todo mundo. A **Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência** apresenta uma mudança de paradigma, de um modelo de deficiência

como doença para um modelo de deficiência como parte dos direitos humanos. As pessoas surdas têm direitos civis, políticos, sociais, linguísticos, econômicos e culturais com base na igualdade de todos. Isso requer, principalmente, o reconhecimento da identidade linguística e cultural das pessoas surdas. O princípio de proposições que incluem os anseios de diferentes grupos. O lema "**nada sobre nós sem nós**" é retomado nesta convenção e, novamente, o coletivo provoca o estabelecimento de políticas mais atuais que incorporem o estado da arte, tanto nas pesquisas, quanto nas demandas dos surdos.

Segundo Stumpf e Quadros,² no encerramento da **II Conferência Internacional da Federação Mundial de Surdos**, ocorrida em Sydney, Austrália, em 2013, a Federação Mundial de Surdos reafirmou seu compromisso de defender os direitos das pessoas surdas por meio de quatro políticas-chave:

- 1. Reconhecimento das línguas de sinais:** a língua de sinais é a linguagem primeira e natural das pessoas surdas. O reconhecimento das línguas de sinais é primordial para a promoção da igualdade às pessoas surdas.
- 2. Educação:** crianças surdas precisam ter acesso à educação para poder contribuir com a sociedade como adultos iguais. Elas têm direito a adquirir sua primeira língua natural, a Língua de Sinais, e a aprender em ambientes que a respeitem e valorizem. Elas têm direito à educação nos mesmos padrões de qualidade das crianças ouvintes.
- 3. Acessibilidade:** pessoas surdas têm direito a participar de todas as áreas da vida cotidiana com bases iguais às dos demais, em língua de sinais.
- 4. Interpretação em língua de sinais:** um fator chave para a acessibilidade é o direito à interpretação em língua de sinais. As sociedades devem criar sistemas que proporcionem acesso geral a intérpretes de língua de sinais.

O relatório designado pelo MEC para elaboração de subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue de Surdos (Libras/Língua Portuguesa), indica que a Educação Bilíngue de Surdos deve ser compreendida com base no Plano Nacional de Educação (PNE) para a década de 2014-2024 (Lei nº 13.005/2014), que determina ao poder público:

² STUMPF, M.; QUADROS, R. *Para além das políticas linguísticas: língua brasileira de sinais*. (no prelo.).

- “Garantir a oferta de educação bilíngue, em língua brasileira de sinais –Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, aos alunos surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência” (Meta 4, item 4.7).
- “Apoiar a ampliação das equipes de profissionais da educação para atender à demanda do processo de escolarização dos(das) estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, garantindo a oferta de professores(as) do atendimento educacional especializado, profissionais de apoio ou auxiliares, tradutores(as) e intérpretes de Libras, guias-intérpretes para surdoscegos, professores de Libras, prioritariamente surdos, e professores bilíngues” (Meta 4, item 4.13).
- “Apoiar a alfabetização das pessoas com deficiência, considerando as suas especificidades, inclusive a alfabetização bilíngue de pessoas surdas [...]” (Meta 5, item 5.7).
- “Desenvolver indicadores específicos de avaliação da qualidade da educação especial, bem como da qualidade da educação bilíngue para surdos” (Meta 7, item 7.8).

Os presentes referenciais, além de estarem de acordo com as metas e os objetivos das políticas públicas de educação e das determinações legais, ao propor um trabalho de maneira interdisciplinar, que relaciona multimídia e educação, no sentido de formar alunos surdos com as tecnologias de comunicação e informação, contribui com a sociedade, pois possibilita o desenvolvimento de metodologias visuais, necessárias à efetividade didática da Educação Bilíngue de Surdos.

A oferta de um ambiente linguístico para os alunos surdos é decisiva no desenvolvimento individual, na construção das identidades, no acesso ao conhecimento, no relacionamento social, no sucesso escolar e profissional, em todo o percurso futuro e no exercício pleno da cidadania.

Não se pode esquecer de falar, também, da família. As famílias dos estudantes surdos precisam de esclarecimentos. Elas precisam saber do potencial das crianças surdas de se tornarem um ser comunicativo. Precisam, ainda, ser orientadas a levar as crianças surdas ao contato com a comunidade surda para que adquiram

naturalmente a Língua de Sinais e possam crescer sendo respeitadas em suas diferenças.

Com muita alegria e satisfação a organização desta obra está concluída. Que ela seja referência consistente para práticas e revisões de postura dos professores de Libras, mas, principalmente, que a implementação e a renovação do ensino de Libras mudem a vida dos estudantes surdos deste país. Que este debate não termine aqui, mas que se transforme, pela prática ativa e crítica destes referenciais, na interação direta com os estudantes surdos.

Os movimentos surdos apontam a construção da história da educação dos surdos, uma história de superação, e não de deficiências, carências e faltas. **A Comunidade Surda brasileira se levantou e disse: “Esta é a educação que nós, surdos, queremos!”**. Esse é um texto no qual os surdos já apontavam sugestões sobre como os alunos poderiam ser potencializados por políticas educacionais consistentes. Alguns anos depois, este documento que você tem em mãos é, enfim, uma das respostas mais diretas a esse pedido.

Esta obra carrega o eco da vibração desprendida dos punhos erguidos de uma Comunidade Surda que veio antes de desta, que se sente movida por essa luta e atualiza esse desejo apontando, enquanto for necessário dizer, que as pessoas surdas ainda não estão exercendo seus direitos civis e de cidadãs, e nem o direito à educação, tal como se propõe pelo acesso à Educação Bilíngue de Surdos.

Que esta obra transforme as práticas de ensino, sua execução do chão da escola. Que essas práticas perpassem pela ética e pelo respeito aos surdos, levando surdos e ouvintes a uma postura de valorização da língua, da cultura e dos saberes surdos, pois foi com base nesses saberes que esta obra foi pensada.

Viva o poder surdo de se reinventar! Viva a escola que tem como se reinventar a partir das matrizes dinâmicas e poderosas já lançadas! Viva isso tão forte que hoje responde pelo nome de cultura surda!

Prof^a. Dra. Marianne
Rossi Stumpf



Prof. Me. Ramon Santos
de Almeida Linhares

The image is a monochromatic, abstract painting of a face. The face is rendered with thick, expressive brushstrokes in shades of gray. The eyes are large and prominent, with dark, swirling patterns around them. The background is filled with a dense, repeating pattern of small, dark dots. The overall style is reminiscent of a woodcut or a high-contrast print.

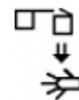
**INFORMAÇÕES
COMPLEMENTARES**



PEQUENO GLOSSÁRIO ALUSIVO DESTA OBRA

Conheça, em ordem
alfabética, alguns
termos importantes
para compreensão dos
Referenciais para o
ensino de Língua
Brasileira de Sinais
como primeira língua
na Educação Escolar
Bilíngue de Surdos

Texto redigido pelos organizadores da obra em parceria com as pesquisadoras Dra. Antonielle Cantarelli Martins (Instituto Ladd) e da Prof^ª. Dra. Francielle Cantarelli Martins (UFPe).



ARTISTA SURDO
HOMENAGEADO

Fabio Selanni, DF

Acessibilidade linguística

acessibilidade de conteúdos em vários formatos e contextos, principalmente por meio de tradutor intérprete de Língua de Sinais ou legenda em português.

Análise linguística da Libras

decomposição da Libras para facilitar a compreensão dos traços distintivos de sua estrutura.

Aquisição de linguagem

processo de desenvolvimento de uma língua com base na exposição natural. Expressão tipicamente utilizada para referir-se ao desenvolvimento da primeira língua (L1).

Aquisição tardia

aquisição de língua de sinais na fase posterior à da “janela de oportunidades”, acarretando consequências no desenvolvimento social, emocional e cognitivo de pessoas surdas.

Arbitrariedade das línguas de sinais

quando significado e significante são constituídos de maneira arbitrária; quando não há aparente relação preexistente entre o sinal e o que ele representa.

Áreas de conhecimento

Segundo a seleção proposta pela base curricular, são cinco as áreas de conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Ensino Religioso. Nesse contexto, a Libras inscreve-se como componente curricular na área de

conhecimento da Linguagem, mas também deve ser tomada como língua de instrução e comunicação para além dos tempos destinados ao estudo formal desta língua. Cada uma dessas áreas de conhecimento tem suas competências específicas como modo de desdobramento das competências gerais.

Arte Surda

expressões de surdos nas diferentes linguagens artísticas, como performance, literatura e artes plásticas.

Bilíngue

refere-se a uma situação envolvendo duas línguas.

Bilinguismo surdo

especificidade de bilinguismo caracterizado por conceitos específicos relativos à experiência visual dos surdos, à Língua de Sinais, à cultura surda e à relação com a língua majoritária.

Boia

sinais produzidos com a mão passiva mantida parada no ar, em dada configuração, enquanto a mão ativa continua a produzir outros sinais.

Campo de atuação

Contextos aos quais se deve orientar e problematizar o conhecimento para posicionar os saberes frente as diferentes realidades práticas e cotidianas. Desse modo, “a organização por campos de atuação [...] aponta para a importância da contextualização do conhecimento escolar, para a ideia de que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo,

precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes.” (BRASIL, 2018, p. 84).

Campos de experiência

Para que os estudantes da Educação Infantil (0 a 5 anos e 11 meses) possam aprender e se desenvolver no decorrer da Educação Infantil, a base propõe cinco campos de experiência relacionados a identificação de si e do outro, da percepção (de sua corporeidade e das formas de manifestação das coisas no mundo), das formas de expressão (pela produção e recepção de informações linguísticas) e da transformação desses elementos no tempo e no espaço. Os campos de experiência atuam como eixos da educação infantil propondo a progressão dos aspectos ao longo das três fases desse período escolar.

Classe bilíngue

Turma exclusiva de alunos surdos na qual a língua de ensino, instrução, comunicação e interação é a Libras, a ser ensinada como L1, e o português é ensinado em sua forma escrita, como segunda língua (L2).

Classificador

marcador de concordância de gênero: pessoa, animal, coisa; pode vir junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo.

Comunidade surda

espaço relacional onde surdos e ouvintes podem interagir, compartilhar vivências, experiências e informações.

Competências

Podemos compreender as competências como “objetivos” a serem mobilizados pelos estudantes da ordem de desenvolvimento do pensamento (consciência, imaginação e raciocínio) pela mobilização de *conceitos* e *procedimentos*. Condições a serem desenvolvidas por interações práticas e verificáveis na condição de suas habilidades associadas.

Competências Gerais: A base curricular brasileira hoje propõe 10 competências gerais que funcionam como fio condutor de toda Educação Básica.

Competências específicas de Área de Conhecimento: As 10 competências se desdobram e influenciam a elaboração de *competências específicas* para cada uma das cinco áreas de conhecimento.

Competências específicas do componente curricular: Por seguinte, para cada componente curricular (“disciplina”) estão dispostas um conjunto de competências próprias derivadas das estipuladas pela área de conhecimento.

Componentes curriculares

Cada área de conhecimento tem seus componentes curriculares. Esse conceito se aproxima do que antes chamávamos de “disciplinas”. A proposta de tomá-los como componentes de um corpo maior de conhecimento, vem do desejo de marcar a interdisciplinaridade e articulação total dos saberes orientados pelas competências gerais. Por isso, cada um dos componentes curriculares apresentará um conjunto de *competências específicas* desdobrados

diretamente dos contextos abertos pelas competências gerais.

Contato surdo-surdo

convívio entre pessoas surdas, imprescindível para a manutenção da cultura e aquisição de identidade.

Contato visual

ato de visualização imprescindível para comunicação em Língua de Sinais.

Cultura surda

conjunto de características que tornam uma pessoa parte da comunidade surda; caracterizada especialmente pelas línguas de sinais.

Datilologia/alfabeto manual

sistema de representação das letras dos alfabetos das línguas orais escritas, por meio de configurações de mão das línguas de sinais.

Deficiente auditivo

é a pessoa parcialmente surda; todo aquele que tem capacidade de ouvir, apesar de deficiente; tem audição funcional com ou sem prótese auditiva.

Desenvolvimento surdo

desenvolvimento específico de pessoas surdas, atravessado por questões linguísticas, identitárias e culturais.

Diferença surda

peculiaridade identitária, social e linguística das pessoas surdas.

Direitos de aprendizagem

Segundo a base, são “seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural.” (BRASIL, 2018, p. 37).

Educação Bilíngue de Surdos

modelo educacional que prima pela aquisição da Libras como L1 e a aprendizagem da Língua Portuguesa como L2. No contexto da Educação Bilíngue de Surdos, a Libras é a língua de instrução, ensino, comunicação e interação.

Escola bilíngue de surdos

é uma unidade escolar da rede regular de ensino, especializada na escolarização e formação integral de estudantes surdos, surdocegos, estudantes com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades/superdotação, assim como de surdos com deficiências associadas. O ensino oferecido nas escolas bilíngues de surdos é mediado pela Libras, que é primeira língua de instrução, ensino, comunicação e interação nessas escolas; além do português escrito, que é língua de instrução, ensinada como L2, de modo a atender às especificidades linguísticas dos estudantes.

Escrita de sinais

sistema de registro gráfico com símbolos que representam constituintes da Língua de Sinais.

Ensino de Libras

ensino de Libras com metodologia de L1 para surdos ou de L2 para ouvintes.

Espacial

o uso de espaço em torno do sinalizante para referir-se a pessoas, coisas e lugares.

Estudos surdos

campo disciplinar que conjuga estudos multidisciplinares no campo das Humanidades, que lida com o estudo sistemático dos fenômenos antropológicos, sociológicos e culturais emergentes nas comunidades surdas e da pessoa surda, em diferentes contextos. Uma área de conhecimento que se articula com a luta e os conceitos epistemológicos e ontológicos, questionando principalmente as interpretações pejorativas a respeito das pessoas, comunidades, línguas e culturas surdas.

Expressões faciais afetivas

conjunto ilimitado de movimentos faciais que expressam emoção; são contínuos e mostram larga variação; presentes também nas línguas orais.

Expressões faciais gramaticais

conjunto limitado de movimentos faciais com comportamentos categóricos ou discretos; componentes como escopo e forma são regras governadas e impostas pelos requisitos do sistema linguístico.

Folclore surdo

conjunto de costumes, lendas e manifestações artísticas preservado pelo povo surdo por meio da tradição e das línguas de sinais.

Gestos

ampla variação de movimentos (manuais, vocais ou faciais) fora do núcleo do sistema linguístico, usados para expressão.

Habilidades

Podemos compreender as habilidades como “objetivos” de ordem práticas a serem desenvolvidas pelos estudantes. Aptidões que expressam saber em agir no mundo a partir das competências e dos conhecimentos como ferramentas para viver no mundo. Apresentam-se como manifestação do desenvolvimento de competências por parte dos estudantes. Elas focam no poder de ação que o estudante terá com o desenvolvimento de certas competências.

Humor surdo

traço com dimensão cultural; chave para a compreensão da cultura surda; o humor e as piadas surdas mostram a valorização das línguas de sinais e da cultura surda.

Iconicidade das línguas de sinais

semelhança que o sinal tem em comum com o objeto que representa; significante motivado pelo representante no mundo real, fenômeno comum nas línguas de sinais.

Identidade surda

categorias múltiplas e heterogêneas de sujeitos surdos emergentes em um processo de identificação entre si.

Implante coclear

dispositivo neuroprotético implantado cirurgicamente que objetiva fornecer o senso de som a uma pessoa com perda auditiva neurosensorial moderada a profunda.

Interculturalidade ou intercultural

interação cultural recíproca, ou seja, entre culturas, enriquecendo o convívio e a integração com respeito pela diversidade e enriquecimento mútuo.

Letras-Libras

nome dado a curso de graduação nas modalidades licenciatura, que visa formar professores capacitados para lecionar Libras; ou bacharelado, que capacita para atuação como tradutor e intérprete de Libras.

Léxico/Lexical

(1) unidade lexical, palavra de uma língua oral ou sinal de uma língua de sinais; (2) lista de palavras ou sinais que uma pessoa adquiriu; (3) lexical é relativo ao léxico. O aprendizado lexical refere-se ao desenvolvimento da linguagem relacionada ao vocabulário.

Língua natural

língua que se desenvolve espontaneamente, em vez de ser inventada artificialmente, e que também é utilizada naturalmente para comunicação em uma comunidade de pessoas.

Língua de Sinais Americana

tradução de American Sign Language (ASL), língua visuoespacial natural da comunidade surda norte-americana e canadense.

Língua Brasileira de Sinais (Libras)

língua visuoespacial natural da comunidade surda brasileira.

Língua de sinais

língua visuoespacial natural das comunidades surdas.

Língua de sinais francesa

língua visuoespacial natural da comunidade surda francesa e de alguns países da África.

Literatura em Língua de Sinais

produção/tradução cultural que objetiva o acesso à literatura geral em língua de sinais. A literatura em Libras pode ser de origem surda ou não surda.

Literatura surda

manifestação dos sujeitos surdos como experiência cultural e das identidades surdas; literatura produzida por surdos, destinada aos surdos e/ou sobre os surdos.

Mímica

expressão de pensamento por meio de gestos, expressões corporais e fisionômicas.

Modalidade

canal por meio do qual uma língua é produzida e percebida: oral-auditiva (línguas faladas) ou gestual-visual (línguas de sinais).

Movimento Surdo

manifestação coletiva de membros da Comunidade Surda ou de suas organizações na defesa ou promoção de leis que garantam direitos dos surdos: linguísticos, educacionais, culturais, profissionais etc., e que levam ao reconhecimento dos surdos como pessoas com identidade, cultura e língua próprias, além de mudanças de aspectos tradicionais com relação aos surdos, expansão das políticas públicas que tratam de questões como: cultura, Língua de Sinais, educação bilíngue, intérpretes, direitos humanos etc.

Narrativa em Língua de Sinais

exposição de um acontecimento mais ou menos encadeado, real ou imaginário, por meio de uma Língua de Sinais.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento

“Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.” (BRASIL, 2018, p. 44).

Objetos de conhecimento

Os conteúdos estão organizados em *unidades temáticas*, que, por sua vez, incluem dois ou mais *objetos de conhecimento*. Estes desdobram-se em um conjunto de habilidades. São temas, conceitos e processo mais específicos dentre os saberes selecionados na composição das áreas de conhecimento e variam progressivamente ao longo dos anos escolares.

Primeira língua

a primeira língua (L1) ou língua nativa de uma pessoa.

Professor bilíngue

professor fluente em Língua de Sinais e Língua Portuguesa (oral e/ou escrita, quando possível) capacitado para atuar na Educação Bilíngue de Surdos.

Produção sinalizada

obras em Libras, produzidas em diferentes gêneros e propósitos, apresentadas em videolibras, como anúncios, listas de poesia, notícias, reportagens, contos e ensaios em vídeos ou escrita de Libras.

Pantomima

expressão de sentimentos e ideias por meio de gestos e atitudes, sem recorrer à palavra.

Pedagogia bilíngue

curso de licenciatura cujo objetivo é formar o educador bilíngue (Libras/Língua Portuguesa) apto a trabalhar com a educação de alunos

surdos, em sua primeira língua e com metodologias de ensino adequadas.

Pedagogia visual

pedagogia que considera a forma de o surdo aprender, ensinar e construir conhecimento por meio da experiência visual.

Povo surdo

grupo de surdos com costumes, história e tradições em comum; que constroem sua concepção de mundo por meio de experiências visuais.

Segunda língua

qualquer língua que uma pessoa aprende após aprender a primeira língua.

SignWriting

sistema de escrita de línguas de sinais, criado em 1974, por Valerie Sutton; expressa os movimentos, as formas das mãos, as marcas não manuais e os pontos de articulação que, combinados, constituem sinais escritos.

Sinais internacionais

Língua de Sinais artificial convencionalizada, utilizada especialmente em eventos ou competições internacionais. São incorporados sinais frequentes em diversas línguas de sinais e sinais icônicos.

Sinal-arte

sinais da língua de sinais utilizados para fins estéticos.

Sinal

item lexical, unidade da língua de sinais autônoma constituída de unidades fonológicas, morfológicas e semânticas.

Sinalário

obra que reúne o conjunto de expressões que compõe o léxico de determinada Língua de Sinais e/ou conjunto de sinais-termos de determinado texto em Língua de Sinais – recorrentemente utilizado para especificar um glossário/vocabulário em Língua de Sinais.

Sinalização

fala articulada em Língua de Sinais.

Sinalizante/sinalizador

expressão atribuída aos surdos e/ou ouvintes para adentrar a cultura surda como leitores falantes de línguas de sinais.

Surdo/a

pessoa que usa Língua de Sinais para se comunicar. Essa diferenciação com o ouvinte acontece pelo fato de o surdo não se comunicar por sons. Esse jeito diferente de ser produz a cultura surda, que comporta: Língua de Sinais, pedagogia surda (jeito surdo de ensinar e aprender), artes surdas, e história cultural, identidade, vida e experiências surdas.

Topicalização

fenômeno frequente na produção da Língua de Sinais; quando constituinte de uma oração, é deslocado para o início da frase; fenômeno estudado pela sintaxe das línguas de sinais.

Tradutor intérprete de Libras/Língua Portuguesa

profissional que realiza tradução/interpretação da Língua Portuguesa para a Libras e vice-versa, de maneira simultânea ou consecutiva, garantindo o direito linguístico dos surdos à acessibilidade, ao conteúdo e à comunicação.

Unidades mínimas das línguas de sinais

Configuração de mão: forma que a(s) mão(s) assume(m) durante a articulação do(s) sinal(is); *movimento*: trajeto que a(s) mão(s) descreve(m) no espaço; *localização*: ponto no espaço/corpo em que a(s) mão(s) se encontra(m) no sinal; *orientação da palma*: direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal. *Expressões não manuais*: expressões faciais e corporais que acompanham os parâmetros manuais modulando o significado.

Unidades temáticas

Uma estruturação adotada como um critério de organização dos *objetos de conhecimento* (“conteúdos”) de cada *componente curricular* (“disciplina”). Se apresentam no formato de grandes temas que organizam os componentes curriculares. As unidades temáticas funcionam como eixos pelo que se trata de temas que podem se manter ao longo dos anos escolares sendo progredido em complexidade na mudança dos seus objetos de conhecimento.

Sinais caseiros

crianças surdas sem acesso a uma língua padronizada costumam desenvolver sistema de sinalização caseira para se comunicar com suas famílias.

Sinais não verbais

no campo dos estudos sobre alfabetização em língua de sinais, os sinais não verbais se referem à sinalização típica de bebês surdos, especialmente caracterizada por apontamento e direcionamento de olhar não acompanhado de sinais específicos da Língua de Sinais do seu país.

Variações sociolinguísticas da Libras

variações de componentes da Libras no âmbito intralinguístico (lexicais, fonológicas, semânticas etc.) e extralinguístico (etária, regional, socioeconômica etc.).

Visualidade surda

experiência visual dos surdos, que se desdobra em uso de Língua de Sinais; uso de pedagogia surda que especifica o jeito de ensinar para surdos e o jeito surdo de aprender; também, a linguagem corporal que evoca uma diferença no jeito de ver, descrever e narrar o mundo.



Equipe desta obra



Conheça, em
ordem alfabética,
os/as pesquisadores/as
que compuseram a equipe
dos Referenciais para o
ensino de Língua Brasileira
de Sinais como primeira
língua na Educação
Bilíngue de Surdos

ARTISTA SURDO
HOMENAGEADO
NA CAPA
DESTA SEÇÃO

Marcos Anthony –
Belo Horizonte, MG

Aline Lemos Pizzio



Sou ouvinte, bacharel em Fonoaudiologia pelo Instituto Metodista de Educação e Cultura (IMEC, 1997) e licenciada em Letras Língua Portuguesa e Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, 2002). Fiz meu mestrado (2006) e doutorado (2011) em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), desenvolvendo pesquisas relacionadas à Língua Brasileira de Sinais (Libras). Sou professora da UFSC desde 2010 e atuo no Programa de Pós-graduação em Linguística, na linha de pesquisa Língua Brasileira de Sinais, desde 2016. Atualmente, coordeno o Grupo de Estudos Linguísticos da Libras (GELL) e participo do Corpus de Libras, ambos cadastrados no diretório CNPq. Minha pesquisa atual está relacionada ao mapeamento de teses e dissertações na área de linguística das línguas de sinais em programas de pós-graduação no país. Paralelamente, atuo no desenvolvimento do Banco de Sinais da Libras, como parte do projeto de Documentação da Libras. Além disso, estou iniciando um projeto voltado para a aquisição de língua de sinais como segunda língua. Tenho experiência na área de Linguística, com ênfase em linguística das línguas de sinais, trabalhando principalmente nos seguintes temas: aquisição de línguas de sinais, tanto L1 como L2; estudos linguísticos da Libras, principalmente aqueles voltados para morfologia e sintaxe; bilinguismo; e educação de surdos.



Bruno Gonçalves Carneiro



Sou ouvinte, professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Porto Nacional, no curso de Licenciatura em Letras-Libras e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Mestre (2012) e Doutor (2020) em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), graduado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2012) e em Fisioterapia pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM, 2006). Integro o Grupo de Pesquisa Língua Brasileira de Sinais, Cultura, Literatura e Educação de Surdos, da UFT. Trabalho com os seguintes temas: tipologia de línguas de sinais, descrição da língua de sinais brasileira e educação de surdos.



Carilissa Dall'Alba



Sou surda, professora assistente de Libras do Departamento de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, defesa em 2020), mestra em Educação pela UFSM (2013) e graduada em Letras-Libras – Língua Brasileira de Sinais pela UFSC (2010). Tenho experiência na área de educação de surdos, letras, cultura, linguística, movimento social, política linguística e demais assuntos relacionados com a educação de surdos. Atuo em várias ações sociais relacionadas com a comunidade surda e sou ativista/militante do movimento surdo pelas



melhorias da educação e da qualidade de vida do surdo. Coordeno o projeto de extensão e pesquisa Resgate Histórico de Movimento Surdo do Rio Grande do Sul.

Carina Rebello Cruz



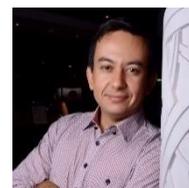
Sou ouvinte, graduada em Fonoaudiologia pela Federação de Faculdades Metodista do Sul. Formada em interpretação de Libras-Português/Português-Libras pela Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo (FENEIS) e pelo Núcleo de Pesquisas de Políticas Educacionais para Surdos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Letras-Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Doutora em Letras-Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, sou professora na UFRGS, do Departamento de Línguas Modernas, no Curso de Bacharelado em Letras, habilitação Tradutor e Intérprete de Libras (Libras-Português/Português-Libras), e no Programa de Pós-Graduação em Letras na linha de pesquisa Psicolinguística.



Charley Pereira Soares



Sou surdo, graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes, 2008), licenciado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2012), mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB, 2013) e doutorando em Linguística pela UFSC. Desde 2013, sou professor assistente do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa (UFV), onde leciono as disciplinas de Libras voltadas aos cursos de licenciaturas (presencial e a distância). Sou líder do Grupo de Pesquisas e Estudos Linguísticos (GPEL-Libras), tenho experiência e interesse por pesquisas na Libras que envolvam Lexicografia e Terminologia; Semântica e Pragmática; Linguística Textual; Multimodalidade; e Estudos Culturais e Linguísticos dos Surdos, atuando nas seguintes linhas de pesquisas: descrição e análise das línguas de sinais, e coesão e coerência das línguas de sinais – linguística textual sinalizada.



Cristiane Lima Terra Fernandes



Sou ouvinte, mulher, filha, irmã, esposa, mãe e amiga. Militante na comunidade surda. Profissionalmente, sou doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (2018), mestre em Educação Ambiental (2011), especialista em Educação de Surdos (2018), licenciada em Matemática (2015), bacharel em Ciências Contábeis (1997), capacitada para o Ensino de Surdos (2005) e técnica em Tradução e Interpretação da Libras (2006). Atualmente sou professora adjunta na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), ministrando disciplinas na área da Libras. Fui idealizadora, cofundadora e primeira diretora da Escola Municipal de Educação Bilíngue Profª. Carmen Regina Teixeira Baldino (RS). Desenvolvo pesquisas na área da formação de professores bilíngues para atuação na educação de surdos e na produção de materiais bilíngues, bem como no aperfeiçoamento do currículo da Libras como primeira língua. Dentre minhas preferências temáticas, estão: constituição de



identidades surdas, formação de tradutores e intérpretes da Libras, formação docente para atuação na Educação Bilíngue de Surdos na perspectiva das Neurociências e currículo da Libras como primeira língua.

Débora Campos Wanderley



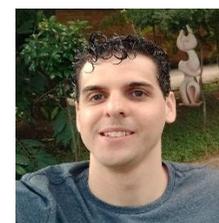
Sou surda, professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e coordenadora do curso de Letras-Libras Presencial. Pedagoga (2009), licenciada em Letras-Libras (2010), mestre (2012) e doutora (2017) em Linguística pela UFSC. Tenho experiência na área de Linguística, Tradução e Educação, com ênfase em Educação de Surdos, Libras e SignWriting, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de linguística, educação, escrita de sinais e tradução há mais de 10 anos de português para Libras/SignWriting. Membro da comissão de assessoramento técnico-pedagógico em Libras da DAEB/INEP e as traduções do Enem 2018 e 2019 em Libras.



Elias Paulino da Cunha Junior



Sou surdo, doutorando (2017) em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na linha de pesquisa Linguagem e Educação. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), franqueado com bolsa de estudo por meio do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (PROSUC). Mestre em Educação, stricto sensu, pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE-SP) na linha de pesquisa Políticas em Educação. Bolsista pela CAPES, franqueado com bolsa de estudo por meio do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (PROSUP). Proficiência no Ensino da Língua Brasileira de Sinais (PROLibras em Ensino) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES-RJ). Lato sensu em Educação Bilíngue para Surdos, pelo Instituto Surdez, Educação, Linguagem, Inclusão (SELI)/Faculdade XV de Agosto (FAQ XV). Formação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela PUC-SP/Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (DERDIC). Lato sensu pela PUC-SP em História, Sociedade e Cultura. Fui membro do Departamento de Pós-Graduação em Educação e Iniciação Científica pela UNINOVE-SP, e pela mesma instituição graduei-me em História (licenciatura), e em Pedagogia, pelo Instituto Brasileiro de Formação (IBF-SC)/Faculdade Integradas de Cruzeiro (FIC), e graduando em Letras-Literatura (licenciatura) pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Fui diretor da Associação dos Professores Surdos do Estado de São Paulo (APSSP), e atualmente sou professor pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e membro do Grupo de Trabalho de Libras (GT-Libras) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Tenho experiência na educação de surdos, atuando principalmente nos seguintes temas: movimento



político dos surdos; políticas educacionais para surdos; história e historiografia dos surdos; linguística em Libras; educação dos surdos e professores surdos.

Felipe Venâncio Barbosa



Sou ouvinte, graduado em Fonoaudiologia e doutor em Ciências da Reabilitação Humana, pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, sou professor doutor do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Atuo em atividades de ensino, pesquisa e extensão na graduação e no Programa de Pós-graduação em Linguística. Coordeno o Grupo de Pesquisa Língua de Sinais e Cognição (LiSCo), desenvolvendo pesquisas em colaboração com o Deafness, Cognition and Language Centre (DCAL), da University College London (Reino Unido), onde realizei estágio de pós-doutoramento, e com o Istituto Statale per Sordi Roma (Itália). Minha atuação tem foco na área de Linguística Clínica e Ciências Cognitivas, com atenção especial para estudos em processamento de linguagem, avaliação de linguagem e distúrbios de linguagem, voltados à Língua Brasileira de Sinais, assim como na área da Educação de Surdos, desenvolvendo atividades em parceria com escolas bilíngues da cidade de São Paulo e atuando na construção de currículos de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa para Surdos junto às Secretarias de Educação do Município de São Paulo e de Guarulhos.



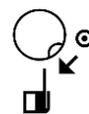
Francielle Cantarelli Martins



Sou surda, graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel, 2010), e em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2010). Especialista em Educação Inclusiva e mestra em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel, 2013), também doutora em Linguística pela UFSC (2018). Atualmente, sou professora adjunta de Libras na UFPel, coordeno o projeto de pesquisa Pedagogias Culturais Surdas: Educadores Surdos Refletindo sobre Práticas, Concepções e Possibilidades através da Tecnologia. Minha atuação tem foco na área de Linguística Aplicada e Educação com a Libras, assim como Educação de Surdos, Pedagogias Surdas e Terminologia em Libras.



Guilherme Nichols



Sou surdo, professor assistente na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), docente do Departamento de Psicologia (DPsi/UFSCar) atuando no curso de bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa (TILSP). Doutorando e mestre (2016) em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Licenciado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2012). Tenho experiência na área de Letras com ênfase em Língua Brasileira de Sinais, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura menor, literatura surda, Libras e educação de surdos. Aprovado em banca examinadora no Exame Nacional para Certificação de Proficiência na Língua Brasileira de Sinais – ProLibras UFSC/MEC. Fluente em American Sign Language (ASL).



Helene Schroeder Sanderson



Sou surda, designer, professora de Libras e de Sinais Internacionais. Atualmente cursando o mestrado em Educação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Concluí a graduação de Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2018). Sou pós-graduada em Libras e Educação Especial pela Faculdade Eficaz (2015). Graduada em Design Gráfico pela Universidade Paulista (Unip). Participo dos seguintes projetos da UFSM: Mãos Livres, Produções Culturais Surdas no Contexto da Educação Bilíngue para Surdos e Resgate Histórico de Movimento Surdo do Rio Grande do Sul. Editora, fotógrafa e cineasta. Diretora do Documentário *Inclusão, educação ideal?*, disponível no YouTube com mais de 20 mil visualizações.



Jair Barbosa da Silva



Sou ouvinte, formado em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2000), mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2006) e doutor em Linguística também pela UFAL (2010). Sou professor da UFAL desde 2013. Atualmente exerço minhas atividades no curso de Letras-Libras licenciatura e no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Faculdade de Letras da UFAL. Nesse programa, tenho atuado sobretudo com pesquisas e orientação envolvendo Libras, língua que constitui meu objeto de análise.



Juliana Lohn



Sou surda, graduada em Pedagogia a Distância pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC, 2006), licenciada em Letras-Libras a distância pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2011) e especialista em Educação de Surdos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC, 2008). Tenho formação em Matérias Didático-bilíngues (Libras-Português) pelo IFSC (2012) e sou mestre em Educação (CED/UFSC, 2015). Sou professora assistente na área de Ensino/Aprendizagem de Libras na UFSC desde 2013. Atuo como pesquisadora e orientadora de iniciação científica no Projeto Inventário de Libras da Grande Florianópolis (2014) e como pesquisadora colaboradora no Projeto de Pesquisa Inventário Nacional de Libras (2015). Integro o Grupo de Pesquisa Corpus de Libras do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e integro o Projeto Documentação da Libras, ambos sob a coordenação da professora Ronice Müller de Quadros. Sou coordenadora de Ensino de Libras na UFSC, na gestão de 2020 a 2022. Tenho experiência na área de Educação, com ênfase em Pedagogia, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, educação de surdos, comunicação em Libras, intérprete de Libras e aprendizagem de Libras. Tenho Certificação de Proficiência em Língua Brasileira de



Sinais – Libras na categoria usuários da Libras, surdos, com escolaridade de nível superior (2006).

Kátia Lucy Pinheiro

Sou surda, professora adjunta do Departamento de Letras-Libras e Estudos Surdos da Universidade Federal do Ceará (UFC). Colaboradora da Inventário da Língua Brasileira de Sinais da Região de Fortaleza (CE). Fui professora de Libras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutora em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2020), e pela mesma instituição, integro o Grupo de Pesquisa Corpus de Libras do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), sob a coordenação da professora Ronice Müller de Quadros. Mestre em Educação Brasileira pela UFC (2012), tenho também licenciatura em Letras-Libras pela UFSC no polo UFC (2010) e em Pedagogia pela Centro Universitário Christus (Unichristus, 2006). Sou intérprete e tradutora de Língua Portuguesa para Libras e de duas línguas de sinais. Tenho experiência na área de línguas de sinais, com ênfase em estudos da tradução e interpretação, política linguística, sociolinguística, geopolítica, educação, literatura surda e formação para professores e tradutores e intérpretes, atuando nos seguintes temas: legislações, Libras, línguas de sinais, tradução e interpretação bilíngue e plurilíngue. Sou membro da ABRALIN e coordenadora do grupo de trabalho de tradutor e intérprete surdo e guia-intérprete surdo de línguas da Febrapils.



Marcos Luchi

Sou ouvinte com graduação em Letras-Libras (2012), mestrado (2013) e doutorado (2019) em Estudos da Tradução, ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Sou intérprete de/para surdos há 12 anos. Membro do projeto Inventário da Língua Brasileira de Sinais. Atualmente sou professor adjunto da UFSC, com experiência na área de Linguística e de Estudos da Interpretação/Tradução.



Maria Mertzani

Sou ouvinte, graduada em Bachelor of Arts em Filosofia e Educação pela Universidade Aristóteles de Salonica-Grécia (1999) e MPhil (2003), com doutorado (2009) em Linguística Aplicada pelo Centre for Deaf Studies, da University of Bristol. Atualmente sou professora visitante no Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Tenho experiência na área de Letras, no ensino e aprendizagem das línguas (como primeira e segunda língua), com ênfase nas línguas menos ensinadas (línguas de sinais, minoritárias e antigas), atuando principalmente nos seguintes temas de Linguística e Linguística Aplicada: currículo e conteúdos programáticos; línguas de sinais; métodos de ensino das línguas; materiais e aprendizagem visual; simbolismo da linguagem; *translanguaging*; e formação de professores. Sou líder dos projetos de pesquisa na FURG: INST 15 – Currículo de



Libras como primeira língua (em Rio Grande); e PESQ 748 – Livros visuais para a aprendizagem das línguas.

Marianne Rossi Stumpf



Sou surda, graduada em Tecnologia de Informática pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA, 2000), e em Educação de Surdos pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc, 2004). Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio na Universidade de Paul Sabatier e na Universidade de Paris 8 (2001-2005). Tenho pós-doutorado pela Universidade Católica Portuguesa (2013-2014). Atualmente sou professora associada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professora de Pós-graduação em Linguística na mesma instituição. Vice-líder do Grupo de Pesquisa de Estudos sobre o SignWriting registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), líder do Grupo de Pesquisa Léxico e Terminologia em Libras: Tradução, Validação e Tecnologia, registrado no CNPq (www.glossário.Libras.ufsc.br). Tenho experiência na Educação de Surdos, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores de Libras, escrita de sinais pelo sistema SignWriting, traduções, terminologia de Libras, sinais internacionais e formação de intérpretes de Libras. Vice-presidente da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils, 2019-2023), membro da comissão de assessoramento técnico-pedagógico em Libras da Diretoria de Avaliação da Educação Básica (DAEB/INEP) e das traduções do Enem 2017, 2018 e 2019 em Libras, e representante da Sign Language Linguistics Society (2019-2021).



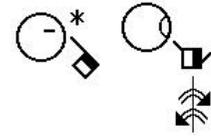
Marilyn Mafra Klamt



Sou ouvinte, professora adjunta na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Licenciada em Letras-Português e Literaturas (2003), mestre (2014) e doutora (2018) em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Sou pesquisadora assistente do projeto Sobreposição em Bilíngues Bimodais: Síntese de Línguas; do projeto Documentação da Libras; e membro do Grupo de Pesquisa Corpus de Libras do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), sob a coordenação da professora Ronice Müller de Quadros. Também sou membro do Grupo de Pesquisa Literatura em Língua de Sinais, sob a coordenação de Rachel Sutton-Spence. Sou coordenadora do Projeto de Extensão Contação de Histórias em Libras e Português, desde 2020. Tenho experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Brasileira de Sinais, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua Brasileira de Sinais, literatura, educação de surdos e linguística das línguas de sinais.



Marisa Dias Lima



Sou surda, doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU, 2018), mestre em Linguística pelo Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB, 2011), graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM, 2008) e graduada em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2010). Tenho experiência na área de Libras com ênfase em aquisição, formação e ensino; e estudos surdos, tendo por enfoque o ensino de Português como segunda língua na modalidade escrita, ensino bilíngue, política linguística e política educacional. Faço parte de dois projetos de pesquisas vinculados ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ): Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias (GPELEDT); pesquisas na área de Libras, Linguística com ênfase em Libras, Educação Especial e Educação a Distância; e Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas e Práticas em Educação Especial e Inclusão (GEPEPES). Atualmente, sou professora adjunta na UFU.



Maurício Barreto Silva



Sou surdo, ilustrador, poeta em Libras e em escrita de sinais pelo sistema SignWriting. Professor de escrita de sinais na Associação de Surdos Centro Educacional Especializado de Jequié (Bahia). Para ver meus trabalhos, acesse: <<https://www.youtube.com/user/deafmauricio/videos>>



Rachel Sutton-Spence



Sou ouvinte, com graduação em Bachelor of Arts in Experimental Psychology pela University of Oxford (1987) e doutorado em Linguística Aplicada, Estudos Surdos pela University of Bristol (1995). Atualmente, sou professora de Letras-Libras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tenho experiência na área de Letras, com ênfase em Estudos Literários, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, línguas de sinais, literatura surda, poesia e literatura sinalizada. Sou líder do Grupo de Pesquisa Literatura em Línguas de Sinais, na UFSC.



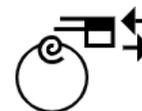
Ramon Santos de Almeida Linhares



Sou ouvinte, mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC, 2019). Graduando em Letras-Libras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atuando como monitor da disciplina de Escrita de Sinais (SW). Licenciado em Educação Artística: Dança pela Faculdade Angel Vianna (2011), com pesquisa em produção de artistas surdos brasileiros, produções simbólicas do corpo e formas de registro do gesto. Técnico em Publicidade e Propaganda pelo Liceu de Arte e Ofícios do Estado do Rio de Janeiro (2006) e servidor público federal no cargo de Tradutor/Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES/MEC). Atuo como diretor substituto no Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico gerenciando ações de pesquisa e extensão na Coordenação de Projetos Educacionais e Tecnológicos (COPET/DDHCT) do mesmo instituto. Membro da diretoria do Centro de Integração da Arte e Cultura dos Surdos (CIACS-RJ) e da comissão de assessoramento técnico-pedagógico em Libras da DAEB/INEP na supervisão de traduções do Enem em Libras nos anos desde 2017. Atualmente, realizo pesquisas nas áreas de Estudos Surdos, Estudos da Tradução, Filosofia da Linguagem, Arte e Cultura Surda, Movimentos Sociais Surdos e Educação Escolar Bilíngue de Surdos.



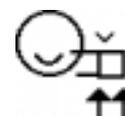
Rodrigo Nogueira Machado



Sou surdo, com bacharelado em Geografia pela Universidade Luterana do Brasil (2007), licenciado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2010), mestrado em Linguística pela UFSC (2016) e doutorando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2018). Professor adjunto da Universidade Federal do Ceará (UFC), colaborador de pesquisa da UFSC e membro da Comissão de Assessoramento Técnico-Pedagógico em Libras do INEP/MEC. Tenho experiência na área de Letras, com ênfase em Libras, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras; sociolinguística; línguas em contato; interpretação e tradução; e sinais internacionais.



Ronice Müller de Quadros



Sou ouvinte, professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) desde 2002, e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ - PQ1C), com pesquisas relacionadas ao estudo das línguas de sinais desde 2006. Pedagoga (1992), mestre (1995) e doutora (1999) em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com estágio por 18 meses na University of Connecticut (1997-1998) e pesquisas voltadas para gramática da Libras e aquisição da Libras. Tenho pós-doutorado pela Gallaudet University e University of Connecticut (2009-2010) com pesquisas relacionadas ao desenvolvimento bilíngue bimodal (crianças usuárias de Libras e Português, e crianças usuárias de ASL e Inglês), com financiamento da NIH e do CNPQ (2009-2014), e pós-doutorado na Harvard University com pesquisas em línguas de bilíngues bimodais (Libras/Português e ASL/Inglês), com financiamento do CNPQ (2015-2016). Responsável pela consolidação do Núcleo de Aquisição de Línguas de Sinais (NALS) na UFSC com dados longitudinais e experimentais de crianças surdas e crianças ouvintes bilíngues bimodais desde 2002, e pelo Grupo de Pesquisa Corpus de Libras (desde 2014), integrante do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ que está vinculado aos projetos de pesquisas envolvendo a documentação de Libras. Coordeno a consolidação do Inventário Nacional de Libras que inclui vários subprojetos para composição da documentação da Libras, contando com financiamento do CNPQ e do Ministério da Cultura. Também faço parte do Projeto de Sobreposição de Línguas em Bilíngues Bimodais, que conta com financiamento parcial da National Science Foundation (NSF), em parceria com a University of Connecticut, relacionado com o projeto com crianças bilíngues bimodais. Tenho experiência na área de Linguística, com ênfase em Psicolinguística e Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, aquisição da língua de sinais, bilinguismo bimodal, línguas de herança, educação de surdos e tradução e interpretação de língua de sinais



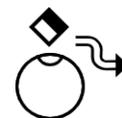
Shirley Vilhalva



Sou surda, professora na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Sou graduada em Pedagogia pelas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (atual Universidade Católica Dom Bosco/UCDB), mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade de Campinas (DINTER/UNICAMP/UFMS). Docente da Faculdade de Educação da UFMS, membro da Equipe de Estudo de Libras, nas áreas de concentração: Língua Brasileira de Sinais, educação de surdo indígena, cultura surda e família bilíngue e amigos de surdo.



Simone Gonçalves de Lima da Silva



Sou surda, com graduação em Pedagogia a Distância para Surdos pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc, 2006), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2008) e doutorado em Linguística Aplicada pela mesma instituição (2016). Tenho experiência na área de Educação com ênfase em Métodos e Técnicas de Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, ação docente, tradução e interpretação de Libras-Português, língua de sinais e cidadania. Sou líder dos Grupos de Pesquisa: Cultura, Educação e Tecnologias em Língua de Sinais (CETELS) e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Surdos (NEPES) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC); e membro do Grupo de Pesquisa Corpus de Libras do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Trabalho como professora de Língua Libras no IFSC, Campus Palhoça Bilíngue.



Sônia Marta de Oliveira



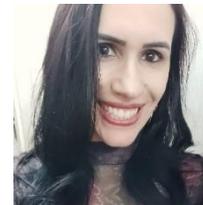
Sou ouvinte, pedagoga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), com especialização em Educação Infantil pelo Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais de Minas Gerais/Newton de Paiva, doutora em Educação pela PUC Minas, cofundadora do grupo Coda Brasil, membro do Movimento Surdo de Educação Bilíngue no Estado de Minas Gerais, coordenadora pedagógica do curso de Libras do Curato Nossa Senhora do Silêncio da Pastoral do Surdo da Arquidiocese de Belo Horizonte e professora da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (atualmente na educação de jovens e adultos surdos).



Vanessa Regina de Oliveira Martins



Sou ouvinte, professora adjunta II na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), atuando no curso de bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa (TILSP), atualmente coordenadora desse curso. Doutora (2013) e mestra (2008) em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduada em Pedagogia com habilitação em Educação Especial pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP, 2004). Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Universidade Integrada Espírita (Atualize/Unibem, 2007). Docente do Departamento de Psicologia (Dpsi/UFSCar), docente vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação Especial (PPGEEs/UFSCar); coordenadora do Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos, Subjetividades e Diferenças (GPESDi/UFSCar/CNPq). Pesquisadora colaboradora no grupo de pesquisa Surdez e Abordagem Bilíngue (UFSCar). Tenho experiência docente na área da Educação Bilíngue de Surdos (Educação Infantil e Ensino Fundamental I); na graduação e na pós-graduação (mestrado e doutorado); na formação de tradutores intérpretes de língua de sinais; na formação para educadores bilíngues de surdos e professores de Libras, bem como experiências como tradutora e intérprete de língua de sinais em diferentes esferas discursivas (intérprete generalista e educacional). Áreas específicas de estudos e pesquisas: filosofia francesa e Educação Bilíngue de Surdos.



ARTISTAS SURDOS/AS HOMENAGEADOS/AS NESTA COLEÇÃO

**Bruno
Vittal**

@brunovital_arte



**Gabriel
Isaac**

@isflocos

**Candy
Uranga**

@elmundodecandyuranga



**Klima
Coutinho**

@kilma_coutinho

**Coletivo
Corpo
sinalizante**

@corposinalizante



**Lucas
Ramon
"Tikinho"**

@ramonlucas028

**Fábio
Gonçalves**

@fotografo7fabio



**Marcos
Anthony**

@marcosanthonyoficial

**Fábio
Sellani**

@fabio_sellani_tutti



**Ralph
Odrus**

@odrusone



EDITORA ARARA AZUL

Rua A, Condomínio Vale da União, casa 20, Araras, Petrópolis – RJ – Brasil. CEP: 25725-055.

Celular/WhatsApp:(24) 98828-2148 | E-mail: eaa@editora-arara-azul.com.br

www.editora-arara-azul.com.br



COLEÇÃO
Ensinar e aprender em
Libras

**Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais
como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos:
*da Educação Infantil ao Ensino Superior***

REALIZAÇÃO



APOIO



PRODUÇÃO



VOLUME 02

